EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

131 Anos
Patrimônio da Paraíba

Ano CXXXI Número 281 | R$ 3,50

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 22 de dezembro de 2024

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106

Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106
Dados: 2024.12.20 23:20:46 -03'00'

INCENTIVO AOS NEGÓCIOS

Empreender PB atinge marca de R$ 36 milhões em investimentos

Valor ultrapassou a meta estabelecida para o ano e beneficiou mais de 4,1 mil pessoas no estado. *Página 4*

Foto: João Adelino/Aesa



Reservatórios estão prontos para a alta demanda do verão

Apesar do aumento no consumo de água, com a chegada da estação mais quente do ano, Aesa afasta risco de desabastecimento na Paraíba. *Página 5*

Concursos públicos em prefeituras paraibanas ofertam mais de 600 vagas

Cargos são para diversas áreas, em todos os níveis de escolaridade, com salários que variam de R$ 1,4 mil a R$ 11,2 mil.

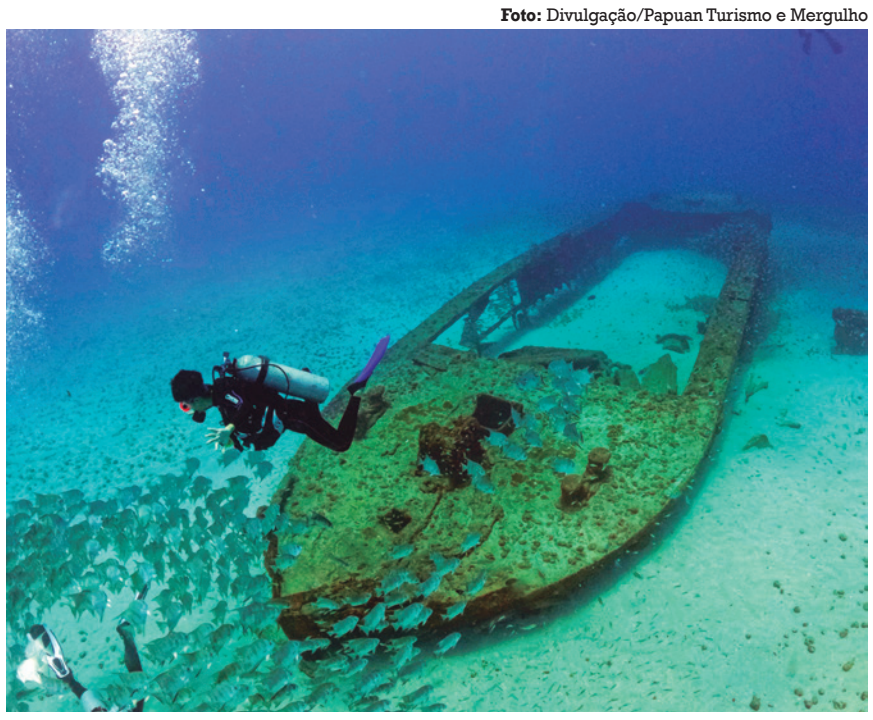
Página 16

■ "Há 25 anos, O Norte bancou pesquisa sobre essa mudança (do nome de João Pessoa). Deu 91% contra. Tenho isso anotado. Mudar para quê?".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Foto: Divulgação/Papuan Turismo e Mergulho



Mergulho na história da PB

Resquícios de embarcações naufragadas integram um rico patrimônio subaquático na costa paraibana e, além de tornarem-se refúgios de vida marinha, atraem o olhar curioso de turistas.

Página 8

Luta de Chico Mendes na Amazônia segue atual 36 anos após sua morte

Sindicalista dedicou a vida para proteger a floresta e os trabalhadores que dela tiram o sustento, até ser assassinado em sua própria casa, no Acre, em 1988. Seu legado inclui a chegada das escolas aos seringais, a resistência contra o trabalho análogo à escravidão e a mobilização pela preservação do planeta. O ambientalista tornou-se, ainda, um ícone do movimento dos povos tradicionais na relação com os territórios e com a ancestralidade.



Foto: Carlos Ruggi/Estadão Conteúdo

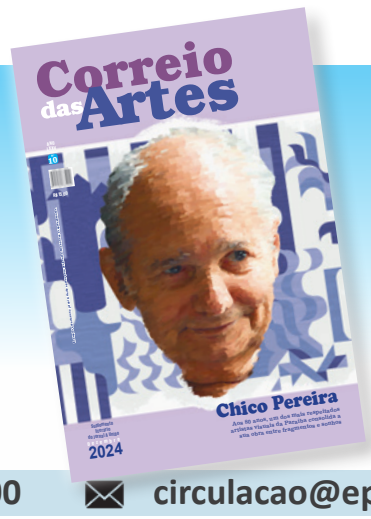
Página 20



Pensar

Saindo das definições colonizadoras para os encantados, o caderno especial destaca as origens da visão estereotipada da espiritualidade indígena e por que ela tem sido "folclorizada" pela cultura brasileira.

Páginas 29 a 32



Correio das Artes

Última edição do ano traz um panorama da trajetória de Chico Pereira, artista visual que completa 80 anos hoje. Desde as suas primeiras inspirações artísticas, o paraibano passou por diversas técnicas: um verdadeiro guardião da memória cultural da Paraíba.

Assine o Jornal A União agora: (83) 3218.6500 circulacao@epc.pb.gov.br

Editorial

Que o mundo possa

As mudanças climáticas estão na ordem do dia e suas consequências, cada vez mais traumáticas, estão a exigir das pessoas, de todas as sociedades do globo, maiores cuidados, para evitar que sejam vítimas de intempéries provocadas pelo desajustamento ambiental do planeta. Notícias dando conta de mortes causadas por temporais, por exemplo, são cada vez mais frequentes nos veículos jornalísticos nacionais e internacionais.

Aqui, um catamarã emborca em águas verdes tropicais; ali, uma árvore de Natal tomba em um lago de águas escuras, em razão, as duas ocorrências, das altas ondas insufladas por violentas rajadas de vento. São apenas duas tímidas amostras de um mesmo problema, o aquecimento global, se comparadas ao que aconteceu com o arquipélago de Mayotte, o pobre território ultramarino francês, destruído por um nada dócil ciclone.

Este espaço é curto, muito curto mesmo, para enumerar as tragédias que aconteceram, por exemplo, somente no ano que se despede, em várias regiões do planeta, ocasionadas por variadas formas de tempestades e seus opostos, como as secas prolongadas e as ondas de calor. Os prejuízos materiais somam trilhões de dólares, mas não há como precificar as vidas perdidas nos espasmos da natureza, agredida pela poluição.

Uma parte da população da Terra tripudia da questão, e a maioria, na luta pela sobrevivência, age de maneira alienada, no que diz respeito à crise ambiental. Já a minoria que tomou a defesa do planeta faz muito, mas tudo ainda é muito pouco, diante das calamidades oriundas das decisões tomadas pelos regentes da economia mundial, em tudo e por tudo contrárias à preservação das fontes geradoras de equilíbrio ecossistêmico.

Não bastassem os desastres hidrológicos, climatológicos e meteorológicos — secas e chuvas extremas, ciclones e incêndios florestais, inundações e desertificações —, tem-se ainda as agressões ao planeta e seus habitantes na forma de pelejas bélicas, a exemplo da invasão da Ucrânia pela Rússia, a guerra civil no Sudão e o massacre da população palestina por Israel, na faixa de Gaza, fatos que promovem a insegurança global.

As luzes do Natal, porém, foram novamente acesas, e bilhões de pessoas, espalhadas pelos quatro cantos do mundo, celebrarão, dentro em breve, o nascimento do Homem-Deus que, para elas, plantou a esperança no coração humano, na perspectiva da redenção da espécie. Que não só os cristãos, mas os fiéis de todas as religiões estejam certos, e o mundo possa, um dia, amanhecer naturalmente esplêndido e socialmente em paz.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A mentira como tática política

O nazista Joseph Goebbels entendia que uma das regras básicas da propaganda política é "repetir uma mentira para que se torne verdade", na percepção de que nossas mentes são presas fáceis para produzir ilusões. Por isso a mentira tem sido utilizada como uma arma política. Os meios digitais, algoritmos, redes sociais e plataformas, servindo para potencializar a falsificação dos fatos, produzir inverdades e promover manipulações.

Temos visto a mentira se alastrando como se fosse uma pandemia, com a massificação das chamadas *fake news* a serviço do domínio político. Maquiavel afirmava que "aquele que engana sempre encontrará quem se deixe enganar". É o que tem acontecido na contemporaneidade. A mentira sempre encontrará ouvidos receptivos. Freud, o pai da psicanálise, explica o comportamento das massas conduzidas como se fossem um rebanho: "Os grupos nunca ansiaram pela verdade. Exigem ilusões e não podem passar sem elas. Constantemente dão ao que é irreal precedência sobre o real; são quase tão intensamente influenciados pelo que é falso quanto pelo que é verdadeiro. Possuem tendência evidente a não distinguir entre as duas coisas". É comum vermos uma adesão passiva, provocada muito mais por paixões e instintos do que pela razão.

No Brasil, estamos vivendo um tempo crítico, com as mentiras espalhadas como método para o exercício do poder político, ameaçando a democracia no estilo indecoroso do "se colar, colou". A verdade não é apenas ignorada, é suprimida e, muitas das vezes, distorcida. O poder estratégico da mentira tornou-se potencialmente devastador para a democracia. O problema está na velocidade e na objetividade com que essas desinformações circulam.

A mentira programada ganhou força com o avanço da tecnologia, dificultando discernir o que é realidade e o que é manipulação. Lideranças políticas, com a maior desfaçatez, espalham informações falsas no aproveitamento dos contextos e dos medos da sociedade, incitando emoções e guiando o comportamento das pessoas. Isso faz com que seja gerado alto engajamento político, suscitando divisões entre grupos sociais e causando uma "cegueira ideológica" que inviabiliza enxergar a realidade, não admitindo faltar com a fidelidade ao grupo ou líder político que segue.

O jornalista Jamil Chade assim se manifestou a respeito: "Diante de um mundo repleto de incertezas e do questionamento constante da suposta normalidade, não é de se estranhar que aqueles desconfortáveis com o aparente mal-estar saiam em busca de promessas, certezas e de garantias, ainda que fabricadas e mentirosas. E nada mais confortável do que ler apenas o que queremos acreditar. Sem contraditório, sem desconstrução".

É preciso ter um olhar crítico sobre as notícias que recebe como forma de enfraquecer o impacto da mentira programada. E assim identificar os mentirosos contumazes e desmascará-los. Cabe a cada um de nós, cidadãos, tentar proteger o valor da verdade, para que o debate público seja novamente baseado na confiança e na responsabilidade. A propagação de mentiras e o negacionismo histórico e científico quase mataram a nossa democracia.

> **No Brasil, estamos vivendo um tempo crítico, com as mentiras espalhadas como método para o exercício do poder político, ameaçando a democracia no estilo indecoroso do 'se colar, colou'**
>
> Rui Leitão

Foto Legenda

Julio Cezar Peres



Encontro de fantasias

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O que iremos dizer ao Brasil?

Será pelo nome de João Pessoa que a fome ainda campeia às margens das nossas cidades? Por mais que se invista (e como se tem investido!), fica difícil encontrar lógica nessa impertinência para mudar o nome da nossa capital ou abolir o que lhe foi dado, não pelo colonizador, menos ainda pelo poderes oficiais, mas pela pressão voluntária de um plenário que extravasou das portas do Teatro Santa Roza para a maioria das praças e ajuntamentos públicos acompanhados por todo o país.

Eu era menino de grupo escolar e já me perguntava, olhando para o retrato de Getúlio em cada sala de aula, por que não botavam o de João Pessoa. Meu pai, simples agricultor, sem saber ler, sem ser eleitor, longe das oligarquias, parava o que estivesse fazendo ante qualquer menção ao presidente sacrificado. Se meu pai pagava imposto pela farinha e rapadura que vendia, por que os coronéis da política não pagavam? — era o que sentia na pele.

Ele, meu grande pai, cujo perfil tentei resgatar, chegara ao Brejo como retirante. Ele e irmãos e irmãs tangidos por outra grande seca que José Américo situa depois da de 1877. Traziam alguns cruzados do pouco algodão e do gado magro apurado e vieram se fazer nas terras escarpadas onde o latifúndio brejeiro não via futuro. Largados do Curimataú, nelas se fixaram na lavra do que as feiras do Cariri e Sertão mais pediam, que era farinha nova, quentinha na boca, sem a acidez da farinha do barco com que o império acudia os famintos da Parahyba, capital Parahyba. Os coronéis de terras e do poder plantavam cana; alternando com café; a mandioca apenas para a subsistência. E meu pai e seus irmãos, em terras que viçavam por enxada, já moendo e mexendo em sua própria casa de farinha. Torravam a do gasto e o excedente levavam às três feiras vizinhas, deixando amojar debaixo da terra a dos mercados caririzeiro e sertanejo. E haja tropeiro a descer de Picuí, Soledade, Juazeirinho, Taperoá para a apanha alvoroçada da farinha dos Avelinos.

Em 1930, os três irmãos já se viam independentes, cada qual em sua própria terra, livres do foro. Fabularam que meu pai, de repente, arrancara uma botija. E daí o engenho, as terras de cana conciliadas com o roçado da subsistência do morador.

Pagava o imposto com raiva expressa a D. Nininha, professora e ex-aluna de Augusto dos Anjos, que se encarregava da escrita exigida pela coletoria. E subia-lhe o sangue ao vê-la se queixar do atraso em meses do ordenado oficial. Isso até entrar o governo de João Pessoa. De D. Nininha, vinham, aos domingos, depois da missa, as pequenas e sucessivas histórias editadas pelas conversas da feira. Preso não devia comer de graça, pagava com trabalho ao ar livre e sem baioneta calada que os recolhesse. Um governo que recebia os pequenos e mandava chamar os grandes quando soltavam o gado na roça vizinha. Presidente que andava só, de mãos para trás, como sozinho foi surpreendido pelo tiro assassino. Os que estavam com ele no café não eram seguranças.

> **Nem com um paraibano na presidência conseguimos o porto à altura**
>
> Gonzaga Rodrigues

Há 25 anos, O Norte bancou pesquisa sobre essa mudança. Deu 91% contra. Tenho isso anotado. Mudar para quê? O que ganhamos com os 300 anos de Parahyba, capital Parahyba, além dos prédios do Tesouro, que o João de hoje vem restaurando, a Casa da Pólvora e a franqueza dos relatórios de Beaurepaire Rohan? A ponte do Sanhauá levou mais de 100 anos para dispensar os toros de angico que serviam de passagem. Nem com um paraibano na presidência conseguimos o porto à altura das necessidades de nossas exportações. Tudo saía pelas fronteiras, no mole.

É a partir de 1930, deflagrada com a morte de João Pessoa, que a Paraíba se impõe à consciência cívica de todo o país. O que iremos dizer ao Brasil?

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual ..... R$350,00 / Semestral ..... R$175,00 / Número Atrasado ..... R$3,00
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

JOÃO PESSOA

Evento valoriza artesãos e reflete a arte utilitária

Salão do Artesanato homenageará artistas que se dedicam à sustentabilidade

Marcelo Lima
marcelolimanatal@yahoo.com.br

A valorização do artesão que transforma papel em arte utilitária é o lema da 39ª edição do Salão do Artesanato Paraibano, que acontecerá entre os dias 10 de janeiro e 2 de fevereiro de 2025. O evento homenageará sete artistas. A enfermeira aposentada Socorro Souza, de 64 anos, é a única mulher da lista. Durante mais de duas décadas, ela dividiu o seu tempo entre os plantões em hospitais, flores de papel e outros produtos cuja fibra vegetal é matéria-prima.

Quando soube da homenagem, Socorro ficou surpresa. "Fiquei como quem sonha, porque, quando você está quieto, num canto, você nunca imagina que será lembrada", contou. No entanto, a artesã e enfermeira sempre teve uma vida marcada por uma irrequietude expressa na sua trajetória artística.

"Não suporto repetir [as criações]. É da minha índole. Eu não copio nem eu mesma. Eu tenho raiva disso. A mesma coisa sempre me aborrece", disse. Além das flores, Socorro produz pinturas no papel, mandalas, mapas (em parceria com o filho cartógrafo) convites de casamento e de aniversários. Nos Salões de Artesanato, os mais vendidos são os cadernos com capa de fibra vegetal e pastas.



Foto: Arquivo pessoal

Socorro Souza produz peças de artesanato há 26 anos

Ainda na infância, Socorro Souza produzia lembrancinhas de recém-nascidos para que sua tia, em Alagoas, vendesse na maternidade onde trabalhava. "Eu era muito pobre e queria ter minhas coisas", relembrou.

Sua habilidade manual também já foi reconhecida pelo Salão de Inventores da Assembleia Legislativa de São Paulo. No ano de 2000, placas translúcidas, criadas com fibra vegetal para substituir vidro em mesas de centro, destacaram-se nesse concurso. Ela até registrou patente desse modelo de utilidade.

Em outro episódio da vida adulta, o artesanato a ajudou enquanto passava por um momento delicado: o divórcio. "Eu tinha os meninos para dar conta. Então, era plantão e trabalho de arte. Mas eu nunca abandonei o artesanato, porque, quando a gente gosta de uma coisa, não adianta: você não solta. É amor mesmo, a primeira, segunda, terceira, quarta vista".

Saiba Mais

Homenageados do 39º Salão do Artesanato Paraibano

• **Babá Santana**
Produtos: *esculturas no imaginário do circo*

• **Carlos Apolônio**
Produtos: *esculturas e quadros*

• **Socorro Souza**
Produtos: *flores de papel de cana-de-açúcar, papel de fibra de abacaxi e outros do gênero*

• **Geo Oliveira**
Produtos: *papel machê, papietagem e objetos decorativos*

• **Dadá Venceslau**
Produtos: *reciclados em papel (esculturas e outros)*

• **Ednaldo Farias**
Produtos: *esculturas em papietagem*

• **Adriano Oliveira**
Produtos: *papietagem e peças de cabaça e jornal*

Feira reúne expositores de diferentes vertentes

O Programa do Artesanato Paraibano (PAP) prepara um espaço com mais de 6 mil m² e capacidade para 500 expositores, com uma amostra representativa de toda produção do artesanato paraibano: arte indígena; *biscuit*; bordado; brinquedos populares; cerâmica; cordel e xilogravura; couro; crochê; escama de peixe; fibras; *filet*; fuxico; labirinto; macramê; madeira; metal; mosaico; osso; papel machê; *patchwork*; renda renascença; tecelagem; e tricô.

Além disso, o estacionamento do Hotel Tambaú, local do Salão, terá também lanchonetes e bodegas paraibanas, com gastronomia regional e outros trabalhadores manuais. Para aumentar o conforto térmico, o espaço será climatizado com aparelhos de ar-condicionado e ventiladores.

O Salão ocorre duas vezes por ano, tendo como sedes as cidades de João Pessoa e Campina Grande, alternadamente. Em cada edição, há homenagens a artesãos de diferentes áreas.

Segundo a gestora do PAP, Marielza Rodriguez, o evento pretende atrair 100 mil pessoas nos 24 dias de trabalho à beira-mar. A organização estima cerca de R$ 4 milhões em negócios durante o período.

O Salão é uma realização do Governo do Estado da Paraíba, em parceria com o Sebrae, e conta com o apoio de diversas outras entidades, incluindo a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC).



Foto: Divulgação/Secom-PB

Cerca de 100 mil pessoas devem visitar a estrutura montada no estacionamento do Hotel Tambaú

■ Organização da mostra espera que mais de R$ 4 milhões em negócios sejam gerados entre os dias 10 de janeiro e 2 de fevereiro

Seleção

Para participar do evento, os artesãos, mestres e outras categorias de participantes passam por uma seleção. Para a 39ª edição do evento, os interessados em expor cumpriram exigências estabelecidas no edital de chamamento público nº 07/2024, publicado pela Secretaria de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico.

Cada categoria de participante (Artesão, Bodega, Lanchonete e Outros) apresentou uma documentação diferente. Os artesãos, por exemplo, precisam apresentar uma cópia da carteira nacional de artesão com registro no Sistema do Cadastramento do Artesanato Brasileiro (Sicab).

Os inscritos pleiteantes de um espaço no Salão são avaliados em critérios como: qualidade, beleza, acabamento, estética e referência cultural; gestão do negócio (diversidade de formas de pagamento, presença nas mídias sociais e boas referências de clientes); e documentação completa.

Todos os produtos devem ser produzidos e vendidos pelo artesão. Não há hipótese de participação de atravessadores — profissionais que compram determinado produto para revenda.

UN Informe DA REDAÇÃO

LUCIANO AGRA DARÁ NOME AO VIADUTO QUE LIGARÁ ÁGUA FRIA AO CRISTO

Repercutiu de forma bastante positiva, em João Pessoa, a decisão do governador João Azevêdo de sancionar lei que denomina de "Prefeito Luciano Agra" o viaduto em construção sobre a BR-230. A lei foi aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado. O viaduto, que ligará o bairro de Água Fria à Rua Ranieri Mazzili, no Cristo Redentor, está localizado nas imediações da Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas (Empasa) e dos Correios, na capital. A decisão foi publicada na edição de sexta-feira do Diário Oficial do Estado. A obra leva investimentos do Governo do Estado da ordem de R$ 48,6 milhões. Filiado ao PSB, Agra foi vice-prefeito da capital e, depois, com a renúncia do então prefeito Ricardo Coutinho para se candidatar a governador, em 2010, ele é empossado prefeito de João Pessoa em 31 de março daquele ano, permanecendo no cargo até 2012, quando sua gestão atingiu a marca de 70% de aprovação. Rompeu com Coutinho no momento em que, pretendendo ser eleito prefeito, o partido optou pelo nome de Estela Isabel. Morreu há 10 anos, em dezembro de 2014, após sofrer um acidente vascular cerebral hemorrágico (AVCH).

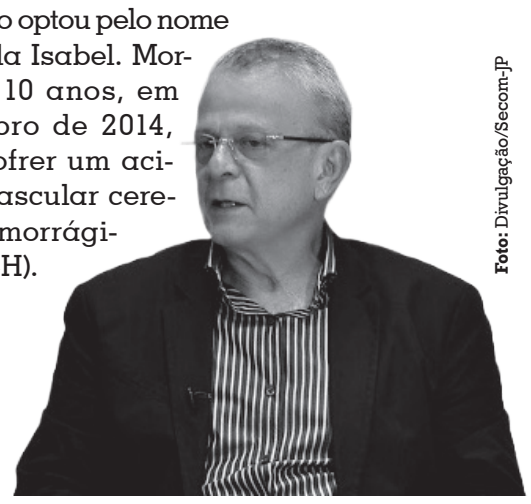


Foto: Divulgação/Secom-JP

COISAS ESTRANHAS

Um grupo de deputados federais bolsonaristas, tendo à frente — e ajoelhado — o paraibano Cabo Gilberto (PL), posou, sorridente, para uma inusitada foto: todos com dólares na mão, para criticar a alta da moeda. Parecia, no entanto, que estavam comemorando. Bem estranho. Em postagens no Instagram, Cabo Gilberto fez duras críticas. Um dos seguidores comentou: "Eu quero que chegue a R$ 10". Pelo visto, é torcida mesmo.

CENTRO HISTÓRICO

Comentário do prefeito Cícero Lucena sobre a revitalização do chamado Conventinho, no Varadouro, entregue na sexta-feira: "A revitalização foi pensada para ele ser um equipamento que vai marcar o novo Centro Histórico de João Pessoa. Com a criação do projeto Viva o Centro, fizemos uma parceria com o Governo do Estado e outros órgãos para dar uma nova vida a essa região da cidade. E já estamos conseguindo isso", destacou.

HOMENAGEM A LAUREANO

O secretário de Estado da Fazenda, Marialvo Laureano, comemorou o título Amigo da Defensoria Pública, que recebeu na última quinta-feira (19), em confraternização que contou com a presença do governador João Azevêdo. "O apoio do secretário da Fazenda foi importantíssimo para a Defensoria Pública continuar avançando e desenvolvendo o trabalho na Paraíba", frisou a defensora pública-geral, Madalena Abrantes.

JORNADA DECOLA MEI

O Sebrae está com inscrições abertas para a jornada Decola MEI, capacitação on-line e gratuita voltada para microempreendedores individuais. Com início em 13 de janeiro de 2025, o programa oferece cursos intensivos em segmentos como beleza, alimentação, moda, construção e transporte. As aulas ocorrem via WhatsApp, com consultores especializados, atividades interativas e certificação ao final.

HABILITAÇÃO SOCIAL

O Detran-PB e a Sedh divulgaram a 3ª chamada do Programa Habilitação Social (PHS), com 2.183 candidatos selecionados. A lista está disponível no *site* www.habilitacaosocial.pb.gov.br. O programa oferece, gratuitamente, ACC, CNH (categorias A ou B), adição, mudança e renovação de habilitação para pessoas de baixa renda. Os aprovados devem seguir o cronograma do edital para garantir a vaga.

TAC DEFINE NOVAS REGRAS PARA EMISSÃO DE CARTEIRA DE ESTUDANTE

O Procon Municipal de Campina Grande enviou ao Programa de Proteção e Defesa do Consumidor do Ministério Público da Paraíba a minuta do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), com as novas regras para a emissão da carteira de estudante 2025. Os termos do acordo foram decididos com representantes de entidades estudantis e do Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros do município (Sitrans), na última quinta-feira (19).

Fabrício Feitosa

Secretário do Empreendedorismo da Paraíba

"Em 2025, queremos atingir a marca de 4,5 mil pessoas atendidas"



Foto: Carlos Rodrigo

Gestor destaca a expectativa de ampliação dos investimentos e dos empreendedores beneficiados no próximo ano

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

As mulheres paraibanas ocupam a maior fatia de empreendimentos locais e maior preocupação com a qualificação do seu negócio, segundo o secretário do Empreendedorismo da Paraíba, Fabrício Feitosa. Em entrevista ao Jornal **A União**, ele ressaltou ainda o fortalecimento do empreendedorismo por meio do Circuito Empreender e da Feira de Empreendedorismo, eventos que têm se mostrado essenciais para conectar empreendedores, apresentar novas oportunidades e fomentar o desenvolvimento de diversos setores da economia paraibana. Fabrício também destacou a expectativa de ampliação dos investimentos e dos empreendedores beneficiados em 2025, além da promoção de novos eventos na área. "Nossa meta é ousada", resume o secretário. Confira, abaixo, a entrevista na íntegra:

A entrevista

■ *Quanto foi investido em 2024? Quantas pessoas foram beneficiadas?*

Conseguimos atingir a marca de R$ 36 milhões em investimentos para mais de 4,1 mil pessoas. Comparado aos anos da gestão do governador João Azevêdo, é um número recorde. A gente tinha uma meta de R$ 35 milhões e conseguimos ultrapassar essa meta. Em 2023, a gente emprestou R$ 32 milhões, R$ 4 milhões a menos que este ano, para beneficiar uma quantidade semelhante de pessoas. Então, para a gente, foi bem satisfatório conseguir fazer esse trabalho, apesar do período eleitoral que a gente também teve uma certa limitação, mas que acabou não atrapalhando tanto.

■ *Quais são as principais linhas de crédito oferecidas pelo Programa Empreender PB?*

São 13 linhas de crédito disponíveis hoje. O nosso carro-chefe é o empreender pessoa física, que é quando a gente abre as demandas espontâneas, no *site*, para os municípios, seguido pelo Juventudes, Profissional Liberal e Profissional Liberal Juventudes. Mas, para atendimentos específicos, a gente tem a linha Empreender Mulher, voltada para mulheres em situação de vulnerabilidade ou violência. Temos, ainda, a Linha Artesanato, em que a gente faz um trabalho muito forte durante os dois Salões [de Artesanato Paraibano], em João Pessoa e em Campina Grande. E temos outras linhas também específicas, como linhas de inovação tecnológica, de atendimentos culturais, para pessoa física e pessoa jurídica. Então, a depender da demanda e da necessidade, a gente vai encaixando em cada uma dessas linhas de crédito.

■ *Como ter acesso a essas linhas de crédito?*

As oportunidades são geradas a partir de um calendário que é feito no decorrer do ano inteiro, que é divulgado nas nossas redes sociais (Instagram: @empreenderpb) e pelo próprio governador. Mas o que eu sempre costumo recomendar é que as pessoas entrem lá no nosso *site*, baixem o edital do programa, entendam como é que funciona cada linha de crédito, para que elas estejam preparadas para quando as oportunidades acontecerem. Isso, inclusive, evita dificuldades em relação às documentações obrigatórias e às informações para a elaboração do plano de negócio. Essa preparação com antecedência faz com que a gente tenha mais sucesso quando as oportunidades chegarem e durante a entrevista com o técnico do programa. Nós temos como meta um prazo de 60 dias, do início até à conclusão do processo. Mas, muitas vezes, o prazo é aumentado por dificuldade na apresentação da documentação, que impacta todo o processo. Então, como eu falei, estar preparado antes, entendendo quais são as obrigações, o que precisa apresentar para se adequar a uma linha de crédito específica, vai ajudar muito a conseguir cumprir esse prazo.

■ *Atualmente, qual o perfil de quem busca linhas de crédito pelo Empreender PB?*

Por obrigação legal, as pessoas que têm acesso ao programa precisam ser residentes na Paraíba há, pelo menos, seis meses; precisam ser maior de idade ou menor emancipada, porque a gente está falando de crédito, ou pessoas jurídicas também estabelecidas na Paraíba há, pelo menos, seis meses. Isso é a regra básica. Hoje, a gente tem um perfil do tomador de recursos do empreendedor, que traçamos aqui de acordo com os relatórios que obtém. Em cerca de 60% dos casos, são mulheres, de 30 a 35 anos de idade, faixa de renda entre dois e quatro salários mínimos e também que se declaram a maioria parda. Se a gente for para as principais atividades que essas pessoas exercem, o comércio varejista é a principal, nas áreas de moda, vestuário, estética e beleza, e, em seguida, alimentação, restaurantes e outros estabelecimentos de alimentação. Temos uma linha de crédito específica para as mulheres, que é o Empreender Mulher, no qual tivemos um ganho significativo nos atendimentos. A Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana tem realizado uma parceria importante com a Secretaria de Empreendedorismo, no sentido de identificar as mulheres que têm perfil empreendedor e encaminhar ao Empreender para ser feito atendimento.

■ *De que maneira o programa Empreender PB tem impactado a inclusão de microempreendedores que não têm acesso a grandes instituições financeiras, especialmente nas comunidades em situação de vulnerabilidade?*

A própria linha Mulher é uma dessas iniciativas. Por meio dos serviços municipais, que identificam esses públicos vulneráveis, elas têm a possibilidade de sair da situação que se encontram. Os agentes municipais têm uma ligação direta com a equipe do Empreender e estão trabalhando no sentido de identificar esses públicos e indicar para atendimento no Empreender, por exemplo. Em uma ação em Dona Inês, fizemos um atendimento à comunidade quilombola de lá, onde o pessoal tem um potencial muito forte no artesanato, na culinária. Então, a gente organizou um grupo de pessoas que foram atendidas pelo Empreender e que estavam precisando só daquela ajuda final; já tinham o negócio formatado e só precisavam de investimento para acontecer. Hoje, existe uma rota turística muito forte na cidade, com visitas semanais e turistas brasileiros e estrangeiros, formada em parceria com a Secretaria Municipal do Turismo. E aí, nessa parceria, nessas trocas de experiências, a gente vai tentando estrategicamente fazer esses investimentos nesses arranjos produtivos.

■ *Há ações do Empreender PB para chegar aos municípios menores, como Dona Inês, que você citou anteriormente?*

Essa é a nossa provocação. A cada dois anos, o Empreender promove um evento chamado Empreender e as Cidades, um momento de chamamento dos gestores e técnicos municipais para uma troca de conhecimento e para consolidar, ainda mais, o empreendedorismo no nosso estado. Nós enviamos convite aos 223 municípios para, justamente, passarmos dois dias conversando sobre as potencialidades econômicas e empreendedoras das localidades. A gente está dialogando sobre essas questões, sempre em busca de fortalecer as parcerias e o acompanhamento dos empreendedores locais. Também temos o Circuito Empreender, um projeto que a gente criou justamente para que a gente possa estar presente nos momentos de maior movimentação das cidades. Foram 10 edições neste ano. A gente aproveita uma festividade que já existe naquele município e faz uma feira com vários empreendedores e clientes do programa. Em Cabaceiras, por exemplo, aproveitamos a Festa do Bode Rei e montamos a feira com cerca de 15 a 20 estandes de empreendedores. Também disponibilizamos uma sala de capacitação durante todos os dias do evento para aproveitar aquele público que já existe de turistas e de movimentação da cidade para que essas pessoas possam comercializar também. Em paralelo, a gente promove capacitações em empreendedorismo e gestão com os alunos da rede pública da cidade, com empreendedores locais, com o público que está visitando a feira. Assim, conseguimos reforçar as discussões e o espírito empreendedor das cidades.

■ *As visitas às escolas é uma das atuações do programa para atender o público jovem, que tem empreendido cada vez mais?*

Com certeza. Mas também temos uma linha de crédito específica para esse público. Há cerca de três ou quatro anos, a gente estabeleceu uma nova regra aqui no Empreender, para garantir que, pelo menos 30% do atendimento do programa fosse para a faixa de Juventudes. Então, quem tem de 18 a 29 anos entra automaticamente pelas linhas de Juventudes e Profissional de Juventudes. A gente também fez um trabalho muito forte com a Secretaria de Juventudes, por meio do Qualifica Juventudes, que é um projeto de qualificação para os jovens que estão entrando no mercado de trabalho. Ao sair dessas capacitações, os jovens também puderam ser atendidos pelo Empreender. Então, isso também ajudou a aumentar essa quantidade de jovens que tiveram acesso ao Empreender.

■ *O programa também promove a Feira de Negócios e Empreendedorismo da Paraíba (Fenemp). Como a iniciativa tem impulsionado o pensamento empreendedor dos paraibanos?*

Com a Fenemp, temos conseguido abrir espaço para partilhar experiências e divulgar os empreendedores contemplados pelo programa. Em agosto deste ano, realizamos a feira em Cuité, com 40 expositores, sucesso de público e de vendas. A ideia é que a gente faça pelo menos duas edições dessa feira e também fortaleça cada vez mais a presença do empreendedor em grandes eventos. O Paraíba Beach Games, neste ano, foi um exemplo disso, onde a gente aproveitou a estrutura da praia e a presença intensa do público, não só de turistas, mas dos próprios atletas e famílias de atletas. A gente posicionou um pavilhão com artesãos e com pessoal de gastronomia para aproveitar e fazer o negócio ali dentro. Então, a nossa estratégia também é de nos ligarmos a grandes eventos do Governo, para que os empreendedores tenham cada vez mais oportunidade de comercializar e colocar em evidência os negócios. Durante os dias do evento, os 28 expositores (de gastronomia e artesanato) faturaram mais de R$ 100 mil em vendas.

■ *Você citou o Sebrae como um dos grandes parceiros do programa. Mas há, também, participação da iniciativa privada nesse fortalecimento do empreendedorismo paraibano?*

Temos muitos diálogos com as associações. Antes de criar uma linha de energia solar no Empreender, a gente debateu bastante com a associação dos empresários da energia solar daqui da Paraíba, que nos ajudam a construir essa linha de crédito. Atualmente, também estamos em discussão com o polo moveleiro da Região Metropolitana de João Pessoa, que está crescendo muito; e a vinda do Polo Turístico Cabo Branco vai gerar uma demanda gigantesca desse segmento, e a gente já está pensando em trabalho em parceria, identificando quais os potenciais empresariais do ramo moveleiro para que o Empreender possa ajudar também com recursos. Então, a gente tem sempre buscado as entidades para entender as necessidades de cada segmento e saber como o Empreender pode atuar da melhor forma.

■ *A cachaça e o queijo são dois produtos que a Paraíba tem exportado. De que forma o Empreender tem atuado nesse processo?*

Nós já temos alguns clientes que são do ramo da cachaça. Mas também temos debatido com o secretário Joaquim Hugo, secretario do Estado de Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca, e com o governador João Azevêdo sobre a criação de uma linha específica para o agronegócio do nosso estado. Seria tanto para o pequeno agricultor, que demanda uma necessidade de se regularizar para a obtenção de selos de inspeção — principal gargalo atualmente — quanto para o agronegócio. Então, a gente tem buscado fortalecer essa questão por meio de uma nova linha de crédito que a gente pretende lançar até o ano que vem, embora o Empreender já esteja atuando nessa área. O Brasil Cachaça, por exemplo, teve recurso do Empreender para a sua realização, que, inclusive, tomou uma proporção nacional e já tem levado o nome das cachaças da Paraíba para o Brasil inteiro. Lá dentro funcionou o Salão do Queijo, no qual o Empreender também atuou para que os produtores pudessem expor, com os *freezers*, a questão de climatização para que eles pudessem estar com o armazenamento do queijo. E algumas cooperativas de produção de queijo, por exemplo a Capribom, do Cariri, também são clientes do Programa Empreender há muitos anos e a gente tem ajudado a evoluir esses negócios.

■ *E para 2025, quais as perspectivas?*

Nossas metas do ano que vem são bem ousadas, com a expectativa de ultrapassar R$ 40 milhões em investimentos em créditos para os empreendedores da Paraíba, além de atingir a marca de, pelo menos, 4,5 mil pessoas atendidas. Temos uma expectativa de um ano muito forte, muito trabalho e realização de eventos que têm se fortalecido a cada ano por demanda dos próprios municípios. Em 2025, a gente pretende evoluir também nesse sentido, chegar a mais cidades com o Circuito Empreender, com a nossa Feira de Negócios também, e, ainda, nas parcerias com as instituições, como o Sebrae, por exemplo. E a gente vem fazendo um trabalho muito forte em parceria com o Sebrae e tem gerado muito resultado por toda a Paraíba, onde unimos a *expertise* nacional de atuação do Sebrae e nossas oportunidades de linhas de crédito.



Fotos: João Adelino/Aesa

Dos 135 reservatórios de água, dois estavam sangrando, 91 em situação normal e 19 em observação; açude Boqueirão (acima) abastece Campina Grande e região e apresentava 51,1% de volume

NO VERÃO

Reservatórios atenderão a demanda

Mesmo com o período de alta temperatura e maior consumo de água, equipe da Aesa descarta crise hídrica

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

Mesmo com a alta temperatura registrada nas últimas semanas, com a chegada do verão e das férias e, consequentemente, com o maior consumo de água, não há risco de crise hídrica na Paraíba. Essas são as palavras do gerente de Hidrometereologia e Eventos Extremos da Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba (Aesa), Alexandre Magno. O estado conta com 135 reservatórios de água — como açudes e barragens.

De acordo com o monitoramento do órgão, realizado em 17 de dezembro, a Paraíba apresentava dois reservatórios sangrando: os açudes Poções e São José II, localizados no município de Monteiro. Ainda havia outros 91 em situação de normalidade e mais 19 em estado de observação. "De um modo geral, estamos em situação confortável. O período chuvoso foi normal, acima da média em muitos pontos. Apresentou certa irregularidade no final, mas nada que trouxesse situação crítica. O estado não tem passado por esse tipo de situação nos últimos anos. Nós podemos ter uma situação crítica, por exemplo, se até março não chover", coloca Magno.

Ele acrescentou que, "se a partir de março, ou meados de abril, não ocorrerem as chuvas de recuperação, grande parte dos reservatórios da região semiárida — que são de pequeno porte — entra em colapso". "Aí haveria uma situação crítica para essa região, em virtude da falta de aumento do reservatório. Mas que ainda não ocorreu. A situação crítica se caracterizaria mais entre um período de chuvas e outro", coloca.

Os 23 reservatórios restantes, quase 20% do total existentes no estado, estavam indicados pela Aesa como em "situação crítica". Porém, Alexandre explica que eles não necessariamente afetam o abastecimento da população ou isso significa que a reserva está com algum problema. Ele contou que há reservatórios pequenos, feitos para durar cerca de um ano. Isso não quer dizer que a área sofrerá sem água, mas que a "situação crítica" faz parte da vida útil da reserva.

"Reservatórios podem ser de pequeno porte e serem construídos pra suportar apenas um ano. Essa é a capacidade dele para o local. Não significa que vá passar dois, três anos cheio, de forma nenhuma. E, quando você aumenta o consumo, essa capacidade de evoluir para volumes baixos aumenta mais rápido. Não dá para pegar um reservatório de 10 mil m³ e dizer que ele está em situação crítica. Não, ele está na situação normal dele. Só que está seco", explica o gerente.

Evaporação impacta mais do que o consumo humano

O gerente de Hidrometereologia e Eventos Extremos da Aesa, Alexandre Magno, afirmou que o grande problema do verão para as estações hídricas não é o impacto do aumento do consumo de água nos reservatórios, como pode-se pensar, mas o nível de evaporação. "O consumo humano é desprezível em relação à evaporação. Por outro lado, há uma maior evaporação durante o verão, e isso equivale, relativamente, ao dobro ou triplo do impacto do consumo humano no reservatório", explica Alexandre.

De todo modo, após a estação mais quente do ano, é comum a regularidade das precipitações de chuvas para repor o volume evaporado e utilizado pela população. No caso do Cariri, Curimataú e Sertão, os meses de chuvas são de fevereiro a maio. De abril a julho, por sua vez, é o momento de mais precipitações no Agreste, Brejo e Litoral. Segundo Alexandre, desde 2020, a quantidade de chuva tem ajudado muito a Paraíba. "De 2020 até agora, nós entramos em um período de abundância de recursos hídricos e de chuvas acima da média. A variabilidade de chuva do Nordeste é comum, mas esse período que vem desde 2017, quando ocorreu a última grande estiagem, nós tivemos períodos normais e acima da média, de 2018 a 2020. 'Acima da média' não significa a plenitude da recuperação dos reservatórios, mas sim uma situação mais confortável", declara Magno.

Capital e CG

No dia 17 de dezembro de 2024, o *site* da Aesa indicava que o Açude Gramame/Mamuaba, que abastece a Grande João Pessoa, constava de cerca de 70% de volume, enquanto Boqueirão, que abastece Campina Grande e cidades vizinhas, marcava 51,5% de volume. "A situação de Gramame/Mamuaba e Boqueirão está muito confortável, com volumes acima de 50%. Boqueirão entrou em colapso faz 10 anos, praticamente, mas hoje alcançou a chamada redenção hídrica. Boqueirão não tem problema de abastecimento de colapso urbano para Campina Grande, já que ele está dentro do Rio São Francisco, com a vazão mínima de 2 a 4 m/s [metros por segundo], completando a água que sai do reservatório", coloca o gerente.

Maiores Reservatórios

Confira alguns dos maiores reservatórios de água da Paraíba:

- Barragem Coremas/Mãe d'Água: localizada no Sertão e com capacidade hídrica de mais de 1,3 bilhão de m³, a maior do estado e a quinta maior do Brasil;
- Açude Epitácio Pessoa, mais conhecido como Boqueirão, localizado no Cariri e responsável por abastecer Campina Grande e cidades vizinhas, com mais de 400 milhões de m³;
- Barragem Engenheiro Ávidos, ou Boqueirão de Piranhas, em Cajazeiras, com capacidade em torno de 255 milhões de m³;
- Açude Argemiro de Figueiredo, ou Acauã, no município de Itatuba, abastece o Agreste, e reúne, aproximadamente, 253 milhões de m³;
- Açude Gramame-Mamuaba, que abastece a Grande João Pessoa, com 56 milhões de m³;
- Barragem de Farinha, em Patos, com mais de 25 milhões de m³ de capacidade;
- Açude Marés, também responsável por abastecer a Grande João Pessoa e que condensa cerca de 2 milhões de m³.



Açude Acauã, no município de Itatuba, abastece o Agreste e reúne cerca de 253 milhões de m³

GRADUAÇÃO

Sobe procura por curso de Psicologia

Levantamento do Inep mostra que número de matrículas na área aumentou 112,4% entre os anos de 2010 e 2021

Carolina Marques de Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com



Ilustração: Bruno Chiossi

Segundo pesquisa do Censo Federal de Psicologia de 2022, 53,6% dos profissionais em atuação no país se formaram após 2010

Uma pesquisa do Censo Federal de Psicologia de 2022, que ouviu mais de 20 mil profissionais da área em todo o Brasil, detectou que mais da metade (53,6%) dos psicólogos em atuação no país se formaram depois de 2010. Esse dado reverbera outro, o do Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que mostra a alta na procura por cursos de psicologia, entre 2010 e 2021, com aumento de 112,4% no número de matrículas nessa graduação.

Pelo que se observa nos consultórios, a Paraíba segue essa tendência. Segundo a presidente do Conselho Regional da 13ª Região (CRP-13), Alcira Teotônio, no estado, há cerca de 8,4 mil profissionais com inscrição no conselho de classe, sendo 6.823 psicólogas e 1.319 psicólogos.

Alcira atribui a maior demanda na profissão a alguns fatores, sendo dois principais. Um deles é o entendimento contemporâneo sobre a área, a "desmistificação da ideia que existia, anteriormente, de uma Psicologia voltada a essa questão mais biomédica, mas que mudou e passou a ter uma "compreensão de que a Psicologia olha um ser que está em relação com o mundo".

Nesse contexto, questões sociais, habitacionais, de trabalho e de relações interpessoais, passam a ser consideradas no processo de entendimento dos sofrimentos psíquicos. "Quando se olha e se entende essa psicologia que está em diversas áreas, que está de fato compreendendo o ser na sua singularidade, que está [constantemente] sendo afetada por diversos fatores, isso faz com que as pessoas se interessem pela área da Psicologia", completa.

Um segundo fator apontado por Alcira é o fato de a Psicologia ter angariado maior atenção, especialmente por parte de gestores públicos e por meio da maior inserção de profissionais da categoria em diferentes espaços. "Muitas políticas públicas já estão abraçando profissionais da Psicologia nas equipes multiprofissionais", contou. Ela acrescenta que "também podemos entender a Psicologia nesse lugar de pensar políticas públicas", atribuindo avanços à presença de profissionais da área "nos diversos assentos dos conselhos municipais e estaduais, que vão estar de fato olhando como estas ações estão sendo executadas".

Gênero

A pesquisa do Conselho Federal de Psicologia também foi pioneira no levantamento de dados sobre orientação sexual, de gênero, raça e deficiência. Segundo a pesquisa, a profissão é, predominantemente, feminina, com 79,2% das participantes mulheres e 20,1% de homens. Sobre o perfil jovem, 50% das(os) profissionais têm idade até 39 anos. A presidente do CRP-13 destaca esse cuidado da pesquisa, mencionando a relevância de se conhecer profundamente as pessoas que compõem a profissão na atualidade e estabelecendo que "entender quem está na linha de frente das ações da Psicologia é também compreender o compromisso que temos com a nossa própria categoria". Segundo ela, ao conhecer as pessoas que estão fazendo a psicologia nas diversas regiões, é possível melhor idealizar ações orientativas.

De acordo com Alcira, o fato de a Psicologia ser ainda majoritariamente de perfil feminino, advém, principalmente, "da questão histórica do cuidado, que vem, de uma certa forma, sendo realizado por mulheres". Ela argumenta que, se pensarmos, por exemplo, em profissões como Pedagogia, Enfermagem, Psicologia, "percebemos que a grande maioria das pessoas que as compõem é do público feminino. Porém, com a desmistificação desse cuidado, é possível perceber a procura dos homens pela profissão.

A psicóloga também pontua a importância da valorização e respeito à diversidade por parte da pesquisa. "Percebemos, de acordo com a mudança das perspectivas de vida e da diversidade de identidades de gênero, pessoas LGBTQIAPN+ se fazendo presentes na psicologia. Isso é de muita alegria para nós, porque condiz com a nossa responsabilidade social com a democracia. A psicologia está, extremamente, integrada com a diversidade e as formas de ser, de viver e de estar no mundo".

Região

Um outro elemento analisado pelo Censo foi o quesito geográfico, segundo a apuração, as(os) profissionais estão mais concentradas na Região Sudeste do país, sendo que somente o estado de São Paulo reúne 28% das psicólogas e psicólogos inscritos. A Região Nordeste vem em segundo lugar no *ranking* com 26% dos participantes, seguida do Sul e do Centro-Oeste, e por fim o Norte, região com o menor número de profissionais no país.

Foto: Arquivo pessoal



Muitas políticas públicas já estão abraçando profissionais da psicologia nas equipes multiprofissionais

Alcira Teotônio

Diversas profissões oferecem abordagens terapêuticas

Na busca por tratamento e acompanhamento profissional da saúde mental, diferentes profissões oferecem opções de abordagem terapêutica: a Psicologia, a área da Psicanálise e também a Psiquiatria. É fundamental o alinhamento entre o escopo de atuação de cada profissional e as necessidades e expectativas de cada paciente, incluindo a integração de terapias para um tratamento mais completo.

Como estabelecido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), possui habilitação para o exercício da profissão de psicóloga(o), o "profissional formado em Psicologia e com inscrição ativa no Conselho Regional de Psicologia do Estado em que atua". Sobre as atribuições profissionais, o referido conselho também detalha que a(o) psicóloga(o) "aplica conhecimento teórico e técnico da Psicologia, com o objetivo de identificar e intervir nos fatores determinantes das ações e dos sujeitos, em sua história pessoal, familiar e social, vinculando-as também a condições políticas, históricas e culturais".

A função da(o) profissional da área compreende ainda o psicodiagnóstico e o atendimento psicológico; agindo "na prevenção e no tratamento dos distúrbios psíquicos" e "atuando para favorecer um amplo desenvolvimento psicossocial".

A Psicanálise, por outro lado, apresenta-se como um campo de conhecimento e investigação do sujeito psíquico. A Sociedade Psicanalítica da Paraíba (SPP), em sua página, resume que a psicanálise é "um método de investigação do inconsciente, uma prática terapêutica e uma teoria sobre o psiquismo humano". A formação se dá por cursos livres de Psicanálise, que possuem duração de cerca de dois anos e são ofertados por instituições com regulamento, como a própria SPP. Os ingressantes devem possuir formação superior prévia, prioritariamente, em uma área de conhecimento afim. Ainda sobre o assunto da regulamentação profissional no país, a Federação Brasileira de Psicanálise aponta que, "no Brasil, a psicanálise é um ofício, não é uma profissão, não há legislação que a regulamente, assim como há raros exemplos de países que têm lei específica para esse objetivo".

A Psiquiatria, no contexto do atendimento à saúde mental, diferencia-se por se tratar de uma especialidade médica. Atuar na área exige uma formação no Ensino Superior em Medicina e a residência em Psiquiatria. Somente este tipo de especialista pode prescrever medicações, sendo, portanto, a procura mais indicada quando a necessidade de diagnóstico, tratamento e cuidado está voltada para a presença ou suspeita de transtornos, distúrbios e diversas formas e condições de adoecimento mental.

Por se tratar de uma especialidade médica, a Psiquiatria tradicionalmente "vai estar sempre ligada aos aspectos relacionados a tratamentos", afirma o psiquiatra Sillas Duarte de Melo. Ele observa que a procura por este profissional ocorre diante da "suspeita de algum tipo de adoecimento mental. Normalmente, esse adoecimento virá acompanhado de uma série de mudanças de comportamento, sensações e pensamentos que diferem do comportamento habitual do indivíduo.

No contexto de um processo de adoecimento, ele defende que "é muito importante, inclusive, que os profissionais de ambas as áreas atuem em conjunto. Diferentemente do que algumas pessoas pensam, ou eventualmente até alguns profissionais queiram fazer parecer, a atuação do psiquiatra e do psicólogo deve ocorrer de forma conjunta, no sentido de restabelecer a saúde mental daquele indivíduo.

Saúde mental é o pilar para uma vida saudável

A preocupação com a saúde mental se consolida, na atualidade, como uma prioridade para crianças, jovens e adultos, e é compreendida consensualmente como pilar fundamental de uma vida funcional e saudável. O debate sobre essa temática tem sido tratado de maneira mais aberta e séria, e a contrapartida nesse cenário, além da alta no número de formandos, é a maior naturalização da procura por tratamento especializado. Para o psiquiatra Sillas Duarte de Melo, "já antes da pandemia, desde a última década dos anos 2010, a sociedade civil já vinha num movimento de crescente sinalização de que a saúde mental era algo importante". Nesse contexto, ele citou exemplos como os movimentos do Setembro Amarelo, apoiado fortemente pela Associação Brasileira de Psiquiatria, e o Janeiro Branco, que é um pouco mais recente, apoiado pelas Sociedades de Psicologia. Ele coloca que "já havia, ao longo desse período, um cenário social que mobilizava as pessoas a procurar mais ajuda em relação às questões mentais, a quebrar os estigmas, os preconceitos relacionados ao cuidado com a saúde mental".

EM 2024

Acadepol realizou mais de 70 cursos

Academia já formou 912 novos policiais aprovados em concurso público e capacitou outros 2.980 da corporação

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com



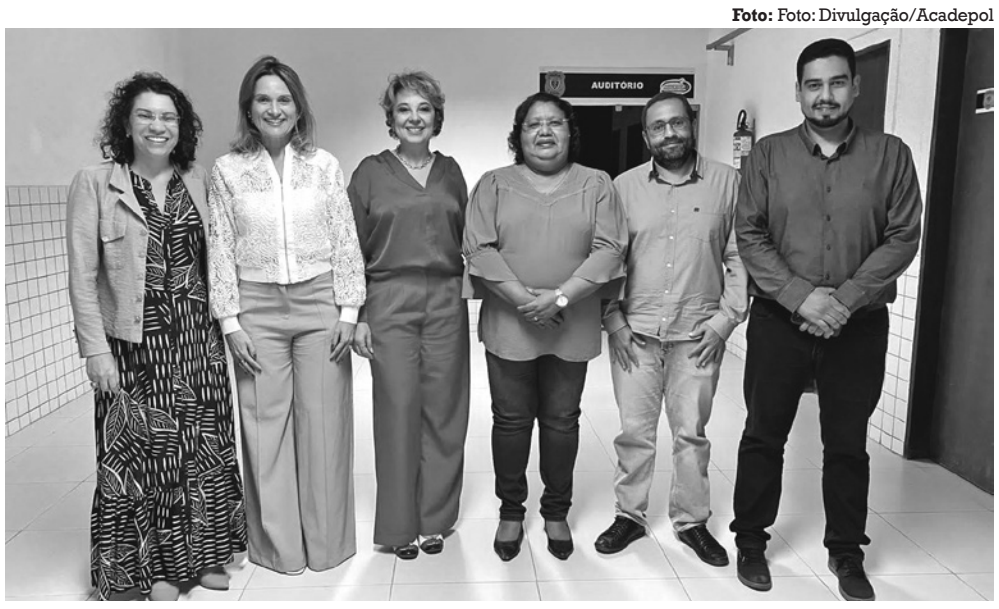
Foto: Divulgação/Acadepol

Várias turmas de concursados já foram chamadas para participarem dos cursos e depois se integrarem aos quadros da Polícia Civil da Paraíba

Promover a formação de policiais, preparando-os para ingressar na Polícia Civil da Paraíba (PCPB), além de realizar cursos de capacitação para quem já está na ativa, proporcionando aprendizado contínuo para a melhoria de suas atividades. Essa é a função da Academia de Ensino da Polícia Civil (Acadepol-PB), localizada em João Pessoa e criada em 1980, a partir da Lei nº 4.216. Só neste ano de 2024, até o momento, a Academia formou 912 novos policiais, aprovados em concurso público e capacitou outros 2.980 que já atuam na PCPB, por meio da realização de 71 cursos e atividades com temas e carga horária diversos.

O curso de formação para quem ingressa na PCPB tem duração de cinco meses, com aulas didáticas, palestras e estágios em áreas como Direitos Humanos, Gestão, Atendimento ao Público, Vulneráveis, Diversidade, Investigação Policial, Perícias, Condução de Veículos, Tiro, Uso Progressivo da Força, Tática e Abordagem. Já os cursos de capacitação para quem já atua na corporção tratam de temas diversos, e neste ano foram oferecidas atividades sobre Táticas em duplas; Isolamento e preservação de local de crime; Cerimonial e protocolo público; Armamento munição e tiro; Direitos humanos e polícia antirracista; Perícia de sinistro de trânsito; Busca eletrônica (extração de dados de aparelho celular); Cibersegurança; Atuação policial com perspectiva de gênero, entre outros. Para fechar as atividades de 2024, ainda há dois outros cursos de capacitação previstos.

Foto: Foto: Divulgação/Acadepol



Delegada Cassandra Guimarães, juízas Candice Queiroga e Adriana Lins de Oliveira Bezerra, delegada Maisa Félix e delegados Gerônimo Barreto e Pedro Ivo

Segundo o diretor de ensino da Acadepol-PB, o delegado Pedro Ivo Soares Bezerra, a atividade policial requer muito dos servidores, por isso é tão importante a formação continuada. "Seja no aspecto físico, mas especialmente no aspecto de inteligência. Inteligência emocional e atualização de conhecimento teórico para realização das atividades de investigação", ressaltou. O delegado ainda explica que, atualmente, a partir de lei estadual, a participação em cursos de capacitação oferecidos pela Academia é um requisito para progressão na carreira. "Para um policial civil do quadro ascender na carreira, sair do nível um, para o dois ou três, ele precisa fazer cursos aqui. Então a lei obriga o servidor a se atualizar como requisito para essa progressão", afirma, destacando também que a Acadepol-PB é um órgão essencial para a PCPB e que as ações realizadas repercutem diretamente no desempenho das atividades dos policiais na ativa.

"A gente vê hoje o número de operações que a Polícia Civil desenvolve, o número de operações com resultado positivo, tudo isso tem relação com a qualificação técnica do nosso efetivo. A gente só consegue produzir resultados de maior alcance se o nosso quadro de servidores estiver preparado para a realização da função, seja em operações de rua, seja uma atividade de inteligência para análise de dados, porque nós somos uma polícia investigativa", ressalta Pedro Ivo. O diretor ainda comenta que a criminalidade atualmente evoluiu bastante, em termos financeiros, de poder bélico e também quanto às práticas delituosas, e a polícia precisa se aperfeiçoar na devida proporção para poder investigar tudo isso.

Capacitações abrangem áreas diversas

Além dos policiais civis, a Acadepol-PB também oferece cursos de capacitação para outras forças de segurança, como a Polícia Militar, a Polícia Rodoviária e o Sistema Prisional. As temáticas abrangem tanto a área operacional como também teórica, e a definição dos temas que serão ofertados em cada ano é fruto de uma consulta ampla, feita com todo o efetivo da PCPB. "A gente lança uma pesquisa todo ano, que já foi feita no ano de 2024 para 2025, perguntando a cada servidor quais cursos que ele entende como necessários para a vida funcional dele. Então, através de um formulário, ele tem a possibilidade de indicar", afirma o diretor do órgão.

Com base nas indicações, a cada ano, a Acadepol-PB define sua programação de cursos de capacitação, o que ainda leva em consideração outros aspectos, como explica Pedro Ivo. "A gente considera vários fatores, a pesquisa e também a diretriz do planejamento da Polícia Civil, que é a delegacia geral que estabelece; e a parte financeira, que também precisamos ter o dinheiro para pagar os professores", esclarece. Após os cursos definidos, são abertas as inscrições, e cada servidor pode procurar sua chefia imediata para solicitar indicação para aquela capacitação específica.

"A Acadepol não indica diretamente o servidor, nem ele vem diretamente se inscrever; é através da chefia dele que chega a inscrição. A gente informa as unidades de acordo com o perfil do curso, para divulgar entre as unidades que têm aquele perfil", explica o diretor de ensino da Acadepol-PB. Quanto à seleção dos professores, Pedro Ivo fala que há um banco de currículos, de pessoas habilitadas por meio de edital público, e que, a depender da demanda, são feitos contratos temporários para realização de atividades e formações específicas. "Temos magistrados, pessoas da universidade, da Polícia Federal, da área da advocacia, membros do Ministério Público, prata da casa, já que a maior parte são policiais civis aqui da Paraíba, então é um banco bem democrático que a gente quer que o máximo de talentos estejam presentes aqui, a gente quer a visão de todos os segmentos da sociedade", afirma.

As ações da Acadepol-PB também vêm sendo descentralizadas, com a realização de atividades em outros municípios, além de João Pessoa, e também transmissões on-line. "A gente faz cursos no interior; aproximadamente 40% dos cursos deste ano foram realizados em Campina Grande, Patos, Guarabira, Sousa, Cajazeiras… que a gente desloca nosso quadro de docentes para darem aulas, ou seja, a Academia vai ao encontro do policial", destaca. Ele esclarece ainda que alguns cursos, devido à estrutura necessária, precisam ser realizados na sede da Acadepol-PB, na capital paraibana, mas, sempre que possível, essa descentralização é feita.

Foto: Divulgaçlão/Acadepol



Alunos assistem a aula, em uma das salas, proferida pelo delegado e diretor Pedro Ivo

Convênios são firmados com universidades

A Academia também vem realizando outros projetos, como estágios supervisionados, a partir de convênios com universidades, para que os estudantes possam estagiar nas unidades da PCPB, em suas áreas de estudo. Além disso, foi firmado convênio com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por meio dos cursos de aAquivologia e Biblioteconomia, para realização de um projeto de extensão com o objetivo de restaurar a biblioteca e o arquivo da Acadepol-PB. Para 2025, está sendo feito o planejamento de cursos e atividades de capacitação que serão oferecidos pela Academia. "O objetivo é fazer com que o policial civil esteja cada vez mais qualificado para, no dia a dia, realizar o melhor serviço para o cidadão", conclui Pedro Ivo.

Foto: Roberto Guedes



Projetos são realizados pela Acadepol, diz diretor

NO FUNDO DO MAR

Naufrágios abrigam vida e história

Tesouros de valor ecológico e arqueológico, destroços de navios antigos encantam visitantes no Litoral paraibano

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Resquícios de embarcações naufragadas fazem parte de um rico patrimônio subaquático encontrado na costa paraibana e representam, inclusive, um potencial turístico que já vem sendo explorado. Dentre as mais de 50 embarcações afundadas nos quase 133 km do Litoral do estado, Alice, Alvarenga e Queimado se destacam na rota local do turismo de naufrágios e mergulhos, sendo três dos destroços desse tipo mais visitados em todo o Nordeste. Para além de seu valor arqueológico e histórico, essas estruturas submersas também formam verdadeiros refúgios de vida marinha, recifes artificiais onde se pode observar a presença de diversas espécies — constituindo, por isso, uma zona de preservação protegida por lei.

De acordo com Vitor Freire, proprietário e instrutor responsável pelas operações da Papuan Mergulho e Turismo, esses lugares consolidaram-se "desde, pelo menos, a década de 1980, como pontos de mergulho recreativo, e, junto a um crescimento [dessa atividade] no Brasil, a Paraíba passou a conquistar mais visibilidade no cenário do turismo de mergulho, sendo crescente a procura por parte de visitantes".

Existem diferentes modalidades de mergulho oferecidas para quem quer contemplar de perto as riquezas abrigadas nesses locais, mas, além de cuidados específicos e do acompanhamento de profissionais credenciados, a atividade exige que os interessados se submetam a um treinamento básico, antes de submergir com todo o aparato adequado — que inclui um cilindro de ar comprimido para respiração.



Fotos: Divulgação/Papuan Mergulho e Turismo

Estruturas submersas funcionam como recifes artificiais, acomodando espécies variadas da biodiversidade marinha

E, assim como essas capacitações, voltadas àqueles que não têm nenhuma experiência na área, empresas como a Papuan também coordenam cursos mais avançados para quem deseja obter suas próprias credenciais de mergulho e poder praticá-lo de forma autônoma. No caso da agência de Vitor, toda a formação é realizada em João Pessoa, com aulas teóricas e práticas, em piscina e no mar — inclusive, em meio aos naufrágios.

Riqueza natural e patrimonial integra área de preservação

O naufrágio Queimado — como ficaram conhecidos os destroços do navio a vapor norte-americano Erie J.N.Y., afundado após um incêndio em 1873 — encontra-se a cerca de 17 m de profundidade e a aproximadamente 9 km da costa do estado. Os resquícios da embarcação, considerada a única no mundo com caldeiras retangulares cujo paradeiro é conhecido, medem cerca de 100 m de comprimento por 15 m de largura, acolhendo mais de 50% das espécies marinhas identificadas no Litoral paraibano.

Em reconhecimento ao seu valor ecológico, histórico e cultural, toda essa estrutura passou a integrar, em 2018, a chamada Área de Proteção Ambiental (APA) Naufrágio Queimado, vinculada ao sistema de Unidades de Conservação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Compreendendo uma região de, aproximadamente, 422 km² entre João Pessoa e Cabedelo, a APA engloba, ainda, os naufrágios Alvarenga e Alice.

O primeiro situa-se a cerca de 11 km da costa e a uma profundidade de 20 m, sendo propício à prática de mergulho com tubarões — entre os quais predomina o lamburu (ou cação lixa), espécie considerada pouco nociva aos humanos. No interior do Alvarenga, também é comum encontrar arraias e cardumes de peixes. Já o naufrágio Alice é o mais próximo da costa, a uma distância de 6 km, motivo pelo qual sua área de mergulho apresenta águas mais turvas. Localizada a aproximadamente 12 m de profundidade, a estrutura corresponde a um navio a vapor brasileiro de 53 m de comprimento, que foi construído em 1866 e afundado em 1899.



Ruínas de Alice, Alvarenga e Queimado atraem mergulhadores

Os dados referentes às três embarcações baseiam-se nos registros do Sistema de Informações de Naufrágios (Sinau), fruto de pesquisas do biólogo Maurício Carvalho e disponíveis no *site* Naufrágios do Brasil.

> Em uma região de 422 km², APA Naufrágio Queimado engloba resquícios de três embarcações

Desenvolvimento do ecoturismo pode favorecer conservação

O estabelecimento da APA Naufrágio Queimado, há seis anos, tem intensificado os cuidados pela preservação da biodiversidade e do patrimônio arqueológico do local, incluindo atenção redobrada a atividades diversas àquelas de cunho sustentável, recreativo ou científico — como é o caso da pesca, principalmente do tipo comercial, que pode ser prejudicial aos ecossistemas presentes na área.

De fato, como relata Vitor Freire, alguns grupos de pescadores adotam "práticas que colocam em risco o equilíbrio das espécies" na região, como a retirada de muitos peixes, inclusive de maior porte. Conforme o proprietário da Papuan Mergulho e Turismo, "a questão mais urgente a ser discutida em relação aos naufrágios da Paraíba diz respeito à sua conservação".

Para Taissa Régis, coordenadora de Estudos Ambientais da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) e responsável pelas Unidades de Conservação da Paraíba, as atuais preocupações relativas à preservação da APA "estão principalmente atreladas às profundidades em que se encontram os naufrágios", e que, por isso, "para a gestão da unidade, acaba sendo muito oneroso conseguir monitorar com frequência essas áreas". Além disso, ela lembra que as águas compreendidas pelo trecho são públicas e, diante do amplo acesso da população, são necessárias ações de "sensibilização ambiental e histórica" a respeito da APA Naufrágio Queimado.

Taissa alerta, ainda, que mesmo atividades de turismo subaquático podem afetar a vida marinha da região, seja por práticas como a alimentação da fauna, por barulhos emitidos pelos barcos ou por eventuais descuidos na ancoragem. A representante da Sudema reconhece, porém, que esse setor turístico "tem um enorme potencial, ajudando na geração de emprego e renda e fomentando a cultura do estado".

Vitor Freire defende que um passo importante para a evolução local do segmento — que, segundo ele, necessita de maior incentivo financeiro e cultural — seria a formatação de passeios por pontos de mergulho na APA em perfil de ecoturismo, com números menores de visitantes e aliando desenvolvimento econômico à sustentabilidade e à educação ambiental.





Ao lado de profissionais especializados na atividade, interessados em conhecer os pontos de turismo subaquático na costa paraibana passam por um treinamento básico de mergulho



O artista plástico reflete: "Quando acontece a abertura política, o vírus ideológico não está mais no meu sangue"

Foto: Leonardo Ariel

ARTES VISUAIS

Através das décadas

Chico Pereira, que completa 80 anos hoje, relembra como viu fatos importantes do Brasil e do mundo e como eles se refletiram em sua produção cultural

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A perda de seu pai Francisco, na adolescência, foi para o artista visual paraibano Chico Pereira, um rito de passagem que o consolidou como chefe de família, na adolescência, antes que as cores das telas e dos muros pudessem lhe resgatar. Sua mãe, todavia, permaneceu viva até os 100 anos: com ela, testemunhou as incertezas da pandemia e o fim da crise, antes de dona Valdemira partir. "Eu estou no meio do caminho entre eles", comentou Chico, ao falar de seus 80 anos, completados hoje. Celebrando o seu legado plural e relevante para a cultura paraibana, ele estampa a capa deste mês do *Correio das Artes*, suplemento literário de **A União**, e rememora, a seguir, fatos históricos marcantes das últimas oito décadas.

Chico comuna

A efervescência política e social dos anos anteriores ao golpe militar de 1964 foram vividas intensamente por Chico, então menino, na sua cidade natal, Campina Grande. O restaurante de seu Francisco, o pai, servia de comitê político para os membros dos partidos locais à esquerda.

Apesar de ser apontado como "filho do comunista" pelos colegas de escola católica, quando a ditadura se consolidou, o artista já compartilhava dos mesmos ideais. "Era um militante da ultraesquerda, a ponto de meu apelido ser Chico Comuna, para você ver a figura radical que eu era. Havia também uma expectativa de que nós teríamos, ali, uma revolução no modelo cubano, com sindicalistas e camponeses", recorda.

Chegou a confabular, com amigos, um levante contra o regime: com a ajuda de um cabo do exército simpático à resistência da esquerda, eles invadiriam o quartel da Rainha da Borborema e tomariam de assalto os fuzis militares. Naquela época, Chico andava, no bolso, com uma lista de quem ele iria fuzilar, quando estivesse devidamente armado.

"O chefe do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) era compadre dos meus pais e nos avisou que eu deveria 'sumir' por uns tempos. Fui para a fazenda de um tio-avô, em Boqueirão. Quando descobriram que eu não era tão perigoso, voltei à Campina para trabalhar no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs)", relata.

O silêncio do cosmo

Quando o homem pisou na Lua, em 1969, ele já desenvolvia, há algum tempo, seus famosos quadros e painéis, fixos em paredes, influenciados diretamente pela *pop art*, mas tomados por duas de duas grandes paixões — as revistas em quadrinhos e a literatura de ficção científica.

Ele afirma que tinha de esconder esse material embaixo do colchão com medo da censura do pai: "Isso é negócio de imperialismo", dizia o velho comunista. Chico ainda rememora o fascínio que teve ao assistir a Apolo 11, aterrissando no solo do nosso satélite natural, numa televisão em preto e branco. "Eu sempre fui encantado por corrida espacial, foguetes e essas forças que interagem no silêncio do cosmo", declara.

Um de seus murais mais famosos, "Tropicália", eternizou na Faculdade de Administração da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), além do movimento cultural homônimo, liderado por artistas da MPB, o chamado "grande salto para a humanidade". Chico considera essa uma obra "referencial" em sua carreira, simbolizando a figuração costumeira de sua arte.

"Eu não sabia que com aquela técnica de *stencil* e *spray*, eu estava inaugurando, no Brasil, um movimento. Dez anos depois conheci o artista etíope Alex Vallauri, cara que veio usar técnicas similares na arte erudita, como eu. Mostrei fotos do que fiz e ele ficou impressionado", afirma.

Um instrumento "vulgar"

Chico assevera ser um "filho da história": detém a técnicas milenares, mas pouco sabe das possibilidades que as novas tecnologias têm a oferecer, na contemporaneidade. Uma conversa com o seu neto, que cursa Computação, fez-lhe refletir sobre o quanto as graduações na área pouco refletem sobre os processos de desenvolvimento desses aparatos.

"No final dos anos 1970, a IBM doou à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) um equipamento que era o mais moderno na época. Para receber esse computador, a instituição construiu um edifício de dois pavimentos. Hoje, qualquer celular na mão de uma criança é mil vezes mais potente do que aquele computador. É um instrumento 'vulgar' para eles", diz.

Apesar disso, ele pontua que a arte é uma das linguagens que antecipa muito daquilo que vemos tornado real nas décadas ou nos séculos seguintes. Ele cita os trabalhos do pintor holandês Hieronymus Bosch, que, no Renascimento, produziu complexas imagens sobre o imaginário medieval, prospectando tecnologias, a literatura especulativa do francês Júlio Verne e as reflexões do amigo e também paraibano Braulio Tavares, como exercícios contundentes de narrativas do futuro.

"Mas essa minha arte 'ancestral' permanece, deverá permanecer ainda por muito tempo. Não como novidade, nem como meio de vida, porque não tenho mais idade para criar um mercado. No meu caso, ela sobrevive com o meu prazer de pintar", informa.

Quem é esse maluco?

Chico Pereira consolidou sua luta em prol das liberdades artísticas, menos graças à política e mais por meio das instituições, definindo a si mesmo como "servidor público em tempo integral". Com 23 anos, assumiu a direção do Museu de Arte Assis Chateaubriand (Maac). Mais tarde criaria o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da UFPB e chegaria a subsecretário de Cultura do Estado. "Quando acontece a abertura política, o vírus ideológico não está mais no meu sangue. Eu acho que eu erradiquei a visão dialética no contexto do pensamento marxista. Compreendi que o mundo é muito mais complexo. A minha política é a arte", alega.

Ele sustenta que a redemocratização brasileira foi benéfica para a arte, a partir da queda da censura, mas não voltou a ser inventiva como era, quando estávamos no regime militar. Apesar do apartidarismo, Chico não deixa de observar e de se preocupar com os movimentos políticos contemporâneos.

"Quando Bolsonaro elogiou o general Ustra, eu me perguntei: 'Quem é esse maluco?'. Era um medíocre que partiu para a política. O retorno de Lula também é fruto dessas contradições brasileiras. Alguns artistas continuam apaixonados pelo atual presidente. Eu sigo clamando pela minha liberdade de fazer o que eu quero enquanto artista", manifesta.

A vida é um sopro

Espectador ativo de todos os fatos abordados por ele anteriormente, retratou ele próprio a pandemia: teve que recorrer aos amigos e à reutilização de materiais para pintar quadros sobre o coronavírus, num tempo em que os insumos estavam escassos; ele planeja, para breve, uma exposição com as telas criadas no isolamento.

"Nunca cheguei a ser um artista famoso do mercado, nem me fixei como outros, num plano de permanência no meu estilo. Minha arte é fragmentada e sou intermitente, um pouco parecido com os rios do Nordeste: quando chove é que eu produzo", brinca.

Falando sobre seus 80 anos — 60 deles dedicados à arte —, Chico se queixa por continuar a ter um espírito juvenil num corpo que não lhe responde mais como antes. Ainda assim, ele assinala a sua satisfação em continuar na ativa, agradecendo à vida por ter sido generosa com ele, apesar das "extravagâncias" que assume ter cometido, sem especificar quais.

"Certo estava Oscar Niemeyer, quando dizia 'A vida é sopro'. Cada um vem, faz a sua parte, e vai embora. Nessa altura da vida, aos 80, eu me afasto cada vez mais das questões ideológicas como salvação da humanidade e me aproximo da tentativa de uma redenção particular, por meio da arte", conclui.

Foto: Rafael Pereira /Arquivo pessoal



O artista planeja uma exposição com as telas criadas no isolamento da pandemia

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Sobre parecer perigoso e honesto

Vanderlei Luxemburgo conta uma história interessantíssima de quando dirigiu o Real Madrid contra a Juventus, pela Copa dos Campeões da Europa. A equipe espanhola tinha craques como Zidane e Ronaldo Fenômeno. Jogadores que colocavam medo em qualquer defesa do mundo. Acontece que, no segundo tempo, eles cansaram e foram substituídos por Guti e Morientes. Bons atletas, mas sem o mesmo nível técnico, experiência e prestígio. Não deu outra: a Juve adiantou as linhas e pressionou até conseguir o gol que levaria a partida para a prorrogação, saindo vitoriosa.

Incomodado com o revés, afinal a partida estava praticamente ganha, Vanderlei resolveu perguntar a opinião de Zidane sobre a derrota, que teria respondido: "Mr., é porque você não conhece o futebol europeu. Eles não vieram para cima de nós por causa de mim e do Ronaldo, porque eles têm medo da gente. Então, a nossa presença dentro do campo fazia com que eles [*recuassem*]... a partir do momento que o senhor tirou a gente [*eles tiveram coragem para atacar*]... se o senhor tivesse há mais tempo aqui ia deixar a gente até de bengala!".

Parecer poderoso, bom ou honesto, às vezes, é "tão importante como ser poderoso". Certo truque de ostentar bens materiais para manipular a aparência, usado por advogados e outros profissionais em início de carreira, pode ilustrar muito bem essa ideia. Assis Chateaubriand dizia que a primeira coisa que fez após se formar em direito foi comprar um "carrão" para que seus futuros clientes achassem que ele era rico e bem sucedido. Isso é o que podemos chamar de *marketing* pessoal.

Maquiavel, bastante realista em relação à atividade política, afirmava que o príncipe não poderia agir inteiramente de acordo com o padrão de integridade moral que fazem o "bom homem". Em algum momento ele vai mentir, quebrar acordos, agir contra a fé e a religião para manter o Estado ou o governo. Não faltarão situações legítimas para que os príncipes tornem vãs suas próprias palavras.

É recomendado, porém, que as pessoas não o vejam assim. Os governantes precisam se apresentar como pessoas moralmente virtuosas, cheias de qualidades superiores como a piedade, a integridade, a religiosidade, a humanidade e a fidelidade. Caso não as possuam, ora, devem pelo menos parecer possuí-las. Maquiavel aconselha que os príncipes — especialmente os mais novos — façam sair de suas bocas essas tais qualidades, e ainda acrescenta: "Todos vêem o que tu aparentas, poucos sentem aquilo que tu és; e esses poucos não se atrevem a contrariar a opinião dos muitos que, aliás, estão protegidos pela majestade do Estado; e, nas ações de todos os homens, em especial dos príncipes, onde não existe tribunal a que recorrer, o que importa é o sucesso das mesmas".

No último debate entre os candidatos à prefeitura de São Paulo, em 1985, o jornalista Boris Casoy perguntou a FHC se ele acreditava em Deus. Contrariando os ensinamentos de Maquiavel, preferiu não mentir afirmando uma fé que não tinha; mas sem fazer um discurso firme e convincente para os seus eleitores. Transcrevo abaixo o diálogo entre os dois...

FHC: Essa pergunta o senhor me disse que não faria.

Boris Casoy: Eu não disse nada.

FHC: Perdão, foi num almoço, sobre esse mesmo debate.

Boris Casoy: Mas eu não disse se faria ou não faria.

FHC: É uma pergunta típica de quem quer levar uma questão que é íntima para o público, uma pergunta típica de quem quer simplesmente usar uma armadilha para saber a convicção pessoal do senador Fernando Henrique, que não está em jogo. Devo dizer ao senhor Boris Casoy que esse nosso povo é religioso. Eu respeito a religião do povo, as várias religiões do povo, automaticamente estou abrindo uma chance para a crença em Deus.

Boris Casoy: A pergunta não foi respondida. Não se trata de armadilha, nem de convicção pessoal.

Jânio Quadros, seu adversário na ocasião, aproveitando a oportunidade, pediu ao povo de São Paulo para que não votasse num candidato ateu. O que deu certo. FHC perderia uma eleição que muitos consideravam fácil. Anos depois, durante as campanhas eleitorais para presidente da República, demostraria ter aprendido a lição. Fazia questão de ser filmado ou fotografado numa igreja.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Sociedade do cansaço

Byung-Chul Han, filósofo coreano nascido em 1959, analisa como a sociedade contemporânea é gerada por fatores como excesso de informação, isolamento social, consumismo, tecnologia e pressão por desempenho. Entre suas obras mais conhecidas está *A Sociedade do Cansaço*, publicada em 2010. O livro aborda, em sete capítulos, a exaustão física e mental da modernidade, com reflexões sobre a condição humana atual.

No capítulo 1, intitulado "A violência neuronal", Han versa a transição da sociedade bacteriológica, marcada por barreiras e exclusões, para um período contemporâneo caracterizado por doenças neuronais, como depressão e ansiedade. Ele utiliza conceitos da imunologia para discutir a mudança do paradigma da alteridade para a predominância da diferença e do excesso de positividade. O pensador argumenta que essa positividade excessiva elimina polarizações e antagonismos, gerando uma violência sistêmica, invisível e exaustiva. Para lidar com os desafios dessa nova realidade, é necessária uma mudança de paradigma na forma como a sociedade enfrenta as questões de saúde e violência.

No capítulo 2, "Além da sociedade disciplinar", Han explora a mudança da sociedade disciplinar, focada em vigilância e controle, para a sociedade de desempenho, onde os indivíduos são impulsionados à autossuperação e produtividade. Essa transformação, reforçada por redes sociais e a cultura da exposição, resulta em vigilância constante e na pressão por aparentar sucesso. Ele critica o impacto dessa dinâmica na saúde mental, destacando como o excesso de responsabilidade e positividade leva ao esgotamento, ansiedade e depressão, tornando a sociedade do desempenho uma fonte contínua de sobrecarga emocional e cansaço.

No capítulo 3, o autor aborda como a busca incessante por positividade e desempenho fragmenta a atenção, gera tédio e prejudica o bem-estar individual e coletivo. O excesso de estímulos e multitarefas, comparado a um estado selvagem, compromete o foco, a criatividade e a capacidade de descanso, resultando

Foto: Reprodução



Byung Chul-Han publicou o livro em 2010

em frustrações e doenças neurais. Han alerta para os impactos negativos do ritmo acelerado contemporâneo na saúde, qualidade de vida e sentido existencial.

No capítulo 4, o filósofo critica a modernidade pela perda de significados, pela transitoriedade da vida e pela ausência de fé, o que reduz a vida a atividades "desnudas". Ele aponta a "desnarrativização" da existência, em que a obsessão pela saúde torna a vida funcional e sem profundidade.

No capítulo 5, intitulado "Pedagogia do ver", Han critica a aceleração e a hiperatividade na sociedade moderna, onde a crença de que ser ativo é sinônimo de liberdade é uma ilusão. Ele destaca a importância da negatividade, ou seja, da capacidade de dizer "não" e interromper processos nocivos. O autor faz uma distinção entre duas potências: a positiva, que está ligada à ação, e a negativa, que se refere à capacidade de não agir. A potência negativa é essencial para a reflexão profunda e a contemplação, sem a qual a mente se dispersa.

No capítulo 6, Han utiliza o conto "Bartleby, o escrivão", de Herman Melville, para ilustrar as características do indivíduo sobrecarregado pelo trabalho. A história, publicada em 1853, se passa em um escritório de advocacia em Wall Street, onde o personagem Bartleby, em um ambiente sombrio e claustrofóbico, sofre de um esgotamento psíquico que o leva a uma apatia extrema. O autor associa essa apatia à sociedade disciplinar, onde o trabalho é a única atividade significativa do personagem, o transformando em um *animal laborans*, sem espaço para fazer ou ser algo além de trabalhador. O filósofo também destaca que Bartleby ignora os discursos motivacionais típicos da sociedade do desempenho, que incentivam a autoagressão em nome do sucesso. Han aponta que a lógica capitalista de maximizar lucros enquanto minimiza as pessoas resulta em um ambiente de trabalho nocivo, gerando estresse e outros sintomas de exaustão mental.

No capítulo 7, o autor aprofunda sua análise sobre a cultura do desempenho, destacando como a busca incessante por sucesso e produtividade resulta em esgotamento individual e na fragmentação social. Ele aborda o paradoxo da interconexão digital, que ao mesmo tempo conecta e isola as pessoas, amplificando o esgotamento social e individual. O pensador critica a pressão social para adotar tecnologias de aprimoramento e as fronteiras éticas na busca pela excelência, ligando essas questões ao cansaço excessivo da sociedade contemporânea.

Byung-Chul Han oferece uma análise da sociedade contemporânea. O autor destaca os problemas gerados pelo excesso de positividade e pela pressão constante para ser produtivo, ao mesmo tempo em que propõe reflexões sobre como equilibrar a própria relação com o trabalho, a realização pessoal e a vida em geral. *A Sociedade do Cansaço* é uma obra voltada para aqueles que enfrentam uma constante fadiga mental, propondo à reflexão sobre as obsessões da sociedade moderna, que busca o excesso sem considerar os limites físicos e psicológicos dos indivíduos, o que leva à sobrecarga neuronal e ao surgimento de doenças como a depressão, entre outras.

Sinta-se convidado à audição do 500º Domingo Sinfônico, *que ocorrerá neste dia 22, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo emwww.radiotabajara.pb.gov.brou através do* link *https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante a transmissão, comentarei os benefícios terapêuticos das peças do violinista e compositor italiano Antonio Lucio Vivaldi (1678 - 1741).*

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Somos todos de Macondo

O melhor da série *Cem Anos de Solidão* (Netflix), da obra de Gabriel García Márquez, é que cada um se identifique com seu personagem. Estamos todos lá em Macondo e somos chineses. E quando não somos, é porque acreditamos em tudo, mas somos chineses. Na língua Bantu, "Macondo" quer dizer "banana".

Refestelados no veludo e no inferno, divididos em muitos personagens, funcionamos igual a família Buendía, como peças de dominó que, ligando-se entre si, se desdobram em formulações trágicas e surreais. Uma boa dica é visitar o bar do Catarino, no centro de Macondo, onde rolam farras homéricas e gozos.

É isso o que somos e é exatamente o que o escritor Gabriel García Márquez mostra na pacata vida das famílias que moram em Macondo. Lá, só os animais não falam, mas, segundo a mãe de Úrsula, se ela se casasse com o primo José Arcadio Buendía os filhos nasceriam iguanas ou com rabo de porcos. Breu com cola.

Não somos nem mais nem menos sabidos que a população de Macondo — os externos da família Buendía, Melquíades, Pilar Ternera, Rebeca, Petra Cotes, Pietro Crespi, Maurício Babilônia, Fernanda del Carpio e Santa Sofía de la Piedad, são um show à parte. Somos todos Aurelianos Buendía.

Cá nos trópicos temos Santinos, Rafafás, Padre Albenyr, Agá Bobô, Alexandre do Sindicato, Dinho Papa Léguas, Márcio da Eletropolo, Severino da Prestação, Sargento Wellington Cobra, Toinho do Sopão e Tony Show, aliás, tome show!

Somos sim, mal vistos na fita, elegemos representantes que roubam e matam, mas fazemos cenas de chiliques desde sempre a toda espera pelo futuro, aconchegados no luxo e na miséria, do calor bacorinha à mão boba e não se engane, o inferno é aqui.

Fantástico o cigano Melquiades que ao visitar Macondo com inventos e mercadorias de diversos lugares do mundo, escreve os pergaminhos que preveem a história da família Buendía, traduzidos por Aureliano Babilônia, mas por culpa de Melquíades, José Arcadio Buendía enlouquece e é amarrado numa árvore.

Só não tem remédio em Macondo e a única personagem com esse nome (Remédios) é morta envenenada — por aqui temos remédios em abundância para dormir, acordar, não brochar e morrer.

Somos todos severinos, granfinos e adoidados, somos papangus, lombrigas, raparigas de soldados, somos tarados, somos do fim mundo. Somos Zefas e Titocas, somos penicos e panelas. Somos apenas maior um pouquinho que Macondo.

O livro ultrapassa o tempo contido na série e desperta coisas incríveis, casamentos inusitados, que se desenroscam em velhas questões banais, até primitivas, afastadas da razão ou metafísica. Está tudo em Macondo e tudo é espelho de nós.

Candeeiros, coronéis, cadáveres e lorotas. Para exagerar excessivamente a imitação da vida, ninguém tem câncer em Macondo, mas tem cartomante, cigarrinhos e os capitães de areia disfaçados de Jorge Amado, em plena guerra. Lá, o gozo fala pelos cotovelos que vai de encontro com a temperatura, a mulher macia, a cama quente, o desejo de cada um.

O prazer da personagem Rebecca em comer terra é uma cena que desorganiza o indiferente da sopa de pedras que ainda hoje é servida na miséria brasileira e os aurelianos se multiplicam. Somos todos de Mocando, não tem saída.

Kapetadas

1 – Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos para a cela VIP com ar-condicionado da Vila Militar.

2 – Meu vizinho Ulisses, o que cria um urubu teve uma boa ideia: está usando capacete de moto dentro de casa para se proteger de quedas.

Foto: Divulgação/Netflix



Série baseada em obra de Gabriel García Márquez está na Netflix

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Um cinema entre a filiação e o ativismo

Ao longo de todos esses anos de convivência, não foram poucas as vezes que trocamos "figurinhas" sobre a cultura da Paraíba. E não seria agora que o amigo Zé Octávio de Arruda Mello ia me faltar, justamente na publicação do meu mais recente livro, *Menino de Cinema*, lançado na sexta-feira passada na Livraria do Luiz de Manaíra. Mais ainda quando publica artigo"memorável", bem ao seu estilo, exaltando minha trajetória cultural a partir de minhas origens.

Usando de observações pessoais sobre a história do cinema paraibano — tema central do próprio livro, mesmo sendo uma autobiografia —, Zé Octávio afirma: "*Menino de Cinema*, editado pela Ideia de Magno Nicolau, converte-se na terceira vertente de nossa cultura cinematográfica. A primeira é a dos criadores, liderados por Linduarte Noronha, com *Aruanda* (1959). A segunda, dos intérpretes, na qual pontifica Wills Leal, com *Cinema na Paraíba – Cinema da Paraíba* (2004). A terceira compreende os ativistas a Alex Santos".

Em seu altercado, como que tentando cobrir integralmente o conteúdo da obra, na qual também estaria inserido reiterando um de seus "mitos" (José Honório Rodrigues), o amigo Zé Octávio tenta abalizar a verdadeira saga que foram meus primeiros anos ao lado de meu pai, Severino Alexandre Santos, à frente dos nossos cinemas. Afirma ele: "Transitando pelos cinemas São Braz, Santa Cruz e São João (acrescentaria o Cinerama, no distrito de Várzea Nova), a dupla Seu Severino/Alex Santos, compassando *Menino de Cinema*, roteiriza o cotidiano da cidade dos canaviais. Nessa, desde a Segunda Guerra Mundial, de 1940 a 45, temos a urbanização santarritense, o suicídio de Getúlio Vargas, a vendagem dos gibis e revistas na porta dos cinemas, os repetidos filmes da Semana Santa, as festas de São João e Natal, as Copas do Mundo de 1958 e 62 e o Golpe Militar de 1964".



Foto: Nononononono

O colunista autografa seu "Menino de Cinema" em uma das sessões de autógrafo

Como se nota, o poder de síntese de Zé Octávio é surpreendente, curioso até quando avalia o capítulo que trata da opressão que sofremos (eu e meu pai) durante a Ditadura Militar de 1964: "Encontrando seu Alexandre, em Recife, à procura de filme para seus cinemas, transfere o livro de Alex (*Menino de Cinema*) do lúdico para o ideológico, ou seja, do individual para o social".

Essa análise do amigo historiador paraibano é pertinente, desde que, ao vivermos das "coisas de cinema", na época, militávamos pelo cineclubismo local e exibíamos filmes como os de Glauber Rocha (*Deus e o Diabo na Terra do Sol*). Fatos que nos levaram, sob ameaça, à Polícia Federal:

— Parem a sessão! O filme está confiscado!

Agradecido, parceiro Zé Octávio, por mais esta saga em razão do nosso venerado "grupo". — *Para mais "Coisas de Cinema", acesse: www.alexsantos.com.br.*



APC nos 20 anos do projeto DocTV

Organizado pelos professores João de Lima Gomes, Sheila Accioly e Ruy Rocha, com apoio do Decom/UFRN, do Nudoc/UFPB e do projeto Tela Livre, foram celebrados, na quarta-feira passada, os 20 anos do projeto DocTV. O evento teve o apoio da Academia Paraibana de Cinema, na pessoa de seu presidente, o prof. João de Lima Gomes.

Na ocasião, foi discutida a relevância do projeto, que abriu caminhos para a produção de filmes independentes e seus espaços na TV pública. Também, incentivando os novos realizadores, fortalecendo a formação, a produção e a distribuição, contribuindo, então, para o desenvolvimento do audiovisual e a formulação de outras políticas.

NA VARIETY

Cuarón põe *Ainda Estou Aqui* como melhor

Daniel Vila Nova
Agência Estado

O diretor Alfonso Cuarón, responsável por *Roma* e *Gravidade*, elegeu o longa brasileiro *Ainda Estou Aqui* como seu filme favorito de 2024. Em lista divulgada na quinta-feira (19), pela revista norte-americana *Variety*, 19 cineastas foram convidados a compartilhar suas obras prediletas dos últimos 12 meses. Em uma breve resenha, o mexicano elogiou o trabalho de Walter Salles e o classificou como um "espelho assustador de tempos políticos tensos, passados e presentes".

"À medida que somos guiados pelos espaços onde a família vive, somos convidados a compartilhar sua intimidade e seus sonhos com uma proximidade quase palpável. Através de sua história, testemunhamos a destruição da harmonia, quando Rubens é levado de sua casa pelas forças armadas, e acompanhamos a luta determinada de Eunice para trazê-lo de volta", resumiu Cuarón.

"Assistir a um filme de Walter Salles é ser abraçado pela generosidade, é como vivenciar uma atração gravitacional, que nos eleva e nos ancora como uma força invisível, mas inegável", elogiou o mexicano. "Em *Ainda Estou Aqui*, esse efeito é ainda mais poderoso. Walter, que era próximo da família Paiva, não apenas narra uma história real de terror, resiliência e aceitação, mas também reproduz uma memória pessoal e coletiva", continuou o cineasta.

"Acima de tudo, Walter nos faz meditar sobre a passagem do tempo e nossa própria impermanência, deixando o amor como a única força que perdura", finalizou. A escolha de Cuarón é uma surpresa, visto que uma das obras mais badaladas do ano é *Emília Pérez* — longa musical que tem o México como cenário. O filme, no entanto, é uma produção francesa e vem sendo criticado por sua representação da cultura latina.

Outros diretores como Christopher Nolan, Chris Columbus, Barry Jenkins, Michael Mann e J.J. Abrams também compartilharam seus longas favoritos. Nolan escolheu *Gladiador II*, Columbus optou por *Meu Eu do Futuro*, Jenkins indicou *Nickel Boys*, Mann elegeu *Unstoppable* e Abrams selecionou *A Jovem e o Mar*.

Foto: Divulgação/VideoFilmes



Sélton Mello e Fernanda Torres em "Ainda Estou Aqui": o preferido do diretor mexicano

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Desconforto da imortalidade

Certa feita, interpelado por um de seus admiradores que o chamou de imortal, Olavo Bilac, o poeta, respondeu: "Imortal, sim, porque não tenho aonde cair morto!".

Trago à tona este fato pitoresco, salvo engano, narrado por Raymundo Magalhães Júnior, em sua biografia sobre o bardo parnasiano, para tocar no delicado e nebuloso tema da imortalidade. Mais precisamente, da imortalidade acadêmica.

Tirante o sarcasmo do poeta, que talvez não levasse a sério o peso da credencial, é preciso observar que a imortalidade, mesmo na sua compleição simbólica e transcendental, coloca o acadêmico em situações de inegável desconforto e de incômodo constrangimento.

Pensemos, preliminarmente, no fato de que o seleto número de acadêmicos da APL – Academia Paraibana de Letras –, ou de outras de igual teor, por exemplo, está permanentemente sob a mira daqueles que se consideram aptos a ocupar o espaço vazio de uma vaga das sagradas cadeiras do egrégio sodalício.

Sabemos, de outra parte, que este contingente não é nada pequeno, ao levarmos em conta a taxa de vaidade que nutre o ego das inúmeras personalidades que rondam, como abutres sequiosos e famintos, o Jardim de Academos. Afinal, vivemos a era do narcisismo e do ressentimento, como assinala o filósofo Luiz Felipe Pondé.

Não tenho dúvidas de que muitos desses pretensos notáveis, na secreta viscosidade dos pensamentos, no auge do desejo delirante e picado pela víbora da inveja mais peçonhenta, torce desesperadamente pela vacância de uma das cadeiras, ou, dito de outra forma, espera ansiosamente pelo infarto do miocárdio, pelo derrame cerebral, pelo câncer na próstata, pela falência completa dos órgãos ou por outro qualquer mal que consiga levar o pobre imortal desta para uma melhor.

Não tenho dúvidas de que muitos desses pretensos notáveis, na secreta viscosidade dos pensamentos, torcem pela vacância de uma das cadeiras

Não estou carregando nas tintas nem caricaturando esta dimensão da imortalidade. Não fosse assim, como explicar a atitude do intelectual, cientista, escritor e artista no ritual ridículo do petitório de voto?

Alguns, sem esconder a congênita sordidez e o cinismo macabro, não respeitam nem mesmo o momento elegíaco do velório e do sepultamento do imortal que se foi, como diria Augusto dos Anjos, para a "frialdade inorgânica da terra", e começam, com telefonemas, e-mails, recados, visitas, a abusar da paciência e do sossego do imortal que por aqui ficou, isto é, na vida, esta "agitação feroz e sem finalidade", na incisiva expressão lírica de Manuel bandeira.

Foto: Reprodução



Olavo Bilac: "Imortal, sim, porque não tenho aonde cair morto!"

Colunista colaborador

EDIÇÃO: Renato Félix
EDITORAÇÃO: Lucas Nórbega

Foto: Laura Campanella/Divulgação



Matheus Nachtergaele como João Grilo: santificado pelo povo, ele vira pivô de uma corrida eleitoral entre Humberto Martins e Eduardo Sterblitch

CINEMA/CRÍTICA

O desafio de não ser o mesmo filme

"O Auto da Compadecida 2", que estreia na próxima quarta, resgata química entre atores, exagera na repetição de bordões e situações e se diferencia pelo visual teatral

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Existe uma tendência em Hollywood de continuações tardias: *Indiana Jones*, *Top Gun*, *Um Tira da Pesada*, *Caça-Fantasmas*, *Os Fantasmas Se Divertem* são algumas franquias que ganharam novos capítulos décadas depois de suas últimas aventuras. Embora longe de Hollywood, mas um "*blockbuster* à brasileira", *O Auto da Compadecida 2* pode ser incluído aí. Mas estará ele em outra tendência, que é a de que a continuação é, no fundo, o mesmo filme que o anterior?

O segundo *Auto* estreia na próxima quarta-feira (25), dia de Natal, e vem, ao longo do ano, suscitando ansiedade e medo em proporções semelhantes. Ao mesmo tempo em que o público quer muito ver de novo Matheus Nachtergaele e Sélton Mello nos papéis de João Grilo e Chicó, há o receio (justo) de que uma nova empreitada macule as memórias afetivas do primeiro filme.

A notícia, nesse ponto, é boa: os personagens da peça de Ariano Suassuna reaparecem com sua velha graça, a química entre os dois atores está intacta. Não há mais o texto de Ariano de onde tirar as histórias e os diálogos espirituosos, mas o roteiro de João Falcão e Guel Arraes (com colaboração de Adriana Falcão e Jorge Furtado) emula bem o original.

Ao mesmo tempo, o roteiro toma a liberdade de inserir elementos de modernidade (em comparação com o filme 1) como o rádio — e com ele discutir o monopólio de comunicação e sua influência nas eleições. Através de um João Grilo santificado pelo povo que ouviu a história de sua ressurreição vêm os comentários sobre como a religião também pode ser manipuladora.

O que pode incomodar os espectadores que esperam repetir de perto sua experiência ao assistir o primeiro filme (ou a minissérie de TV, formato em que foi lançado originalmente) é o visual do filme. A produção não voltou a Cabaceiras, preferindo filmar tudo em estúdio. A imagem na tela é de algo muito mais teatral e também irreal, enquanto o primeiro *Auto* tirava grande proveito da autenticidade das locações paraibanas.

Por um lado, esse aspecto colabora para que o segundo filme tenha uma cara própria e não se resuma a ser, no fundo, o mesmo filme feito de novo. Por outro, o filme não deixa de repetir bordões e mesmo situações, se assumindo também como uma homenagem ao primeiro filme.

Afinal, ninguém esperaria que Chicó não dissesse "Só sei que foi assim" ou tivesse suas mentiras ilustradas de maneira estilizada na tela. Mas refazer o plano da morte *fake* já parece uma repetição desnecessária.

Nesse sentido, o título exige que o filme seja, mais uma vez, um auto e da Compadecida. Assim, o clímax também tem muitos elementos em comum com o primeiro filme, embora com Taís Araújo no lugar de Fernanda Montenegro (e com o racismo de João Grilo muito menos escancarado), uma sacada diferente para as representações de Jesus e do Diabo e uma reflexão sobre o que seria a importância da fé do povo, mais do que sobre a esperteza do pobre, que salvou a pele de João da primeira vez.

Imagem: Divulgação/H2O Films



O AUTO DA COMPADECIDA 2

■ Brasil, 2024. Dir.: Guel Arraes e Flávia Lacerda. Elenco: Matheus Nachtergaele, Sélton Mello, Virginia Cavendish, Fabiula Nascimento, Humberto Martins, Luís Miranda, Enrique Diaz, Taís Araújo, Eduardo Sterblitch.

■ Estreia quarta, em João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.

■ Veja mais no Em Cartaz.

Em Cartaz

Cinema

Programação de ***19 a 25 de dezembro****, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.*

ESTREIAS

HISTÓRIAS QUE É MELHOR NÃO CONTAR (*Historias para No Contar*). Espanha, 2022. Dir.: Cesc Gay. Elenco: Anna Castillo, Maribel Verdú. Comédia. Cinco histórias de pessoas que não conseguem controlar suas emoções. 1h40. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a seg.: leg.: 18h.

MUFASA, O REI LEÃO (*Mufasa, the Lion King*). EUA, 2024. Dir.: Barry Jenkins. Aventura/animação/infantil. Filhote de leão órfão é acolhido por semelhante de linhagem real. Prelúdio de *O Rei Leão* (2019). 2h. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 3D: qui. a seg.: 15h, 17h45, 20h30; qua.: 15h30, 18h15, 21h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: qui. a seg.: 14h, 16h30, 19h, 21h30; qua.: 15h, 17h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: qua.: dub.: 17h15, 19h15, 22h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: qui. a ter.: dub.: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 3D: dom.: 12h30, 15h15, 18h, 20h45; seg. e ter.: 15h15, 18h, 20h45; qua.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 3D: dom. a ter.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: 3D: qui. a ter.: dub.: 13h, 15h45, 18h30; leg.: 21h15; qua.: dub.: 15h45, 18h30; leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 3D: qui. a ter.: dub.: 14h, 16h45, 19h30; leg.: 22h10; qua.: dub.: 16h45, 19h30; leg.: 22h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): dom.: 14h45, 17h30; leg.: 20h15; seg. e ter.: 14h45, 17h30; leg.: 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: qui. a ter.: dub.: 3D: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: qua.: dub.: 16h, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: qui. a ter.: dub.: 13h, 15h45, 18h30;leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 3D: qui. a ter.: 15h15, 18h, 20h45; qua.: 15h30, 18h, 20h45. CINESERCLA TAMBIÁ 5: qui. a ter.: dub.: 3D: 13h50; 2D: 16h05, 18h20, 20h40. CINESERCLA TAMBIÁ 6: qui. a ter.: dub.: 14h50, 17h10, 19h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: qui. a ter.: dub.: 14h50, 17h10, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2: qui. a ter.: dub.: 3D: 13h50; 2D: 16h05, 18h20, 20h40. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: qui. a seg.: 15h30, 17h45, 20h. CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 3D: 14h20, 16h40, 19h; 2D: 21h20; seg. e qua.: 3D: 16h40, 19h; 2D: 21h20. MULTICINE PATOS 1: dub.: qui. a seg.: 15h55, 18h30; ter.: 15h55. MULTICINE PATOS 3: qui. a seg.: dub.: 3D: 19h35. MULTICINE PATOS 4: dub.: qui. a seg.: 3D: 14h30, 17h30; 2D: 20h35; ter.: 3D: 14h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: qui. a seg.: dub.: 15h, 17h30, 20h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: qui. a seg. e qua.: dub.: 2D: 14h, 16h20, 21h; 3D: 18h40. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 14h, 16h, 20h20; seg.: 15h45, 18h20, 20h20; ter.: 16h; qua.: 17h20, 19h20. **São Bento:** CINE VIEIRA: dub.: dom.: 18h10, 20h30; qua.: 16h10; seg. e ter.: 20h10.

ESTREIA NA QUARTA-FEIRA

O AUTO DA COMPADECIDA 2. Brasil, 2024. Dir.: Guel Arraes e Flávia Lacerda. Elenco: Matheus Nachtergaele, Sélton Mello, Virginia Cavendish, Fabiula Nascimento, Humberto Martins, Luís Miranda, Enrique Diaz, Taís Araújo, Eduardo Sterblitch. Comédia. Após 20 anos, João Grilo retorna a Taperoá e reencontra Chicó para viverem novas aventuras durante uma campanha eleitoral. 1h44. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: qua.: 15h40, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: qua.: 17h, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: qua.: 16h15, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: qua.: 16h10, 18h45, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): qua.: 15h45, 18h15, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: qua.: 15h45, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: qua.: 17h, 19h30, 22h. **Patos:** CINE GUEDES 2: qua.: 15h, 17h, 19h, 21h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: qua.: 14h20, 16h30, 18h50, 21h10. **São Bento:** CINE VIEIRA: qua.: 18h30, 21h.

SONIC 3 – O FILME (*Sonic the Hedgehog 3*). EUA/Japão, 2024. Dir.: Jeff Fowler. Elenco: Manolo Rey (voz na dublagem brasileira), Jim Carrey, James Mardsen. Aventura/animação/infantil. O ouriço veloz e seus amigos precisam enfrentar um poderoso novo adversário. 1h50. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qua.: dub.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: qua.: dub.: 16h15, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: qua.: dub.: 16h30, 19h, 21h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: qua.: dub.: 15h15, 17h15, 21h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: qua.: dub.: 18h20, 20h30.

ESPECIAL

ONE DIRECTION – THIS IS US (*One Direction – This Is Us*). EUA/ Reino Unido, 2013. Direção: Morgan Spurlock. Documentário/ show. A ascenção do quinteto pop até um show num estádio em Londres. 1h32. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom.: leg.: 19h, 21h.

CONTINUAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Selton Mello, Valentina Herszage, Fernanda Montenegro, Humberto Carrão, Dan Stulbach. Drama. Família precisa lidar com o desaparecimento do marido, vítima da ditadura. 2h16. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a seg.: 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a ter.: 13h10, 16h, 19h, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: qui. a ter.: 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 3: qui. a ter.: 17h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: qui. a ter.: 17h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dom. e seg.: 20h45.

ANTES QUE ME ESQUEÇAM, MEU NOME É EDY STAR. Brasil, 2024. Dir.: Fernando Moraes. Documentário. A trajetória do cantor, compositor, ator e artista plástico baiano. 1h20. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 19h.

CORPO PRESENTE. Brasil, 2024. Dir.: Leonardo Barcelos. Documentário. As possibilidades de expressão do corpo. 1h29. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 17h.

GLADIADOR II (*Gladiator II*). Reino Unido/ EUA, 2024. Dir.: Ridley Scott. Elenco: Paul Mescal, Connie Nielsen, Pedro Pascal, Denzel Washington. Aventura. Após ter sua casa tomada pela tirania de Roma, gladiador entra na arena para resgatar a honra do império. 2h28. 16 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIÁ 3: qui. a ter.: dub.: 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: qui. a ter.: dub.: 20h.

INEXPLICÁVEL. Brasil, 2024. Dir.: Fabrício Bittar. Elenco: Letícia Spiller, Eriberto Leão, Miguel Venerabile, André Ramiro, Moacyr Franco. Drama. Casal tenta de tudo para salvar o filho, que apresenta um caso grave de saúde. 2h14. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a seg.: 15h30.

KRAVEN, O CAÇADOR (*Kraven the Hunter*). EUA, 2024. Dir.: J.C. Chandor. Elenco: Aaron Taylor-Johnson, Fred Hechinger, Russell Crowe, Ariana DeBose. Aventura. De uma família de crimonosos e caçadores, homem de força sobrenatural procura vingança. 2h07. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: qui. a ter.: dub.: 13h20, 19h20; leg.: 16h20, 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qua.: dub.: 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: qui. a ter.: dub.: 22h. CINESERCLA TAMBIÁ 2: qui. a ter.: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: qui. a ter.: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Patos:** MULTICINE PATOS 1: dub.: qui. a seg.: 21h.

MOANA 2 (*Moana 2*). EUA/ Canadá, 2024. Dir.: David G. Derrick Jr., Jason Hand e Dana Ledoux Miller. Infantil/musical/animação. Jovem navegadora enfrenta mares desconhecidos para livrar uma das ilhas de seu povo de uma maldição. 1h40. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qua.: dub.: 18h, 20h20. CENTERPLEX MAG 4 (Atmos): qui. a seg.: dub.: 13h45, 16h10, 18h30, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qua.: dub.: 16h30, 19h10, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: dom.: 12h40, 14h50, 17h, 19h45; seg. e ter.: 14h50, 17h, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: qui. a ter.: dub.: 13h15, 15h30, 17h45, 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom.: 14h10, 16h50; seg. e ter.: 14h10, 16h50, 19h15, 21h40; qua.: 15h30, 17h45, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qui. a ter.: 14h45, 17h15, 19h45; qua.: 18h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: qui. a ter.: dub.: 14h15, 16h45, 19h15. CINESERCLA TAMBIÁ 1: qui. a ter.: dub.: 15h15, 17h15, 19h15. CINESERCLA TAMBIÁ 4: qui. a ter.: dub.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: qui. a ter.: dub.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: qui. a ter.: 15h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: qui. a seg.: 15h, 17h, 19h, 20h55; qua.: 19h15. MULTICINE PATOS 2: dub.: qui. a seg.: 15h, 17h15; ter.: 15h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: qui. a seg.: 14h30, 16h40, 18h50; qua.: 14h15, 16h20. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 18h20; seg. e ter.: 14h. **São Bento:** CINE VIEIRA: dub.: dom.: 16h10; seg. e ter.: 18h10.

TODAS AS ESTRADAS DE TERRA TÊM GOSTO DE SAL (*All Dirt Roads Taste of Salt*). Estados Unidos, 2024. Dir.: Raven Jackson. Elenco: Moses Ingram, Shiela Atim. Drama. A vida de uma mulher através das décadas no Mississipi. 1h32. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 15h.

WICKED (*Wicked – Part 1*). EUA, 2024. Dir.: Jon M. Chu. Elenco: Cynthia Erivo, Ariana Grande, Michelle Yeoh, Jeff Goldblum. Musical/ drama. Amigas em universidade de bruxas se tornam rivais após encontro com o Mágico de Oz. 2h40. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: qui. a ter.: leg.: 22h.

Música

HOJE

BEBE BLUES COME JAZZ – ESPECIAL PARA TOTONHO. Festival de Brasília ganha edição em João Pessoa com apresentações de Seu Pereira, Chico Correa, Totonho, Vieira, Parahyba Ska Jazz, In the Mood Hard Blues, com participação de Luiz Kaffa (DF).

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 17h. Ingressos: R$ 30, antecipados na plataforma Shotgun.

NATAL NA USINA. Mostra de corais com Coral Savinianas, Coral do Sindifisco e Coral Gazzi de Sá.

João Pessoa: USINA ENERGISA (Av. Juarez Távora, 243, Centro). Domingo, 18h. Entrada franca.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba especial de Natal, com participação de Chico Limeira.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 21h30. Ingressos: R$ 30 (inteira), R$ 20 + 1 kg de alimento (social) e R$ 15 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

NOVOS GESTORES

Manual vai facilitar a transição

Governo Federal elabora documento com informações para possibilitar mais segurança aos prefeitos eleitos

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

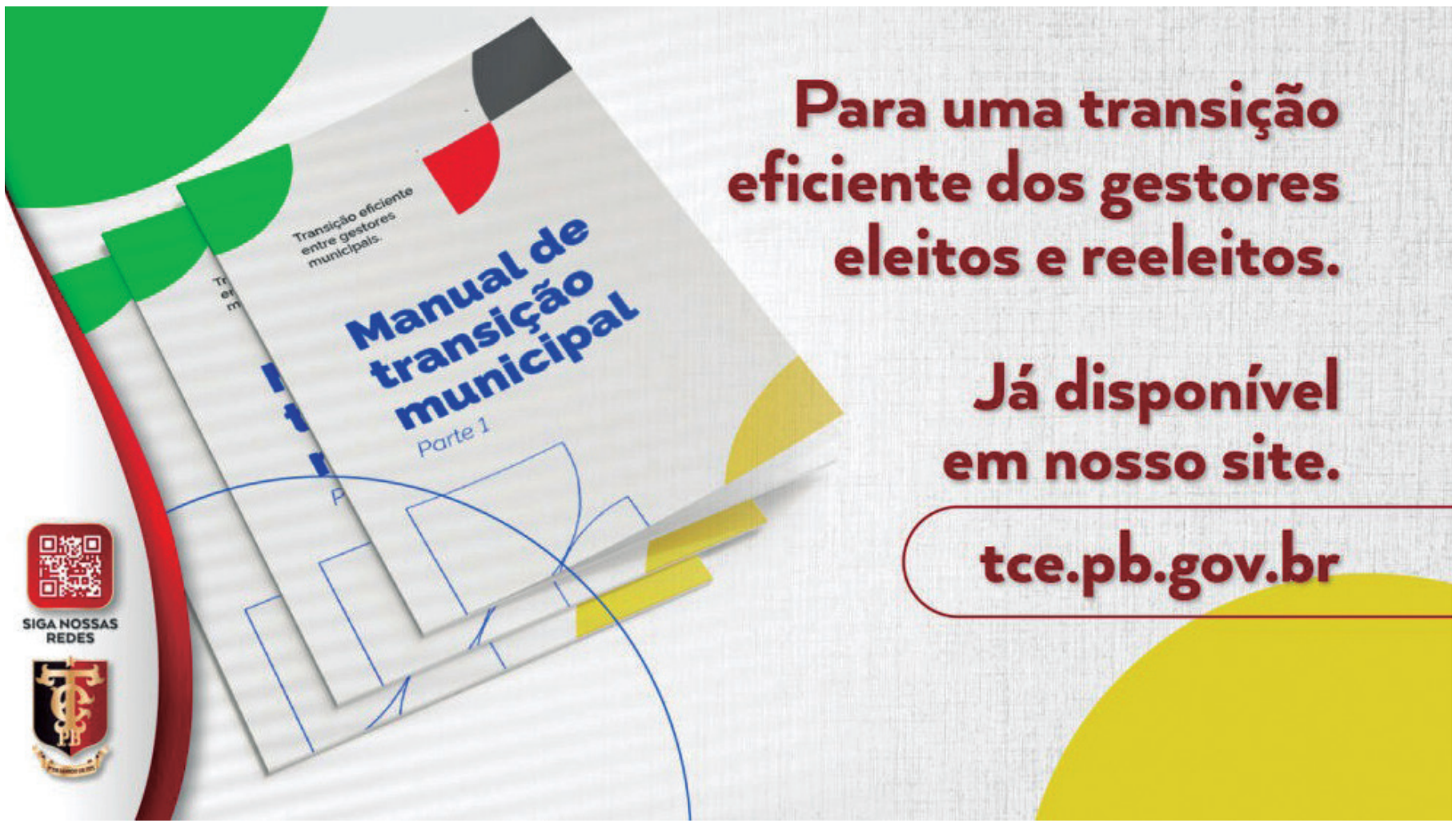


Foto: Divulgação/TCE

Manual de Transição é uma cartilha detalhada de como os prefeitos que estão saindo e os que estão chegando podem se entender para o bem da população

Com o término do ciclo eleitoral, prefeitos eleitos e em fim de mandato devem organizar suas gestões para garantir uma transição eficiente e transparente. Para apoiar esse processo, o Governo Federal elaborou o Manual de Transição Municipal, com orientações e recomendações aos gestores municipais, focando no planejamento, na prestação de contas e na continuidade administrativa.

Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), nas eleições municipais deste ano, no Brasil, 2.460 prefeitos foram reeleitos, de 3.038 que tentaram a recondução ao cargo. Esse cenário indica que 578 cidades passarão por um processo de transição. Na Paraíba, 99 cidades tiveram seus prefeitos reeleitos, de um total de 223 municípios.

O Manual foi desenvolvido pelo Ministério do Planejamento e Orçamento (MPO), por meio da coordenação da Secretaria de Relações Institucionais (SRI), em parceria com a Associação dos Membros dos Tribunais de Contas (Atricon), e lançado em 10 de outubro deste ano, após o primeiro turno das eleições. Em dezembro, o Tribunal de Contas da Paraíba (TCE-PB) passou a disponibilizar o Manual em seu *site*.

O presidente da Atricon e conselheiro do Tribunal de Contas de Rondônia (TCE-RO), Edilson Silva, destacou em artigo publicado em 28 de outubro, que a elaboração do Manual, resultado de uma parceria inédita entre o Executivo e o Legislativo, reforça o papel dos Tribunais de Contas na fiscalização e o acompanhamento das transições, prática consolidada desde a Constituição de 1988.

"Além de sua função fiscalizatória e sancionatória, os Tribunais de Contas atuam de forma preventiva e pedagógica, oferecendo capacitação para as equipes de transição, orientando sobre práticas de gestão fiscal responsável e continuidade administrativa. Isso inclui a emissão de recomendações sobre a conduta dos agentes públicos, especialmente no que se refere ao uso de recursos públicos para fins eleitorais, e a disponibilização de cartilhas e manuais sobre temas essenciais para a gestão pública", afirmou o presidente.

O controlador-geral de João Pessoa, Diego Albuquerque, considera a iniciativa como positiva, pois altera a percepção tradicional dos Tribunais de Contas, que costumam ser vistos apenas como órgãos de fiscalização e aplicação de punições. "Esse perfil orientativo tem contribuído para a melhoria da gestão pública em alguns municípios. O índice de reprovação de contas tem diminuído na Paraíba, com uma redução de 20% a 30%, o que indica que a gestão municipal está evoluindo e tratando o dinheiro público com mais responsabilidade", ressaltou.

> **A divulgação desse Manual pelo TCE-PB é fundamental para a continuidade do serviço público**
>
> Alex Taveira

O advogado e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Alex Taveira, destacou a importância do Manual como ferramenta para garantir uma transição tranquila e eficiente, tanto para prefeitos reeleitos quanto para novos gestores. "A divulgação desse Manual pelo TCE-PB é fundamental para a continuidade do serviço público. A transição entre governos pode ser tranquila, mas, dependendo de como for feita, pode apresentar entraves. Esse Manual chega no momento adequado", afirmou.

Em João Pessoa, onde o prefeito foi reeleito, Diego Albuquerque ressaltou a importância do processo de transição para garantir a transparência e organização das informações. "O papel da Controladoria é fundamental neste momento, garantindo a transmissão de informações entre a gestão que se encerra e a que se inicia", explicou. A Controladoria Geral do Município de João Pessoa está realizando um levantamento das despesas e receitas do mandato anterior (2021-2024), além de projeções para o novo mandato, com o objetivo de apresentar um relatório completo ao prefeito e à sociedade.

Manual

O Manual, dividido em duas partes, orienta os prefeitos em final de mandato e os recém-eleitos sobre os passos iniciais após a divulgação dos resultados das eleições. A primeira parte, com 15 páginas, detalha a instalação da equipe de transição, a elaboração de relatórios sobre a situação financeira, contratos, bens patrimoniais e a estrutura funcional do município. A segunda parte, com 65 páginas, está dividida em quatro seções e fornece informações sobre os principais documentos de prestação de contas, prazos de acompanhamento e execução, além de outras obrigações legais exigidas pelos órgãos de controle.

A Visão do professor

O advogado e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Alex Taveira, explica que a gestão que está saindo deve repassar informações claras e completas sobre questões orçamentárias, financeiras e tributárias, incluindo pagamentos remanescentes, contratos em andamento e a situação do patrimônio.

"É fundamental que a gestão municipal deixe a carga fornecer informações transparentes sobre as questões orçamentárias, restos a pagar e contratos pendentes. A equipe de transição precisa receber todos os dados necessários para o bom andamento da gestão futura. Do ponto de vista financeiro e tributário, essa transparência é crucial", ressalta.

Taveira também enfatizou que o Manual orienta sobre as regras a serem seguidas no último ano de mandato, como a concessão de contratações que gerarão despesas no último trimestre, a realização de concursos públicos e operações de crédito que comprometam as finanças da próxima gestão.

"[O gestor municipal precisa] seguir, no último ano de governo, as normas relacionadas às contratações públicas, evitando contratações que possam gerar déficit no último trimestre. Publicidade institucional para enaltecer o nome do gestor também é proibida, pois viola o princípio da impessoalidade. A contratação de pessoal e a realização de concursos nessa fase também não são permitidas. Esses comportamentos comprometem as finanças da gestão em transição", enfatizou o professor.

Comissões

A primeira etapa da transição envolve a formação das comissões de trabalho, que devem ser instaladas logo após as eleições. Essas comissões, compostas por representantes da gestão atual e da gestão eleita, incluem, na administração municipal, o coordenador de transição, o secretário de Finanças, o secretário de Administração e um representante do controle interno. O trabalho dessas comissões é estruturado em reuniões periódicas, com tarefas planejadas, documentando decisões e o cronograma de atendimento às demandas.

Acesso às informações

Durante o processo de transição, é essencial que os órgãos da administração pública municipal forneçam relatórios detalhados sobre diversos aspectos da gestão. Entre os documentos mais relevantes estão: relatórios financeiros, contratos de execução, inventário de dívidas, estrutura funcional dos servidores e informações sobre ações, programas e projetos em andamento ou interrompidos.

Esses relatórios são fundamentais para que o novo prefeito e sua equipe possam tomar decisões informadas, como montar uma equipe de governo e definir as prioridades para o início da gestão.



Foto: Arquivo pessoal

Diego: "Iniciativa altera percepção dos Tribunais de Contas"



Foto: Arquivo pessoal

Professor Alex Taveira: "a gestão municipal está evoluindo"

Papel da comunicação

A comunicação durante a transição é crucial. As decisões que possam impactar a futura gestão devem ser comunicadas de forma clara à nova administração, permitindo que as medidas adequadas sejam tomadas dentro dos prazos legais. Além disso, os documentos públicos, especialmente os relacionados às medidas adotadas durante a transição, devem ser divulgados no portal do município, garantindo a transparência e o cumprimento das normas.

Taveira destaca a plataforma Turmalina, desenvolvida pelo Tribunal de Contas da Paraíba (TCE-PB), que classifica os municípios de acordo com a transparência de seus dados. "A plataforma permite identificar os municípios que se destacam e os que precisam melhorar a divulgação de informações sobre orçamento, licitações e gastos com pessoal", afirmou.

Continuidade

A transição entre gestores municipais é um processo complexo, mas essencial para a continuidade da administração pública. Ao seguir o roteiro estabelecido, com foco na transparência, comunicação eficaz e responsabilidade fiscal, as administrações podem garantir uma gestão eficiente e comprometida com o bem-estar da população. A colaboração entre os gestores e a preparação dos cuidados com as equipes de transição são fundamentais para o sucesso da nova administração e para a construção de uma governança pública sólida e responsável.

> Manual, dividido em duas partes, orienta os prefeitos em final de mandato e os recém-eleitos sobre os passos iniciais

EDIÇÃO: Amanda Gabriel
EDITORAÇÃO: Luiza Fonseca



Foto: Saulo Cruz/Agência Senado

Comissão de Constituição e Justiça do Senado Federal aprovou, na última semana, o texto de autoria de Flávio Arns (PSB-PR)

MUDANÇA NA LEI

Projeto retira progressão de pena de estupradores

Proibição inclui outros crimes hediondos, como tráfico de pessoas e homicídio

Da Redação
Com Agência Senado

A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) aprovou, na última semana, o Projeto de Lei nº 853/2024, que proíbe a progressão de pena para os condenados por homicídio qualificado, estupro e outros crimes hediondos. A proposta, formulada pelo senador Flávio Arns (PSB-PR), recebeu parecer favorável do senador Marcos Rogério (PL-RO) e pode seguir para a Câmara dos Deputados.

O projeto original altera a Lei nº 8.072/1990 (Lei dos Crimes Hediondos) e a Lei nº 7.210/1984 (Lei de Execução Penal) para estabelecer que as penas previstas para alguns dos crimes classificados como hediondos sejam cumpridas integralmente em regime fechado, sem possibilidade de progressão de regime para o semiaberto ou o aberto.

Além disso, Marcos Rogério incluiu na classificação de crimes hediondos aqueles previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, que também passam a não ser passíveis de progressão de regime.



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

A progressão de regime acaba com a eficácia preventiva da pena. Condenados reincidentes não se sentem inibidos na prática de novos crimes

Flávio Arns

São eles os crimes relacionados à produção, disseminação e armazenamento de pornografia infantil e ao aliciamento de crianças para a prática de atos libidinosos.

Como a probição não abrange todo o rol de crimes hediondos, a progressão continuará permitida para delitos como lesão corporal seguida de morte, extorsão mediante sequestro, falsificação de remédios e posse ou porte ilegal de arma de fogo, entre outros.

Na justificação da matéria, Flávio Arns esclarece que ela tem a finalidade de proibir que estupradores, pedófilos, assassinos em série, traficantes de pessoas e outros tipos criminosos de alta periculosidade possam usufruir de um relaxamento de pena. Para ele, a progressão alimenta a reincidência.

"A progressão de regime acaba com a eficácia preventiva da pena, eliminando o seu efeito dissuasório. Condenados reincidentes já sabem, de antemão, que não permanecerão presos pelo tempo total da pena, de modo que não se sentem inibidos na prática de novos crimes", sustentou o senador.

O projeto já havia passado pela Comissão de Segurança Pública (CSP). Na versão original, ele alcançava todos os crimes hediondos, mas isso foi alterado pela senadora Damares Alves (Republicanos-DF), relatora na CSP. Damares também estendeu a medida para os crimes do ECA, mas não os elencou como crimes hediondos. Essa providência foi tomada por Marcos Rogério.

Saiba Mais

Crimes que se enquadram na nova regra:

- Homicídio qualificado;
- Estupro;
- Epidemia com resultado morte;
- Favorecimento da prostituição ou de exploração sexual de criança, adolescente ou vulnerável;
- Sequestro de menor de idade;
- Tráfico de pessoas cometido contra criança ou adolescente;
- Genocídio;
- Induzimento ou auxílio a suicídio ou automutilação, por meio da internet;
- Liderança de organização criminosa.

Há 15 anos, STF barrou dispositivo similar

Em 2009, o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou inconstitucional o dispositivo da Lei dos Crimes Hediondos que impedia a progressão da pena nesses casos. De acordo com o STF, isso violava o princípio constitucional da individualização da pena, que significa que o juiz deve ter autonomia para fixar certas condições de cumprimento da pena que sejam adequadas à recuperação social do condenado.

Durante a votação do projeto, o senador Sergio Moro (União-PR) disse entender que o projeto não contraria o espírito da decisão do STF. "Aquela decisão teve muito a ver com o fato de o tráfico de drogas estar equiparado como crime hediondo, e o STF ter entendido que era inconveniente o cumprimento integral em regime fechado para o pequeno traficante. Em relação a assassinato, homicídio, feminicídio, estupro, crimes contra crianças, adolescentes, eu acho que há um espaço para a definição de um regime mais duro, com cumprimento integral", argumentou.

No seu voto, Marcos Rogério argumentou que o

■ Para a Corte, a proposta violava o princípio constitucional da individualização da pena; novo projeto não contraria essa decisão, segundo senador

princípio da individualização não é absoluto e deve ser ponderado com outros direitos fundamentais. Na opinião do relator, o projeto promove essa ponderação, "fazendo prevalecer o interesse público na preservação dos direitos à vida, à liberdade, à incolumidade física e à segurança".

O senador Magno Malta (PL-ES) fez a leitura do relatório durante a reunião da CCJ. O projeto poderá seguir diretamente para a Câmara dos Deputados, a menos que haja recurso para que ele passe pelo Plenário do Senado antes. O recurso precisa ser assinado por pelo menos nove senadores, e o prazo para apresentá-lo é de cinco dias úteis.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Descuidista de livros

O jornalista Samarone Lima, cearense radicado no Recife, confessa em seu sítio que já foi um ladrão de livros, quando estudante pobre na capital pernambucana. Conheci um descuidista de livros, fui até testemunha de um dos seus roubos na antiga Livraria do Luiz, em João Pessoa. O cínico pegou um livro, botou entre suas coisas e saiu na maior cara de pau. Não declaro o nome do meliante, meu colega ferroviário, ativista político, guerrilheiro do PCB, já falecido. Profissionalizado nas lutas em sindicatos rurais para os lados do Rio Grande do Norte, virou esquerdista não de carteirinha, mas de carteira assinada. Burocratizou a revolução que sonhava.

Ele queria me iniciar na carreira de ladrão de livros, mas nunca tive coragem. O atrevido larápio de cultura, como se definia, roubava geralmente obras de filosofia e perfis de revolucionários. Não gostava de ficção. Aliás, sempre notei que meus amigos simpatizantes do comunismo e socialismo, desses obcecados, de uma devoção quase cega ao seu credo político, não apreciavam a poesia, o conto, o romance. Diziam que era pura abstração burguesa, perda de tempo. Meu compadre Fred me acusava de alienado, porque eu gostava de ler Jorge Amado, vejam só! Logo Jorge, o cara que popularizou as ideias comunistas no Brasil.

Aqui para nós e para o povo da rua: só uma vez tive que roubar um livro. Foi em Itabaiana. Eu era metido a desenhista e o padre da freguesia me escalou para pintar um painel enorme, sobre o dia do índio. Representei um índio e um negro quebrando correntes, obra que me custou dois dias de trabalho. No fim, o padre não me pagou nada e ainda me negou o resto da tinta. Para compensar a mesquinharia do sacerdote muquirana, levei um volume de sua biblioteca.

Samarone informa que deixou a vida de biblioclepto e agora é um semeador de cultura. Não acumula livros em casa. Conheço também um cara que só fica com livros de referência. É meu compadre professor Ivaldo Gomes, de João Pessoa. Um dia me fez até uma desfeita: pegou um livro meu, autografado, leu e passou adiante.

Agora vou ler "A menina que roubava livros", do australiano Markus Zusak. Não sei do que se trata. Pelo título, deve ser algo sobre roubar livros, evidentemente! Mas o exemplar que tenho não foi roubado, veio no rol de livros doados para a biblioteca comunitária Arnaud Costa. Esse projeto promove feira de troca de livros. Para participar, basta levar os livros usados e selecionar, entre os títulos disponíveis, aquele que desejar fazer a troca, sem burocracia. Lógico que os livros devem estar em bom estado e não recebemos dicionários, enciclopédias, obras didáticas ou técnicas, fotocópias, livros em espiral ou em más condições e revistas. O projeto distribui livros em pontos de troca em João Pessoa (na sede da Justiça Federal), Itabaiana, Mari, Bananeiras e Solânea. Um dos objetivos é justamente despertar o gosto pela leitura e pelas artes em geral e disseminar informações nas diversas áreas do conhecimento para contribuir com a promoção de desenvolvimento humano, cultural e a inclusão social da comunidade. É uma boa causa a que me dedico há mais de cinco anos.

O Projeto Biblioteca Viva, da Biblioteca Comunitária Arnaud Costa disponibiliza uma estante com acervo de livros dos mais variados gêneros, para que as pessoas possam ter acesso por meio de troca de forma gratuita. O objetivo é promover acesso democrático ao livro e, ao mesmo tempo, fomentar e incentivar o gosto pela leitura, através da disseminação de uma rede que possibilite a circulação de obras literárias, alcançando um público diverso que, em sua maioria, não tem o hábito da leitura, mas que, por meio desta ação, pode ser provocado a experimentar essa nova experiência. Não precisa roubar os livros. Basta levar um livro que já leu e trocar por outro. Nem fazer como determinada pessoa que deixou uma agenda usada e levou um exemplar novo de "Trigal com corvos", de W.J. Solha. E quem tiver livros para doar à biblioteca, entra em contato comigo: mozartpe@gmail.com.

Colunista colaborador

COMBATE ÀS APOSTAS ON-LINE

Anatel solicita mais competências

Superintendência da agência defende que as suas atribuições legais deveriam abranger o bloqueio de páginas

Da Redação
Com Agência Senado

Para que o marco regulatório das apostas esportivas seja efetivo, é necessário retirar do mercado brasileiro as empresas que não seguem as regras. Foi o que disse a superintendente de Fiscalização da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), Gesilea Teles, durante reunião da CPI das Bets, na última semana. Ela também defendeu a ampliação das atribuições legais da Agência, para fortalecer a fiscalização e as sanções sobre o setor.

De acordo com a superintendente, atualmente, as atividades de bloqueio de *sites* de apostas irregulares segue o marco estabelecido pelo Ministério da Fazenda. Um procedimento de comunicação estabelecido entre os órgãos determina que a Secretaria de Prêmios e Apostas (SPA) seja responsável por encaminhar a relação de páginas para que as provedoras possam realizar o bloqueio.

"Desde outubro de 2024, a Anatel já atuou no bloqueio de mais de 8.560 *sites* de apostas ilegais. E como que funciona esse bloqueio? O Ministério da Fazenda nos encaminha uma lista com *sites* que devem ser bloqueados. A Anatel, de posse dessa lista, comunica às prestadoras que dão acesso à internet. Quem são essas prestadoras? São as prestadoras de internet móvel, que a gente conhece por celular, e as prestadoras de internet fixa. De quantas prestadoras estamos falando? São mais de 21 mil prestadoras", detalhou Gesilea Teles.

Ela esclareceu que não é da competência da Anatel bloquear o *site*, o órgão apenas comunica à prestadora sobre a decisão do ministério de interromper a operação da página. "A gente não consegue ter ingerência sobre a rede das operadoras. O que a gente faz é, meramente, uma comunicação de uma decisão que não é de nossa competência", disse.

Fragilidades

No entanto, a superintende alertou que algumas ações podem fragilizar a atuação da Anatel. Como a utilização, pelo usuário, de redes privativas virtuais, as chamadas *VPNs*, para "mascararem" a sua localização, burlando o sistema de bloqueio.

"A *VPN* faz uma conexão criptografada entre o usuário e o servidor, e aí você não sabe onde aquele usuário está. Então, se esse usuário se conectar a uma *VPN* no exterior, por exemplo, as prestadoras de comunicação aqui não sabem que ele está no Brasil. E ele está fisicamente no Brasil, mas virtualmente ele não está. É uma forma de burlar uma ordem de bloqueio", explicou.

Outro fator complicador para atuação da Anatel, segundo Gesilea Teles, é a rápida mudança de nomes dos *sites* ilegais e o enquadramento do órgão a uma lista fechada, encaminhada pelo Ministério da Fazenda, sem a possibilidade de estender o bloqueio para um nome de *site* que foi modificado e que pertence a um mesmo grupo. A Anatel só tem essa autorização quando a pasta encaminha uma nova lista contendo essa nova informação.

"Os próprios *sites* ilegais, eles podem mudar os nomes deles. Então, hoje, o que é ABC Bet, amanhã ele muda para ABCD Bet. Ele faz uma alteração de uma letra na página dele e a Anatel trabalha com uma lista fechada que nos é encaminhada pelo Ministério da Fazenda", exemplificou.



Fotos: Roque de Sá/Agência Senado

Regulação das empresas foi discutida durante reunião da CPI das Bets, realizada na última semana, no Senado Federal

Opinião contrária

Para a relatora da CPI, a senadora Soraya Thronicke (Podemos-MS), é como se a Anatel estivesse enxugando gelo. "O *VPN* não é ilegal, mas eles conseguem mudar apenas um ponto, uma letra, e continuarem com a mesma plataforma, continuando com outro nome. É algo que nos impressiona sobremaneira, eu costumo dizer que nós estamos tentando trocar o pneu com o carro andando e nós estamos muito atrasados, porque eles já estão anos luz a nossa frente", defendeu.

Em resposta ao senador Izalci Lucas (PL-DF), Gesilea Teles informou que a Anatel estuda a possibilidade de parceria com provedores de *VPNs* ou com empresas de tecnologias para desenvolver soluções que tornem a atuação do órgão mais eficiente nesse processo de notificação.

Representante do órgão e relatora da Comissão Parlamentar de Inquérito divergem sobre autorização das *VPNs*

Possíveis mudanças no Marco Civil da Internet estão em pauta

A jurisdição da Anatel está limitada a realizar as notificações às prestadoras de telecomunicações. O órgão não consegue, por exemplo, alcançar, em termos legais, os agentes do ecossistema digital, como as redes sociais ou as próprias plataformas de aposta on-line.

A superintendente explicou que a Anatel não tem ingerência sobre os provedores públicos de serviço de tradução de domínios, chamados de *DNS* e sobre os provedores de rede de distribuição de conteúdos, os *CDNs*, como o Google e o Cloudflare.

Nesse sentido, Gesilea Teles defendeu mudanças no Marco Civil da Internet (Lei nº 12.965/2014), para conceder poderes à Anatel para fiscalizar, regular e aplicar sanções para aquelas empresas responsáveis pelos serviços habilitadores de conectividade. "A gente tem que conseguir alcançar os *DNS* e os *CDNs* para ter uma atuação mais forte e a competência fiscalizatória em cima do que está acontecendo no mundo das *bets*. Da forma que está a delimitação legal, nós não temos essa competência", avaliou.

A cargo da Anatel, fica apenas a transmissão da comunicação de ordem judicial de bloqueio de *sites* que, segundo Gesilea, até agora, foram de 139, e de ordens administrativas, advindas do Ministério da Fazenda, somadas em 8.560.

"É importante que possa haver uma modernização do Marco Civil da Internet para que tanto o provedor de conexão da internet quanto os responsáveis pelos demais serviços habilitadores de conectividade e os provedores de aplicação de internet possam ser responsabilizado civil e administrativamente, caso eles desobedeçam ordens judiciais e, o mais importante, ordens administrativas", completou.

Medida provisória

A senadora Soraya Thronicke informou que já recebeu a sugestão do anteprojeto, no entanto, estuda a possibilidade de negociar com o Executivo para que a alteração seja feita por meio de medida provisória (MP). "Carlos Manuel Baigorri [diretor da Anatel] entregou essa minuta de um pré-projeto, mas nós discutimos também, diante da urgência e da relevância, que são os requisitos de uma MP, aguardar uma agenda com o ministro Fernando Haddad, para que ele decida se vai fazer uma medida provisória. Seria uma forma mais rápida, porque projeto realmente demora muito".



A gente precisa alcançar os chamados *DNS* e *CDNs* para ter uma atuação mais forte e fiscalizatória no mundo das *bets*

Gesilea Teles

Dificuldades

O senador Izalci Lucas (PL-DF) citou a possível resistência de grandes plataformas, como o Google e a Meta, diante da eventual responsabilização civil, por descumprimento de ordem administrativa, e questionou como a Anatel pretende abordar essa questão, caso o Marco Civil seja alterado por projeto de lei ou por medida provisória.

"Quando a gente pensa a alteração do Marco Legal, e aí a gente cria um lastro legal para que a Anatel possa atuar, eu acho que as plataformas que atuarem no Brasil têm que se ajustar; elas têm que aceitar o arcabouço legal do Brasil e não vão poder contestar a competência da Anatel. Hoje, essa dúvida sobre a competência existe porque não está claro, não está escrito, que podemos atuar sobre as plataformas legais. Uma vez que isso seja solucionado, elas não vão poder contestar", esclareceu a representante da Anatel.

Já a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) defendeu que, mesmo que a ampliação de competência não seja feita por medida provisória, a CPI pode apresentar o projeto. "Então, se a gente puder apresentar, se o governo não mandar como MP, e a gente apresentar, e, na primeira semana [de fevereiro], na próxima sessão, a gente deliberar, será uma grande entrega dessa CPI. Mas também não é só mudar as atribuições, o marco; é também equipar a Anatel", falou.

Investimentos

A senadora Soraya Thronicke ainda questionou sobre outros desafios para atuação da Anatel, como restrição de investimentos e acesso a novas tecnologias. A convidada respondeu que o trabalho do órgão poderia ser mais bem executado se houvesse contratação de mais profissionais e mais investimento para otimizar esse tipo de análise para bloqueio e fiscalização de *sites* com uso de inteligência artificial, principalmente se as competências do órgão forem ampliadas.

Como contribuição, Izalci Lucas sugeriu chamar as próprias empresas legais para auxiliarem no desenvolvimento de sistemas tecnológicos que possam rastrear e bloquear automaticamente *sites* ilegais. "Eles podem, realmente, contribuir com isso, porque eu acho que o Ministério da Fazenda vai ter muita dificuldade de acompanhar esses *sites* que ficam mudando de minuto em minuto", opinou.



Nós estamos aguardando uma agenda com o ministro Fernando Haddad para que ele decida se fará uma MP

Soraya Thronicke

ANO NOVO, OCUPAÇÃO NOVA

Prefeituras paraibanas têm mais de 600 vagas abertas

Certames selecionam profissionais de todos os níveis de escolaridade

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Se a sua meta para o próximo ano inclui estabilidade e um novo rumo profissional, dois concursos públicos no estado da Paraíba podem ser a chave para começar 2025 com o "pé direito". As prefeituras paraibanas de Pedras de Fogo e Alagoa Grande estão oferecendo mais de 600 vagas em diversas áreas, para todos os níveis de escolaridade, com salários que variam de R$ 1,4 mil a R$ 11,2 mil. E o melhor: ainda dá tempo de se inscrever.

No município de Pedras de Fogo, localizado na Zona da Mata paraibana, há 255 vagas abertas para profissionais de níveis fundamental, médio e superior. As oportunidades são para os cargos de gari, técnico de laboratório, professor, encanador, médico, bioquímico, fiscal de obra, nutricionista, entre outros, com salários que vão de R$ 1.412 a R$ 5.336,36. Os profissionais aprovados cumprirão jornadas de 40 horas semanais.

As inscrições seguem abertas até 18 de janeiro de 2025 e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo *site* do Instituto Educa PB (educapb.com.br). O custo para participar varia de R$ 28 a R$ 60, conforme o nível de escolaridade do cargo pretendido. O certame será composto por três etapas: prova objetiva de múltipla escolha para todos os candidatos, marcada para os dias 16 e 23 de fevereiro, além de análise de títulos e prova prática para alguns cargos. No conteúdo programático, constam questões de Língua Portuguesa, Informática, conhecimentos gerais e conhecimentos específicos.



Foto: João Pedrosa

Educa PB e CPCon organizam as provas de Pedras de Fogo e Alagoa Grande, respectivamente

Pelo cronograma, a divulgação do resultado preliminar da prova objetiva ocorrerá no dia 24 de março, seguida da entrega de documentos para análise de títulos, que deverá ser feita nos dias 27 e 28 do mesmo mês. Já a prova prática está programada para o dia 30. Por fim, o resultado definitivo será anunciado em abril.

Já o concurso da Prefeitura de Alagoa Grande, no Agreste paraibano, oferece 388 vagas para cargos de níveis fundamental, médio, técnico e superior. Entre as funções disponíveis, estão de agente administrativo, técnico em saúde bucal, merendeira, vigilante, procurador, professor (de várias áreas), agente de trânsito, guarda municipal e terapeuta ocupacional. As remunerações vão de R$ 1,4 mil a R$ 11,2 mil, dependendo do nível de escolaridade. A carga horária também varia de acordo com o cargo, de 20 a 40 horas semanais.

Os interessados poderão se inscrever até 16 de fevereiro de 2025, pelo *site* da Comissão Permanente de Concursos (CPCon), ligada à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), mediante pagamento de taxas nos valores de R$ 75 a R$ 115. A prova objetiva, de caráter classificatório e eliminatório, está marcada para 27 de abril de 2025 e será obrigatória para todos os candidatos. Para alguns cargos, haverá ainda etapas adicionais: futuros guardas municipais passarão por testes de aptidão física, enquanto eletricistas, motoristas e operadores de máquinas enfrentarão provas práticas. E, para as funções de nível superior, está prevista a fase de análise de títulos.

Segundo o edital, a prova objetiva será composta por questões de Língua Portuguesa, Matemática, Raciocínio Lógico, Informática, conhecimentos gerais e conhecimentos específicos, com o conteúdo adaptado às exigências de cada cargo. A divulgação do resultado da prova objetiva, assim como a convocação para as provas prática e de títulos, deverá ocorrer no dia 2 de junho de 2025. Já o resultado definitivo do concurso será publicado até o dia 26 do mesmo mês.

Empatia e técnica para transformar vidas

Poucas profissões têm um impacto tão transformador quanto à de terapeuta ocupacional. Por trás de cada sessão, existe um profissional dedicado a devolver autonomia e qualidade de vida a quem enfrenta barreiras físicas, emocionais ou cognitivas. É um trabalho minucioso, que se desenrola nos bastidores e, apesar de muitas vezes passar despercebido, faz toda a diferença ao transformar limitações em possibilidades. Como explica a terapeuta ocupacional Katariny Vasconcelos, formada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a profissão vai além de técnicas ou protocolos. "Nosso foco é tornar a pessoa o mais independente possível no seu dia a dia. Observamos quais são as atividades nas quais ela tem limitações e trabalhamos para que possa realizá-las de forma satisfatória". É um cuidado que, segundo ela, transforma vidas — uma sessão por vez.

Embora seja uma fonte contínua de bem-estar, a terapia ocupacional ainda é pouco popular. Para a especialista, falta reconhecimento sobre sua importância, assim como entendimento sobre o que ela realmente faz. Ao trabalhar aspectos como coordenação motora, força muscular, cognição e destreza, a terapia proporciona suporte para que o paciente consiga ser autossuficiente em suas atividades diárias.

Segundo Katariny Vasconcelos, ainda é comum a população associar a terapia ocupacional apenas ao atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou síndrome de Down, o que limita bastante a percepção sobre seu impacto real. "Nossa atuação é bem mais ampla", destaca. De hospitais e clínicas a escolas, centros de reabilitação e equipamentos voltados para idosos, o terapeuta também se insere em áreas como saúde mental, desenvolvimento infantil e educacional. Não à toa, a especialista acredita que alcançar esse reconhecimento seja um dos desafios mais marcantes da profissão, especialmente em um estado como a Paraíba, onde a graduação existe há pouco mais de 10 anos.

Abordagem humanizada

Você já parou para pensar como é ajudar alguém a retomar pequenas atividades do dia a dia, como escovar os dentes ou se vestir? Esses momentos, que parecem comuns para a maioria das pessoas, representam grandes conquistas para quem enfrenta algum tipo de limitação. Com isso em vista, o terapeuta ocupacional precisa combinar conhecimento técnico e muita sensibilidade para ajudar seu paciente a superar esses desafios. Por isso, habilidades como empatia, comunicação e uma visão humanizada são indispensáveis. "Acredito que o terapeuta ocupacional precisa ter uma visão muito humanizada. Só conhecimento teórico não é suficiente", enfatiza Katariny.

O trabalho começa com uma anamnese detalhada, por meio da qual o profissional identifica as dificuldades e os interesses do paciente. Essa etapa é essencial para entender o que realmente importa para a pessoa e quais barreiras precisam ser superadas. "Vamos observar em quais atividades ele tem limitações e o que é significativo para ele", explica Katariny. A partir disso, o terapeuta traça um plano de intervenção, adaptando estratégias à realidade de quem está sendo atendido e sempre respeitando o ritmo e as particularidades de cada paciente.

A tecnologia assistiva é um dos recursos que a terapia ocupacional também pode utilizar para auxiliar seus pacientes. Recursos como aplicativos de comunicação alternativa são especialmente úteis para quem enfrenta dificuldades de interação. Além disso, há soluções como leitores e ampliadores de tela; teclados e *mouses* adaptados; e até programas que traduzem conteúdos digitais para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Mas, como destaca Katariny, nem tudo precisa ser tão tecnológico para fazer a diferença. "Uma colher entortada pode ajudar alguém com limitação de movimento a se alimentar de forma independente", explica a terapeuta, reforçando o impacto transformador de ferramentas simples.

Oportunidade

Se a trajetória de Katariny inspirou você, há oportunidades no serviço público que podem ser a porta de entrada para a profissão. Um exemplo é o concurso da Prefeitura de Alagoa Grande, que oferece vagas para terapeutas ocupacionais. Com uma remuneração inicial de R$ 2.170 e jornada de 30 horas semanais, a função inclui o desenvolvimento de atividades voltadas à reabilitação física e mental de pacientes, bem como a execução e coordenação de políticas de saúde e estudos na área. Além de ser graduado em Terapia Ocupacional, o candidato deve estar devidamente registrado no conselho de classe.

Carreiras

Bruno Cunha
brunocunha@carreiracombrunocunha.com.br | Colaborador

Por que sua carreira está estagnada e você nem percebe?

Em um mundo em constante evolução, manter-se atualizado é crucial para a sobrevivência profissional. Contudo, muitos profissionais continuam a trabalhar com o que aprenderam há anos, sem perceber que o mercado de trabalho está em constante mudança. A ausência de qualificação adequada ou a falta de atualização sobre as novas habilidades e tecnologias necessárias pode estar impedindo você de avançar em sua carreira.

Essa é uma dor silenciosa que muitos profissionais sentem sem reconhecer. Sem um diagnóstico claro de carreira, você não sabe quais qualificações precisa priorizar ou quais competências devem ser aprimoradas para se manter competitivo.

A dor da defasagem de qualificação: Como ela surge sem você perceber

A defasagem de qualificação é sutil. Ela começa com a sensação de que, de repente, as oportunidades que antes pareciam acessíveis começam a desaparecer. Você aplica para vagas, mas não recebe retorno. Seus colegas avançam, mas você parece preso no mesmo lugar. Com o tempo, isso gera frustração e até mesmo dúvidas sobre sua capacidade profissional. Mas o que pode parecer falta de oportunidade ou reconhecimento é, muitas vezes, um reflexo direto da desconexão entre suas habilidades e as demandas atuais do mercado.

> **A defasagem de qualificação é sutil. Ela começa com a sensação de que, de repente, as oportunidades que antes pareciam acessíveis começam a desaparecer**

Esse desalinhamento, geralmente, ocorre de forma gradual. Talvez você tenha iniciado sua carreira com um conjunto de habilidades que, naquela época, eram essenciais e valorizadas. Contudo, o que muitos profissionais ignoram é que o mercado de trabalho é dinâmico, e as demandas mudam com frequência. Habilidades que eram de ponta, há cinco anos, podem hoje estar ultrapassadas, substituídas por tecnologias emergentes ou novas metodologias.

Sem uma atualização constante ou a busca ativa por novas qualificações, o profissional se vê ficando para trás, mesmo sem perceber. O maior erro aqui é acreditar que experiência acumulada é suficiente para sustentar uma carreira a longo prazo. Na realidade, a experiência só tem valor quando está alinhada com as exigências atuais do mercado.

Por que ter "experiência" não é o suficiente

Muitos profissionais acreditam que, com o passar dos anos, sua experiência será suficiente para garantir estabilidade e progresso. Porém, o mercado de trabalho atual exige muito mais do que anos de prática. As empresas estão em busca de profissionais que não apenas têm experiência, mas que também são capazes de se adaptar às mudanças constantes e adquirir novas competências rapidamente.

O problema com essa abordagem está no pensamento de que "experiência" é um sinônimo de "relevância". Uma década de trabalho em uma área específica não garante que suas habilidades ainda sejam desejadas. É aqui que muitos profissionais se surpreendem: a experiência que, antes, qualificava-os pode, hoje, ser insuficiente para competir no mercado atual.

Essa percepção é o que torna a falta de qualificação uma dor tão silenciosa. Não é que você deixou de ser bom no que faz, mas o mercado já se moveu para uma nova direção, e suas competências não acompanharam. Isso pode ser devastador para a autoconfiança de um profissional, especialmente se ele não percebe essa defasagem a tempo de corrigi-la.

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 11 de dezembro de 2024	R$ 1.412	-0,81%	-0,04%	-0,43%
12,25%		R$ 6,072	R$ 6,340	R$ 7,651

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Novembro/2024	0,39
Outubro/2024	0,56
Setembro/2024	0,44
Agosto/2024	-0,02
Julho/2024	0,38

Ibovespa
121.699 pts
+0,42%



FATURAS QUITADAS

Pix já é usado para pagar 40% das contas de energia

Energisa foi a primeira a oferecer essa tecnologia como opção de pagamento

O Pix consolidou-se como o principal meio de pagamento entre os mais de oito milhões de clientes da empresa Energisa, representando cerca de 40% das faturas quitadas. Pioneiro no setor de energia, o grupo foi o primeiro a implementar essa tecnologia como opção de pagamento de suas faturas.

Desde sua criação pelo Banco Central (BC) em 2020, o Pix conquistou amplo espaço no cotidiano da população. Segundo pesquisa do BC, 76,4% dos brasileiros já utilizam o serviço de pagamento instantâneo, sendo o método mais frequente para os entrevistados. Para efeito de comparação, em 2021, poucos meses após sua implementação, a adesão era de 46%, e apenas 17% consideravam o Pix como a principal forma de pagamento.

"Atualmente, cerca de 3,2 milhões de clientes realizam o pagamento de suas faturas de onde estiverem, sem nenhuma necessidade de deslocamento. Isso reflete nosso compromisso com a inovação e a busca por soluções que melhorem a vida dos nossos clientes", destacou Cristiana Rios, gerente corporativa de Recursos Financeiros do Grupo Energisa.

Segundo ela, as unidades da Energisa no Acre, Mato Grosso do Sul e Tocantins destacam-se com mais de 50% dos pagamentos realizados via Pix. Além de facilitar o pagamento, a empresa observou uma redução significativa nos índices de inadimplência desde a implementação dessa tecnologia.

"Essa tecnologia é mais do que uma ferramenta de pagamento: é uma ponte para conectar os serviços do grupo ao dia a dia das pessoas, com agilidade e segurança", finaliza a gerente.

> **Atualmente, cerca de 3,2 milhões de clientes realizam o pagamento de onde estiverem**
>
> Cristiana Rios

Para ampliar a adesão, a concessionária de energia prorrogou a promoção Pague com *QR Code* e Concorra a Prêmios que já beneficiou mais de 200 clientes com até dois anos de contas gratuitas. A campanha, inicialmente prevista para terminar em dezembro, foi estendida até o fim de fevereiro de 2025.

A promoção é válida para todos os clientes cadastrados como pessoa física de todas as unidades do Grupo Energisa: Energisa Minas Rio, Energisa Paraíba, Energisa Sergipe, Energisa Mato Grosso, Energisa Mato Grosso do Sul, Energisa Tocantins, Energisa Sul-Sudeste, Energisa Rondônia e Energisa Acre. Para participar, basta acessar pix.energisa.com.br e realizar o cadastro.

NO VAREJO

Crescimento das vendas alcança 8,13%, em CG

O varejo de Campina Grande apresentou um expressivo crescimento em 2024, com aumento acumulado de 8,13% no recolhimento do ICMS entre os meses de janeiro e novembro, em comparação ao mesmo período de 2023. Os dados, divulgados pela Secretaria de Estado da Fazenda (SEFAZ), refletem o aquecimento do setor e fortalecem as expectativas positivas para o comércio local.

O desempenho ao longo do ano foi consistente, mas o destaque ficou para o mês de outubro, que registrou a maior alta percentual no comparativo anual, com um crescimento de 12,41%. O recolhimento do ICMS no período saltou de R$ 536,7 milhões, em 2023, para R$ 603,3 milhões, em 2024. Novembro também apresentou resultados robustos, com um aumento de 11,46%, consolidando a tendência de alta no final do ano.

No acumulado dos onze meses, o varejo campinense arrecadou R$ 6,39 bilhões em ICMS, contra R$ 5,91 bilhões no mesmo intervalo do ano anterior. O ritmo de crescimento está alinhado com as projeções da Câmara de Dirigentes Lojistas de Campina Grande (CDL-CG), que estima uma manutenção do patamar de 8% até o fechamento do ano.

Eliézio Bezerra, presidente da CDL-CG, comentou os números com entusiasmo: "Os resultados refletem a força do comércio local e a confiança dos consumidores. Esse crescimento é fruto do trabalho conjunto entre lojistas e a economia aquecida da região. Estamos otimistas para que essa tendência positiva se mantenha no próximo ano", disse o dirigente lojista.

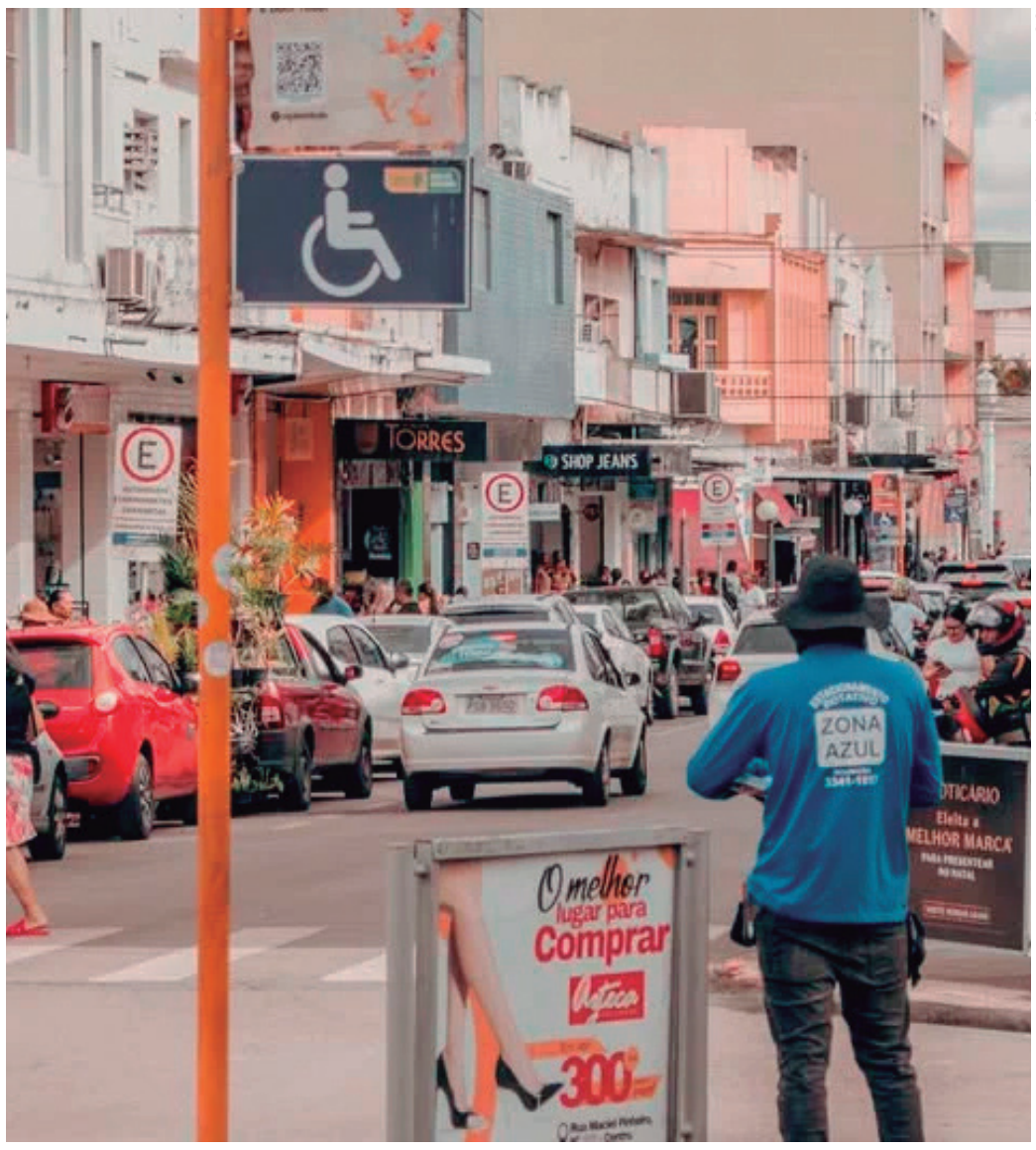


Foto: Divulgação/Codecom-CG

CDL atribui esse crescimento ao trabalho conjunto entre lojistas e a economia aquecida da região

O desempenho positivo é atribuído a diversos fatores, incluindo estratégias comerciais mais agressivas, maior acesso ao crédito por parte dos consumidores e eventos sazonais que movimentaram o comércio local.

Com as festas de fim de ano e o aumento significativo de consumidores nas ruas, a expectativa é que dezembro também registre números expressivos, reforçando ainda mais o papel do varejo como motor da economia campinense.

Recolhimento do ICMS no período saltou de R$ 536,7 milhões, em 2023, para R$ 603,3 milhões, em 2024

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Dólar, inflação e juros: o que está acontecendo?

Nos últimos meses, o Brasil tem enfrentado um cenário desafiador. A dívida pública brasileira continua crescendo em ritmo acelerado, com a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) aproximando-se de 80% do PIB. Enquanto isso, o governo parece mais focado em aumentar a arrecadação por meio de impostos do que em adotar medidas para conter gastos, alimentando uma crise que já dá sinais claros de desgaste. Apesar de o cenário fiscal indicar fragilidade, declarações como a do presidente, afirmando que "a única coisa errada nesse país é a taxa de juros estar acima de 12%", não apenas simplificam uma questão complexa, como também ignoram os problemas estruturais que levaram o Brasil a essa situação.

Apesar do quadro fiscal preocupante, a economia brasileira apresenta, por ora, uma resistência notável. O PIB continua aquecido, com expectativa de fechar 2024 em 3,5%, bem acima do cenário do início do ano, que era de apenas 1,6%. A taxa de desocupação segue em queda, ajudando a sustentar o nível de atividade econômica. Contudo, esse crescimento carrega consigo pressões inflacionárias. Com a inflação anual projetada em 5,00%, distante da meta de 3%, o poder de compra das famílias está comprometido e a estabilidade econômica é colocada em risco.

> **Embora a economia mostre sinais de vigor, é evidente que estamos em um terreno instável**
>
> Amadeu Fonseca

Outro fator que agrava o cenário é a desvalorização do real. O dólar, que começou o ano a R$ 4,87, já ultrapassa os R$ 6,17, acumulando uma queda de 20%. Esse movimento reflete o aumento da demanda por dólar, impulsionado pela busca de proteção contra incertezas internas e pela fuga de capitais. Essa pressão no câmbio cria uma espécie de "inércia cambial", onde as expectativas de desvalorização do real intensificam comportamentos que agravam a alta da moeda estrangeira. Como resultado, a desvalorização cambial pressiona os preços internos.

Para conter esses efeitos, o Banco Central foi obrigado a elevar a taxa Selic para 12,25%, com sinalizações de novos aumentos nas próximas reuniões do Copom. A elevação dos juros é necessária para controlar a inflação, mas tem efeitos colaterais: desacelera os investimentos, aumenta os custos do crédito e restringe o crescimento econômico no médio prazo. No entanto, sem uma política fiscal responsável, as medidas do Banco Central têm alcance limitado, criando um descompasso entre a política monetária e a postura fiscal do governo.

Embora a economia mostre sinais de vigor, é evidente que estamos em um terreno instável. Com dois anos restantes de mandato, é pouco provável que o governo tome medidas impopulares, como cortes de gastos, que poderiam demonstrar compromisso com a responsabilidade fiscal. Reduzir os juros sem ajustar os gastos públicos seria como tapar o sol com a peneira. Dito isso, o Brasil precisa de um esforço genuíno para equilibrar suas contas e criar um ambiente de confiança que estimule investimentos e preserve a estabilidade econômica. Ignorar esses desafios agora pode levar a um custo muito maior no futuro — um custo que será sentido por todos.

FIPE/BUSCAPÉ

Preço de eletroeletrônicos em queda

Recuo foi de 1,11% em comparação ao mês anterior, resultado abaixo do registrado no mesmo período de 2023

Os preços dos produtos eletroeletrônicos vendidos no *e-commerce* brasileiro tiveram queda anual de 2% em novembro de 2024, de acordo com o Índice de Preços Fipe/Buscapé. A pesquisa, que monitora continuamente 47 categorias de eletroeletrônicos e mais de dois milhões de preços, com informações do principal comparador de preços do país, o Buscapé, mostra que a tendência de redução nas quedas anuais se mantém, com o registro da menor dos últimos 23 meses.

Em novembro, os preços de eletroeletrônicos tiveram uma queda mensal de 1,11%, mas como houve um aumento de 0,27% em outubro de 2024, em conjunto os dois meses tiveram uma queda de preço (-0,82%). Em novembro de 2023 a queda de preços foi de 1,70% e a variação acumulada em conjunto com outubro de 2023 foi de -2%. Essa diferença no comportamento dos preços entre os dois anos reflete a tendência de variações negativas declinantes de 2024.

Dado que muitos aparelhos eletroeletrônicos são importados, ou têm componentes importados, essa tendência deve receber influência da recente valorização do câmbio dólar/real, que no período de 11 meses, terminado em novembro de 2024, aumentou 18,6%.

Segundo Sérgio Crispim, pesquisador da Fipe, os preços de eletroeletrônicos refletiram uma dinâmica de mercado bastante particular no mês de novembro. "A queda de 1,11% no mês foi influenciada pelas promoções da Black Friday, mas ainda assim ficou abaixo da redução de 1,70% observada no mesmo período de 2023", comparou.

Ainda de acordo com ele, essa diferença reflete a valorização do dólar em 2024, que encarece os componentes importados e afeta os custos de produção. "Mesmo com descontos expressivos no varejo, o impacto da alta cambial tem limitado o espaço para reduções de preços mais acentuadas".

Os grupos de produtos que tiveram as maiores quedas anuais de preços em outubro de 2024 foram celulares (-6,0%), eletroportáteis (-3,5%) e vídeo/áudio (-3,3%).

O grupo de eletrodomésticos teve aumento de preços de 1,79%, influenciado principalmente pelos preços de aparelhos de ar-condicionado. Desde o pico de aumento anual de preços de 25,7% dessa categoria, em janeiro de 2024, observa-se um forte declínio das variações anuais, chegando a 4,8% em novembro de 2024.

Além de ar-condicionado, outra categoria que se destacou com aumento anual de preços foi *notebook* (1,5%). Essa categoria vem influenciando bastante a tendência de quedas decrescentes do grupo Informática, que veio de uma queda anual de preços de 13,1%, em novembro de 2023, para um aumento de 0,3%, em novembro de 2024, a primeira variação positiva do grupo na série de 23 meses.

Francisco Donato, superintendente executivo da Mosaico, no Banco PAN, analisa o impacto das ofertas da Black Friday (data de promoções especiais que acontece na última sexta-feira do mês de novembro) em relação às variações de preços no mês de novembro.



Fotos: Reprodução/Freepik

Dado que muitos eletroeletrônicos são importados, essa tendência é influenciada pela recente valorização do câmbio dólar/real

FIM DE ANO

Brasileiros planejam comprar mais itens orgânicos e sustentáveis



Foto: Reprodução/FreePik

60% dos brasileiros indicaram intenção de comprar mais de marcas sustentáveis

Um estudo focado em entender o comportamento e os anseios de compra dos brasileiros para o fim do ano acaba de ser divulgado pela EY, uma das maiores consultorias e auditorias do mundo. Um dos aspectos está relacionado à sustentabilidade — a pesquisa indica que 51% dos brasileiros planejam comprar mais itens orgânicos e sustentáveis, superando a média global de 42%.

Ainda sobre sustentabilidade no consumo, 60% dos brasileiros indicaram intenção de comprar mais de marcas sustentáveis, enquanto a média global ficou em 51%. Importante destacar, entretanto, que a intenção de compra e a conversão da compra em si não necessariamente convergem sempre, visto que o preço tem um papel relevante na decisão final.

Por uma perspectiva de sentimento após realizar a compra, um dado curioso da pesquisa é referente aos atrasos de entrega, em que os brasileiros se mostram mais intolerantes (35%) que o resto do mundo (29%). Isso se reforça, também, na questão da qualidade do atendimento e experiência como um todo, além do valor do frete, no qual o brasileiro tem sensibilidade adicional aos demais países. Com isso, a pesquisa reforça que a presença de um valor mínimo para garantir frete grátis tende a aumentar a conversão dos consumidores no Brasil.

Pensando especificamente nas festividades de fim de ano, os fatores relacionados a preços e variedade são os temas que mais impactam na escolha do canal de compra no Brasil: 49% buscam melhores preços, 37% melhores promoções, 33% variedade de produtos em um mesmo canal/local e 31% fretes mais rápidos e baratos.

Além disso, 85% dos brasileiros buscam ativamente por promoções para garantir as melhores ofertas neste período e 64% compram apenas itens que estiverem em seu orçamento. E, por fim, a representatividade dos brasileiros que apreciam os eventos de liquidações de fim de ano e aguardam por este momento chega a 84%, superando a média global (69%) e dos EUA (70%).

A respeito das principais categorias consideradas pelos consumidores para si próprio, e para presentear, a categoria de vestuário apresenta um grande destaque no Brasil e no mundo. No Brasil, 70% dos entrevistados consideram essa uma das categorias preferidas para presentes (63% no global). A categoria de eletrônicos ficou como a segunda categoria preferida para presentes tanto no Brasil quanto no mundo.

A EY conduz, globalmente, um estudo em 19 países com o intuito de avaliar e acompanhar o comportamento do consumidor, chamado Future Consumer Index. Esse ano foi realizada uma edição especial em relação às intenções de compras em datas festivas, tendo o Brasil como um dos países entrevistados.

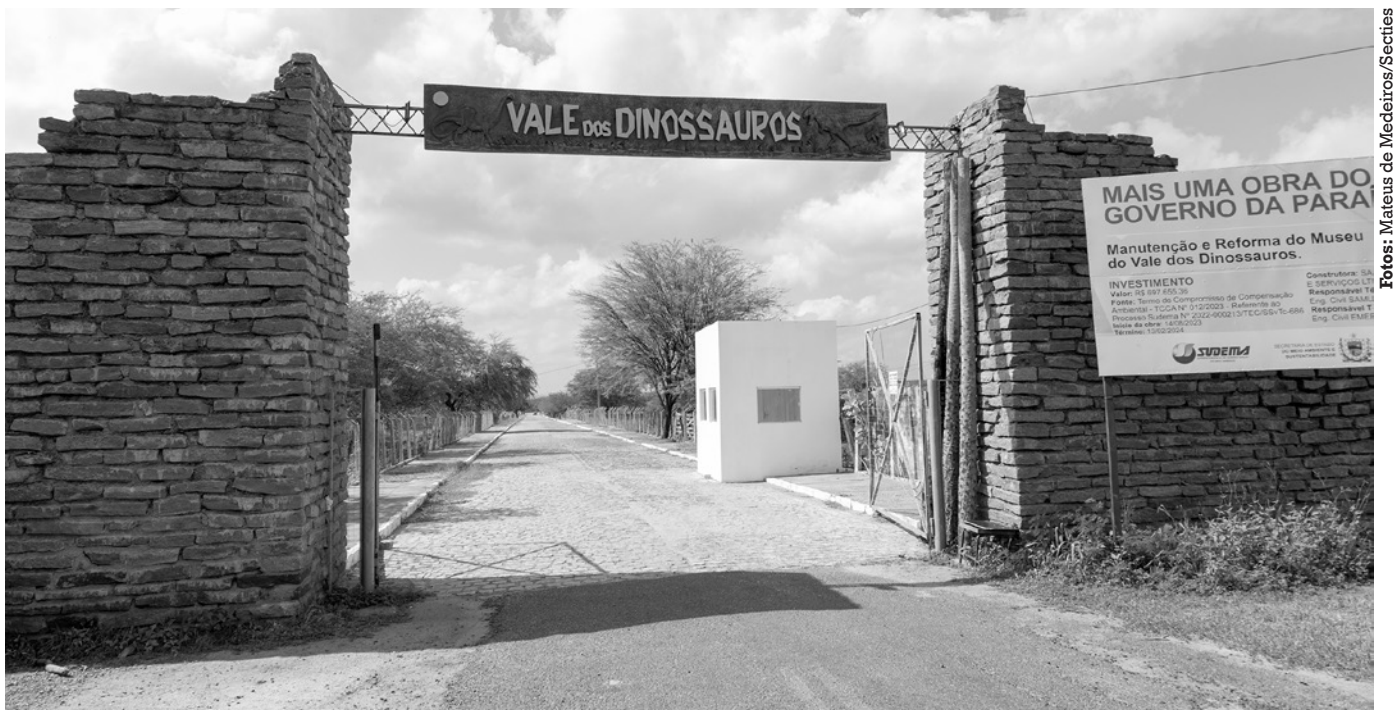
Destaque

A categoria de vestuário é o presente preferido no Brasil, e no mundo. O segundo lugar na preferência ficou com os eletrônicos

PALEONTOLOGIA

Congresso internacional em Sousa

Inscrições já estão abertas; o evento é gratuito e será realizado nos dias 21, 22 e 23 março de 2025



Fotos: Mateus de Medeiros/Secties

O objetivo é promover a ciência paleontológica, destacando os importantes sítios paleontológicos e arqueológicos na região

As inscrições para o 1º Congresso Internacional de Paleontologia estão abertas. O evento é gratuito e acontece nos próximos dias 21, 22 e 23 de março, no *campus* de Sousa da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no Sertão paraibano. O objetivo é promover a ciência paleontológica, destacando os importantes sítios paleontológicos e arqueológicos na região.

O congresso integra o projeto de pesquisa em Paleontologia e Arqueologia na Bacia Sedimentar do Rio do Peixe, realizado pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), com apoio da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq); reunirá renomados paleontólogos e pesquisadores do Brasil e do exterior.

O secretário de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, Claudio Furtado, destacou a relevância do evento para a região: "O evento é um marco para a Paraíba e, especialmente, para o Sertão. O congresso não só divulga as riquezas paleontológicas que nossa região possui, como também simboliza um avanço na ciência no estado. Esse é apenas um dos exemplos do compromisso do Governo da Paraíba com o desenvolvimento da ciência".

Entre os destaques, está a presença do padre e pesquisador Dr. Giuseppe Leonardi, renomado especialista italiano, pioneiro nas pesquisas científicas sobre as pegadas de dinossauros no Sertão da Paraíba. A programação do evento incluirá palestras, mesas-redondas, que abordarão temas como a evolução dos ecossistemas antigos e a importância das descobertas paleontológicas no Sertão paraibano, além de atividades de campo e uma visita especial ao Museu do Vale dos Dinossauros, uma das maiores atrações científicas e turísticas da região.

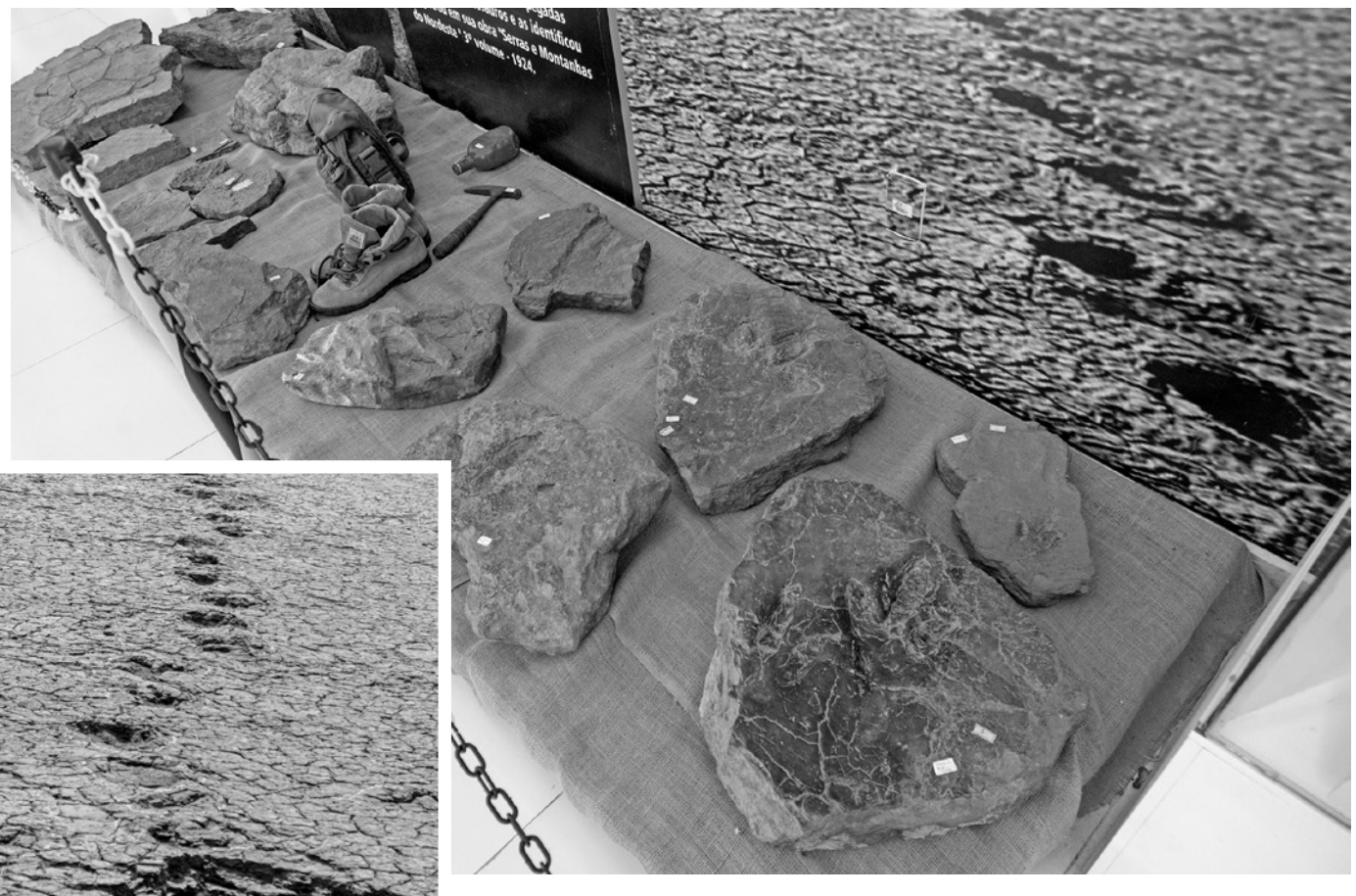
História geológica da PB

O coordenador do projeto, o arqueólogo Juvandi de Souza Santos, também comentou sobre a importância do congresso: "Este evento é de grande importância não apenas para o Sertão, mas para toda a Paraíba. Ele representa a divulgação das riquezas paleontológicas do estado e marca o início da especialização em Paleontologia, que será a primeira no estado. Além disso, o congresso promove a aproximação da ciência com a comunidade local, o que é essencial para o desenvolvimento da região. Estamos confiantes de que este congresso será apenas o primeiro de muitos eventos científicos que ocorrerão na Paraíba nos próximos anos".

O congresso será uma oportunidade única para o público conhecer a história geológica da Paraíba e os avanços científicos que tornam a Bacia Sedimentar do Rio do Peixe uma área de relevância mundial para a paleontologia.

O 1º Congresso Internacional de Paleontologia da Paraíba não só oferece uma oportunidade de aprofundamento científico, mas também valoriza o rico patrimônio natural do Sertão, uma região que tem se destacado globalmente por suas formações geológicas e fósseis preservados.

São parceiros da ação o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (Labap) e o Museu de História Natural da UEPB.





Uma oportunidade única para o público conhecer a história geológica da Paraíba e os avanços científicos que tornam a Bacia Sedimentar do Rio do Peixe uma área de relevância mundial para a paleontologia

Sobre o projeto

O projeto de pesquisa em Paleontologia e Arqueologia na Bacia Sedimentar do Rio do Peixe, apoiado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), visa à conservação dos patrimônios históricos, culturais e científicos. Ele está inserido no Complexo Científico do Sertão, que tem como objetivo descentralizar as políticas de Ciência, Tecnologia e Inovação, expandindo o acesso a essas áreas não apenas aos centros científicos e museus, mas também à região do Sertão da Paraíba.

"A necessidade de criar esse projeto surgiu de uma demanda da secretaria feita pelo nosso governador, João Azevêdo, que é a questão de ampliar o olhar para o patrimônio do Vale dos Dinossauros. O governador decidiu fazer ações voltadas para a área de ciência e tecnologia e desenvolvimento local do estado na região", explicou o secretário Claudio Furtado.

O projeto culminará na transformação do Parque Vale dos Dinossauros em um Geoparque reconhecido pela Unesco. A iniciativa acontece em oito municípios paraibanos, sendo eles Aparecida, Pombal, Santa Helena, Poço de José de Moura, São João do Rio do Peixe, Sousa, Triunfo e Uiraúna. Contudo, a primeira etapa do projeto acontece nos municípios de Uiraúna, Sousa e São João do Rio do Peixe.

Como se inscrever?

As inscrições para o congresso estão abertas e podem ser feitas gratuitamente até o dia 10 de março, no *site* do evento, disponível no endereço eletrônico https://congressopaleontologiapb.secties.pb.gov.br/.

Para mais informações sobre o evento e a programação completa, os interessados podem acessar o *site* do congresso ou as redes sociais da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) e do projeto de pesquisa em Paleontologia e Arqueologia na Bacia Sedimentar do Rio do Peixe.

Saiba Mais

Confira a programação completa

21 DE MARÇO
18h - MESA DE ABERTURA
Secties: Secretário Prof. Dr. Cláudio Furtado
UEPB: Reitora Profa. Dra. Célia Regina Diniz
Fapesq: Presidente Antônio Rangel Júnior
Labap: Prof. Dr. Juvandi Santos
UFRJ: Prof. Dr. Ismar Souza
Representante da Prefeitura Municipal de Sousa
18h30 - APRESENTAÇÃO CULTURAL
19h - AULA MAGNA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: PALEONTOLOGIA E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO
Profa. Dra. Célia Regina Diniz (Reitora da UEPB)
19h30 - PALESTRA: "A HISTÓRIA GEOLÓGICA DA BACIA DE SOUSA E SUAS PEGADAS DE DINOSSAUROS E OUTROS FÓSSEIS"
Prof. Dr. Ismar de Souza Carvalho (UFRJ)
20h - *COFFEE BREAK*

22 DE MARÇO
8h - MESA DE ABERTURA
8h15 às 10h - PALESTRA: "ESTADO ATUAL DAS PESQUISAS PALEONTOLÓGICAS E ARQUEOLÓGICAS NA PARAÍBA
Prof. Dr. Juvandi Santos (UEPB)
10h - *COFFEE BREAK*
10h30 às 12h - PALESTRA: "FOTOGRAMETRIA APLICADA À MODELAGEM DE VESTÍGIOS PALEONTOLÓGICOS NA PARAÍBA"
Dr. João Henrique Rosa (Rastro Arqueologia)
12h - ALMOÇO
14h às 15h30 - MESA REDONDA 1: "A MEGAFAUNA NO NORDESTE E NA PARAÍBA"
MEGAFAUNA NORDESTINA
Prof. Dr. Mário Dantas (UFBA)
Profa. MSc. Juliana Carvalho Laurentino (SEE/PN)
Mediação: Prof. MSc. Robson Ferreira (SECTIES/PB)
15h30 - *COFFEE BREAK*
15h45 às 17h15 - MESA REDONDA 2: "PARQUE NACIONAL OU GEOPARQUE? O QUE É MELHOR PARA SOUSA?"
Prof. Dr. Marcos Antônio L. do Nascimento (UFRN)
Dr. Diego Bento (CECAV-ICMbio)
Mediação: Prof. Dr. João Damasceno (UEPB)
18h às 19h - VISITA AO MUSEU DO VALE DOS DINOSSAUROS (SOUSA)

23 DE MARÇO
8h às 11h - ATIVIDADE DE CAMPO
12h - ALMOÇO
14h às 15h30 - AULA MAGNA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: PALEONTOLOGIA E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO
Espec. Arthur Andrade (ANM/CE)
Mediação: Prof. Dr. Ismar de Souza Carvalho (UFRJ)
15h30 - *COFFEE BREAK*
15h45 às 17h30 - MESA REDONDA: "DISCUTINDO SOUSA E REGIÃO"
Prof. Dr. Cláudio Furtado (Secretário de Estado/Secties-PB)
Msc. Silvonetto Oliveira da Silva (Turismólogo da Prefeitura de Sousa)
17h30 - *COFFEE BREAK*
18h30 às 19h45 - PALESTRA: "AS PESQUISAS PALEONTOLÓGICAS EM SOUSA E NA BACIA SEDIMENTAR DO RIO DO PEIXE"
Prof. Dr. Giuseppe Leonardi (Instituto Cavanis - Itália)
20h - HOMENAGENS
20h45 - ENCERRAMENTO
Prof. Dr. Juvandi Santos (UEPB)
Prof. Dr. Giuseppe Leonardi (Instituto Cavanis - Itália)
Prof. Dr. Cláudio Furtado (Secretário de Estado/Secties-PB)

DEFENSOR DA FLORESTA

Luta do ativista Chico Mendes vive

Ambientalista foi assassinado há exatos 36 anos, mas seu legado ainda reverbera em políticas na Amazônia

Fabíola Sinimbú
Agência Brasil



Foto: Reprodução/Agência Brasil

Trajetória de Francisco Alves Mendes Filho foi marcada por trabalho infantil em condições análogas à escravidão

No dia 15 de dezembro, Chico Mendes completaria 80 anos, se, em 22 de dezembro de 1988 — há exatos 36 anos —, uma semana depois de fazer 44 anos de idade, não tivesse sido assassinado a tiros de escopeta nos fundos da própria casa, em Xapuri, no Acre (AC), município cravado na Amazônia, região onde o sindicalista e ativista transformou a vida de muitas pessoas, que, como ele, nasceram e viveram na e da floresta.

"Se a gente for olhar pela trajetória de vida do meu pai, com seus 44 anos, jovem e atravessado por tantos desafios, tendo tantas ideias e liderando processos tão complexos e ousados para a época; se estivesse vivo, eu veria hoje uma Amazônia um pouco melhor de se viver, uma Amazônia mais preservada", diz Ângela Mendes, a filha de Chico Mendes com a primeira esposa, Eunice Feitosa Mendes.

Nascido no mesmo local de sua morte, Francisco Alves Mendes Filho traçou uma trajetória de vida curta e intensa. Com início duro e de poucas oportunidades no Seringal Porto Rico, onde trabalhou desde os 11 anos de idade, em vez de frequentar a escola.

Só viu oportunidade de transformar a própria realidade nos seringais de condições análogas à escravidão. Até castigos físicos sofreu. Aos 16 anos, foi alfabetizado por Euclides Távora, um militante comunista cearense, refugiado político do Governo Getúlio Vargas. Com o conhecimento que o letramento lhe possibilitou, Chico Mendes foi muito além, como recorda o amigo e também militante, Gumercindo Rodrigues, o Guma.

"O próprio Chico dizia: 'eu pensei primeiro que eu estava defendendo a seringueira, depois eu pensei que eu estava defendendo os seringueiros, que estava defendendo a floresta, de repente eu descobri que eu estava defendendo o planeta, estava lutando pelo planeta'", diz.

Uma luta marcada por inúmeros "empates", uma das primeiras ferramentas usadas por Chico Mendes em suas batalhas diante das constantes ameaças de expulsão. A estratégia, criada pelo também seringueiro, Wilson Pinheiro, garantia a proteção da floresta e das seringueiras, de forma pacífica, por meio da reunião da maior quantidade possível de trabalhadores e suas famílias para "empatar" em número e argumento com os desmatadores e, dessa forma, "empatar", no sentido de impedir, o cumprimento da ordem dada pelos latifundiários.

"Essa prática se tornou bastante forte na região de Brasileia (AC) e foi conduzida com bastante maestria pelo Wilson Pinheiro, a primeira grande liderança de trabalhadores rurais, assassinado no dia 21 de julho de 1980. Exatamente por causa de sua grande capacidade de mobilização e de resistência, ele fez parte dessa criação do empate lá atrás", conta Guma.

Resex

Novas ferramentas de mobilização foram sendo construídas por Chico Mendes, como a Aliança dos Povos da Floresta — um movimento social que reuniu extrativistas, indígenas, ribeirinhos e outros povos tradicionais, na década de 1980. A criação do Conselho Nacional dos Seringueiros e do conceito das Reservas Extrativistas (Resex) foram outras formas de fortalecer a luta do ambientalista na coletividade e no vínculo com os territórios.

Para Ângela, com a ideia de regularização das áreas onde os seringueiros moravam, em um processo em que o cuidado com o ambiente era associado ao modo de vida dos povos tradicionais, Chico Mendes "abre as portas para uma modalidade que permite a presença das pessoas na floresta. E hoje já está mais do que provado que as pessoas, as populações tradicionais, têm uma relação harmoniosa com o seu território, de guardião desse território, de guardião de uma ancestralidade também. Então, é uma outra relação", destaca.

Sindicalista inspirou o Projeto Seringueiro que oferta educação com metodologia para adultos

A chegada das escolas nos seringais, por meio do Projeto Seringueiro, com metodologia para adultos baseada nas ideias de Paulo Freire, também teve, na sua origem, a experiência de alfabetização tardia vivida por Chico Mendes. A iniciativa implantada por universitários liderados pela antropóloga e amiga do ambientalista, Mary Allegretti, ganhou fôlego e resistência com o apoio do Centro de Trabalhadores da Amazônia, organização social estruturada no cooperativismo e que teve, também, participação do líder seringueiro.

Solidariedade

Segundo Ângela, aqueles que conviveram com Chico Mendes o consideram vivo por meio das ideias que ele deixou e que continuam inspirando iniciativas de proteção às florestas e a quem vive nelas. E foram muitas pessoas, diz a filha do ambientalista. "Ele era uma pessoa intensamente carismática e que inspirava a confiança dos seus companheiros, o quanto ele era fraterno".

A filha recorda que, em uma visita que fez ao pai, encontrou todas as roupas da casa e do seringueiro no chão, até o único terno que tinha, que usou aos ser condecorado, em Nova York, com a Medalha da Sociedade para um Mundo Melhor.

"Eu estranhei aquilo e perguntei, e ele falou que teve uma assembleia no sindicato, nem todo mundo conseguiu ficar lá alojado, e alguns companheiros foram dormir na casa dele. Ele botou tudo que ele tinha no chão para que as pessoas não passassem frio", disse Ângela.

Futuro

Para o amigo Guma, a Amazônia e todo o planeta pagam um preço alto pela partida precoce de Chico Mendes. "Nós tínhamos um porta-voz que era extremamente eficiente, tranquilo, conversava com todo mundo, mas era extremamente firme nas suas posições. Eu acho que ele teria conseguido aglutinar muito mais gente nessa resistência", afirma.

Guma, o agrônomo que virou advogado para apoiar os povos da floresta, entende que é necessário avançar na forma como se pensa o desenvolvimento na Amazônia e, para isso, a melhor resposta está no modo de vida tradicional, que sempre precisou da floresta em pé. Ele diz que o Brasil precisa atingir o desmatamento zero em todos os biomas e, dessa forma, é necessário punir de forma mais efetiva quem desmata e causa queimadas.

"Eu acho que não é cadeia que resolve. Eu acho que a responsabilização civil, a obrigação de reparar o dano, é a melhor punição. Desmatou mil hectares, tem que plantar dois mil hectares de florestas nativas, de espécies nativas, não de monocultura de eucalipto, que é de deserto verde", ressalta.

Ângela complementa que também é preciso cuidar do futuro, para que tudo que Chico Mendes construiu permaneça vivo. "O que ele deixa de legado foi tão forte, mas, ao mesmo tempo, precisa de ser cuidado. Então, por exemplo, a gente tem olhado com muita profundidade para a juventude desses territórios, porque entende que o jovem é o presente, mas também o futuro. A gente precisa manter esses territórios ainda protegidos, a gente tem que proteger e garantir o acesso a direitos, as políticas públicas fortes para manter esses jovens no seu território com uma sensação de bem-estar muito forte", destaca a filha de Chico Mendes.

ICMBio

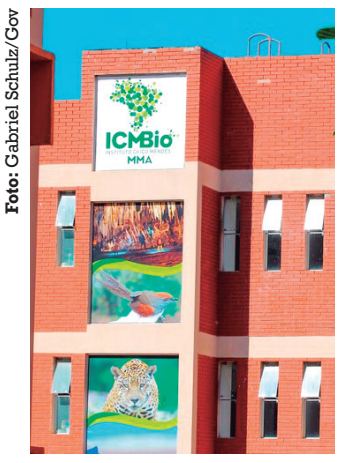


Foto: Gabriel Schulz/Gov

Conheça o papel do Instituto na conservação da biodiversidade

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é responsável pela gestão, proteção, monitoramento e fiscalização das 340 Unidades de Conservação Federais (UC) em todo o Brasil. Criado em 28 de agosto de 2007 pela Lei nº 11.516/07, o ICMBio é vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA). O órgão também atua em conjunto com diversas entidades e ONGs para garantir a preservação ambiental no país.

As principais ações desenvolvidas na instituição que leva o nome do ambientalisa incluem:

- fomento à pesquisa e ao monitoramento;
- criação de políticas públicas em colaboração com as comunidades locais;
- incentivo à visitação e à educação ambiental;
- e a fiscalização de crimes ambientais.

ERINALDO OLINTO

Profissional polivalente no mundo do futebol

Calecionou títulos como goleiro do Campinense, treinou o Auto Esporte e ainda foi árbitro da FPF

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Erinaldo Olinto, de 69 anos, foi goleiro do Campinense durante um dos períodos mais vitoriosos da história da equipe paraibana (1971–1975). Além de atleta, ele foi preparador físico e treinador do Auto Esporte. Formado em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), há 40 anos, é professor da rede pública estadual de ensino e, nos últimos anos, coordena um projeto social na comunidade do Timbó.

Olinto, como é conhecido no meio do futebol, trabalha também como corretor de imóveis. Ele conversou com o Jornal **A União** e falou sobre sua vida e os vários momentos e passagens relacionados ao futebol durante a carreira.

Foto: Evandro Pereira



Erinaldo Olinto atualmente é professor de Educação Física, depois de exercer outras profissões

A entrevista

■ *Pode começar falando da sua trajetória no futebol. Como foi o seu início?*

Iniciei no futebol no Campinense Clube, aos 13 anos. Estive no clube num período em que fomos pentacampeões paraibanos, entre 1971 e 1975 (o título de 1975 não é reconhecido pela FPF). Ao fim desse ciclo, mudei para João Pessoa, onde cursei Educação Física na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Terminando o curso, trabalhei num projeto de extensão na Universidade, uma escolinha de futebol, que chegou a trazer jovens jogadores dos Estados Unidos para treinar na UFPB. No período que eu estava encerrando a carreira de jogador no Auto Esporte, em paralelo à graduação, eu fui preparador físico e técnico do clube. Em meio a tudo isso, por ter deixado o futebol com apenas 25 anos, veio a arbitragem completando todo o leque de atividades dentro do futebol. Tinha um curso na Federação Paraibana; enquanto professor de Educação Física, eu me habilitei e vivenciei por 18 anos.

■ *Em relação ao período em que esteve no Campinense, como foi vivenciar uma das maiores eras da história do clube? Enquanto atleta, teve algum jogo que marcou sua vida? Pode contar quais motivos que fizeram essa partida marcar sua carreira?*

No início da minha passagem pelo Campinense, como eu era bem jovem, eu revezava com o Ailton, que era mais velho e experiente. Em 1972, disputei o Campeonato do Nordeste como titular. Uma prova disso é que as fotos de placar nos jornais saíram muitas vezes com minha imagem. Os jogos, normalmente, mais importantes são as decisões de títulos. Como falei, o Campinense foi cinco vezes campeão paraibano quando estive lá. A equipe era conhecida por ser jovem e com grande força física. E nós tivemos partidas muito difíceis, éramos o time a ser batido. Como goleiro, apesar da minha altura ser 1,72 m, tinha um destaque, pela impulsão. O Campinense foi onde tive minha formação como atleta, desde a base. Além de todos os títulos estaduais, fomos vice-campeões do Norte e Nordeste; sem dúvidas foram muitos títulos nesse período. Tudo que construí dentro do clube foi importante para minha formação e ajudou quando cheguei em João Pessoa. Mas tem um jogo específico que marcou minha passagem, acredito que no tetracampeonato. Ficamos invicto durante toda a competição, sem tomar gols; na final, todo o time ficou empenhado para que eu não levasse gols. Para incentivar, um dos atletas disse que me daria o bicho dele caso eu não fosse vazado. Num duelo contra o Treze, o Campinense ganhou por 1 a 0. Essa partida marcou bastante por isso; fomos campeões invictos sem tomar gols.

■ *O meio do futebol é conhecido por ser um ambiente cheio de folclore e boas histórias. Quais, das que vivenciou, podem ser contadas?*

Sempre tem aquelas histórias engraçadas, mais clássicas, de jogadores que, às vezes, iniciam sem muita experiência de viajar, de ter esse convívio de hoteis e avião. Nós tínhamos casos, por exemplo, de jogador dentro do avião, quando tinha aquele lenço ou toalha quente, pensando que era tapioca. Essas coisas pitorescas do pessoal que está iniciando, jogadores que vinham de comunidades mais pobres, de locais que não têm muita informação, e de repente surge aquela oportunidade de viajar, de conhecer novos lugares. Teve um caso também de um atleta que, durante uma viagem para Fortaleza, a primeira dele como jogador profissional, ficou meio nervoso porque estava longe de casa. Ele começou a repetir isso e questionar 'nós estamos muito longe de casa, como é que vamos voltar?', dizia algumas coisas assim.

■ *Sobre salários, como era na época? O que ganhava era suficiente para se manter?*

Na realidade, a gente não ganhava o que deveria. Hoje, o jogador profissional tem um salário melhor. O salário da época em relação ao de hoje era baixo; por esse motivo eu me esforcei, sabendo que teria carreira curta, para terminar o curso superior e tentar um concurso público. Sabemos que existe jogador da época que não ficou com uma boa base financeira. Não tinha justiça quanto aos pagamentos, não era um salário condigno com o futebol. Mas, na época, a garra do jogador era maior, ele não pensava muito no salário, sabia que não compensava muito e vivia mais pelo amor ao futebol.

■ *Ter um filho jogador de futebol nem sempre foi o maior sonho da maioria das famílias. Como foi essa questão com seu pai e mãe?*

Sobre a minha família, o meu pai era do interior e não gostava da profissão; na época, realmente existia esse tabu de que jogador de futebol não ganhava dinheiro, era visto como uma profissão que não tinha muita credibilidade. No início, meu pai combatia, mas depois, quando viu que eu entrei para uma equipe profissional, ele deu o maior apoio.

■ *Foram vários anos vivendo o dia a dia do futebol. Como era sua convivência com os outros jogadores?*

A convivência com os outros atletas era normal, se resumia muito ao clube. Por ser um time jovem, a gente treinava muito, trabalhava muito, tinha mais essa convivência de dentro do clube. Nosso dia a dia era concentração, jogos quarta e domingo, não tinha essa convivência particular, fora do clube. Ou seja, não tinha isso de visitar outro jogador na casa dele ou sair junto; era uma amizade fixa do dia a dia de trabalho. Depois que encerra a carreira, você tem mais oportunidades de ter um convívio melhor com os outros atletas, mas, enquanto profissional, pouco existia.

■ *No período de transição de jogador profissional para professor de Educação Física, teve a adaptação a João Pessoa e o fim da carreira de jogador. Pode falar sobre esse período? Com o que você trabalha atualmente?*

Quando cheguei em João Pessoa, o Botafogo-PB se interessou pelo meu passe, mas eu só queria um clube que eu pudesse continuar estudando; como o curso de Educação Física é diurno, o Botafogo-PB não autorizou. Nesse momento, veio a oportunidade de jogar pelo Auto Esporte; mesmo pagando menos e com muitas dificuldades, na equipe, consegui colocar no contrato que eu iria continuar os meus estudos, que era o meu sonho. Antes de finalizar a graduação, também no Auto Esporte, fui treinador e preparador físico. Depois que terminei meu curso, também fui técnico da Asufep. Já na UFPB, eu trabalhei numa escolinha de futebol e fui transferido para a Academia de Musculação da Universidade. Hoje, sou aposentado da UFPB, onde estive por 43 anos, e trabalho como corretor de imóveis. Tenho um projeto social dentro da comunidade do Timbó: são mais de 60 famílias com quase 100 crianças beneficiadas. O projeto é um braço do Núcleo Espírita Socioeducacional (Nese). Nosso projeto não trabalha em si com a religião, mas com educação e serviço social. Também sou professor da ativa na rede estadual: lá são mais de 40 anos de atividades como professor de Educação Física.

■ *No meio disso tudo, o senhor ainda enveredou para a questão da arbitragem. Como que foi essa aproximação?*

Na época, como eu tinha experiência no futebol, usei essa experiência, e isso facilitou o meu caminho na Federação e na CBF. Fui inicialmente o árbitro mais jovem da CBF. Tinha cerca de 25 anos ou 26 anos. Não tenho noção da quantidade de jogos que apitei porque foram mais de 18 anos como árbitro. Foram muitos jogos trabalhados; inclusive, na época, não era como hoje: você podia apitar e ser auxiliar. Trabalhei com árbitros antigos, como José Araújo e Jair Pereira. Estive em vários lugares pelo Nordeste, Norte e Centro-Oeste.

■ *Você lembra do jogo mais marcante que chegou a apitar? Um jogo que marcou muito sua carreira, por algum lance, um acerto ou história inusitada?*

O que marcou foi o seguinte... como joguei no Campinense e no Auto Esporte, quando trabalhava nos clássicos (Treze x Campinense, Campinense x Botafogo-PB), as pessoas ficavam naquela de julgar: 'Foi jogador no Campinense e está apitando o jogo do time?'. Mas nunca houve problemas mais sérios, sempre foi tranquilo. Agora, fora da Paraíba, tivemos alguns perrengues. Num jogo do Campeonato Brasileiro, em Recife, entre Sport e Palmeiras, tivemos dificuldades; eu era auxiliar, e o árbitro era baiano, jogo na Ilha do Retiro, deu muita complicação. No final, tivemos que sair escoltado, principalmente o Manoel Serapião, o árbitro baiano. Em Alagoas, noutra situação, a gente teve que sair do estádio na ambulância.

■ *Como você enxerga a arbitragem atualmente? Quais as diferenças do atual modelo de arbitragem e do que era vigente no período em que estava na ativa?*

Sempre tive em mente que, no futebol, como esporte mais popular do Brasil, o importante é pregar o respeito; isso faz você ter uma uma carreira digna. Era nisso que pensava quando entrava em campo. Atualmente, o meio tem muitas facilidades porque tem o VAR, que facilita muito, apesar de, às vezes, demorar e tirar um pouco do brilhantismo. Esse é um cenário muito diferente da nossa época, que não tinha nenhuma tecnologia para ajudar. Outro problema é que tem árbitros que se envolvem muito com questões políticas e esquecem o âmbito profissional. Tem alguns que usam muito a política para fazer média e crescer. Antigamente, existia também, mas era muito mais difícil.

■ *Ser árbitro foi seu último ato no futebol. Como foi quando decidiu parar?*

Houve todo um processo. Passei 18 anos apitando e nesse tempo você vai vivendo situações, tem o afastamento da família, já que se viaja muito. Você é escalado rapidamente, trabalha na quarta-feira e no domingo, são muitas viagens, isso vai cansando. Com o tempo, você vai vendo que aquela experiência já é o bastante. Passa a enxergar a necessidade de priorizar sua família. Hoje, aliás, sou viúvo, tenho duas filhas e quatro netos. Nesse percurso, você vai vendo que a família precisa mais de uma assistência. Tudo isso influencia na hora de parar, até que o ciclo encerra.

SELEÇÃO BRASILEIRA

Técnico Arthur Elias vive ano especial

Comandante da equipe feminina de futebol dá um grande salto na carreira e termina 2024 como o 3º melhor do mundo



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

O técnico Arthur Elias e a jogadora Gabi Portilho foram destaques na premiação do The Best da Fifa, realizado na última terça-feira, em Doha, no Catar

Ele levou o Brasil à medalha de prata do Torneio Olímpico de Futebol Feminino de Paris 2024 e ficou no top 3 de melhores treinadores do mundo no The Best Fifa Football Awards 2024.

O dia 17 de dezembro coroou o 2024 especial do treinador em seu primeiro ano na Seleção Brasileira: no The Best Fifa Football Awards, ele foi eleito o terceiro Melhor Treinador do Feminino — atrás apenas de Emma Hayes, inglesa que comanda os EUA, e Jonatan Giráldez, espanhol do clube Washington Spirit.

Em um ano de trabalho com Arthur, a equipe principal do Brasil chegou à final do Torneio Olímpico de Futebol Feminino de Paris 2024, eliminando as poderosas França (1 a 0) e Espanha (4 a 2) nas quartas e na semifinal, respectivamente. O treinador foi muito elogiado pela campanha da Seleção e pelas atletas que ajudou a potencializar.

Um exemplo é o de Gabi Portilho, jogadora que atuou sob seu comando no Corinthians e que, na Seleção, foi um dos símbolos da campanha que resultou na medalha de prata. "Se não fosse a minha equipe me dando força e a confiança do Arthur em mim, eu não estaria vivendo esse momento", disse ela após fazer o gol da vitória sobre a França nas quartas. Agora, em dezembro, Gabi entrou para a Seleção Feminina The Best Fifa.

A verdade é que poucas pessoas no mundo se especializaram tanto no futebol feminino quanto Arthur Elias. A modalidade ainda tinha muito a evoluir quando o técnico a escolheu como foco de carreira em 2002 — para se ter ideia, Marta só estreou na Copa do Mundo Feminina da Fifa no ano seguinte, em 2003.

Por isso, em janeiro de 2024, ele declarou à Fifa: "Sem dúvida, sempre foi um sonho chegar à Seleção feminina. E estou muito confiante de que posso conquistar — assim como fiz em outros lugares — um grande resultado e deixar, acima de tudo, um legado. Deixar valores e um grupo de trabalho que vai sempre se sentir respeitado".

Pelo visto, os primeiros passos foram bem-sucedidos.

Quem votou em Arthur?

Emma Hayes fez 23 pontos, Jonatan Giráldez fez 20, e Arthur Elias fez 13 — ficando à frente dos outros indicados: Sonia Bompastor, Futoshi Ikeda, Elena Sadiku, Gareth Taylor e Sandrine Soubeyrand. No relatório completo da votação, é possível saber quem votou no brasileiro como o melhor treinador do planeta.

Vale lembrar que a eleição é formada por quatro grupos: capitãs de seleções, treinadores de seleções femininas, jornalistas e torcedores. Das oito seleções que disputaram o mata-mata de Paris 2024, Marta (Brasil) e Daniela Montoya (Colômbia) foram as capitãs que consideraram Arthur como primeiro colocado de suas listas.

Marta votou em Arthur, mas Arthur não poderia votar em si mesmo porque as regras não permitem. Ele votou nesta ordem: Emma Hayes (1º), Jonatan Giráldez (2º) e Gareth Taylor (3º). A própria concorrente Hayes — que ficou com o prêmio — colocou Arthur em sua segunda posição, atrás de Jonatan Giráldez e à frente de Sonia Bompastor.

Bola de Ouro

Em 2024, o técnico também se destacou na premiação Bola de Ouro, promovida pela Revista France Football, ficando em terceiro lugar na categoria Técnico do Ano. No Prêmio Brasil Olímpico, Arthur foi eleito o Melhor Treinador Coletivo. Em setembro, o treinador completou um ano à frente da Seleção Brasileira, e seus resultados foram muito significativos. Arthur esteve à frente da equipe na conquista da medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Paris, no vice-campeonato na Copa Ouro e no terceiro lugar na SheBelieves Cup. Sob seu comando, o Brasil venceu 16 vezes, empatou três e perdeu seis em 25 jogos e ocupa a sétima posição do Ranking Mundial Feminino da Fifa.

Após as Olimpíadas, o técnico está focado na Copa do Mundo de 2027, que será realizada no Brasil. Antes do Mundial, a Seleção Brasileira tem mais um compromisso importante: a Copa América 2025, sediada no Equador, entre os dias 12 de julho e 2 de agosto.

Prêmio

O Comitê Olímpico do Brasil elegeu o técnico como o melhor na categoria coletiva, e ele ficou em terceiro no Bola de Ouro, da França

BALANÇO POSITIVO

Judô brasileiro mantém resultados expressivos na temporada

Apoiados por um modelo de desenvolvimento consolidado pela Confederação Brasileira de Judô (CBJ) no suporte às categorias de base, jovens talentos do judô brasileiro brilharam na temporada 2024 e, mais uma vez, mostraram como a modalidade segue formando cada vez mais e melhores judocas para o alto rendimento. Só neste ano, as seleções Sub-18 e Sub-21 conquistaram 172 medalhas em competições internacionais, com destaque para os sete pódios no Mundial Cadete (Sub-18) e os três do Mundial Júnior (Sub-21).

Sem contar os resultados positivos de atletas juniores em competições da classe adulta (Sênior), reflexo de uma estratégia de renovação da equipe principal implantada pela CBJ neste ciclo olímpico, que resultou, por exemplo, na classificação do novato Michel Augusto, de 19 anos, aos Jogos Olímpicos de Paris 2024.

"Estamos tentando trazer uma cultura nova e diferente, onde integramos as duas faixas etárias. As áreas de Alto Rendimento e Transição, apesar das atribuições um pouco diferentes, estão trabalhando em estreita colaboração para criar uma progressão clara. Digo sempre que os cadetes com medalhas nos mundiais júnior já estão no nível júnior e os juniores com medalhas seniores já estão no nível sênior e por isso temos que integrar, faz sentido", explicou Victor Penalber, ex-atleta da Seleção que assumiu a gerência das equipes Sub-18 e Sub-21 em dezembro de 2023. "Temos uma geração jovem fenomenal. Eles são realmente maduros e muito bons para trabalhar. Acho que, quando temos tanto talento, não devemos estragá-lo, apenas deixar a música tocar; nosso trabalho é, sobretudo, o de proteção".

Nesta temporada, por exemplo, diversos judocas de até 21 anos medalharam ou chegaram às disputas por medalhas em Grand Prix e Grand Slam do circuito sênior. Casos de Michel Augusto (60kg/Sesi/FPJ), Gabriel Falcão (81kg/Reação/FJerj), Nauana Silva (63kg/Pinheiros/FPJ), Kaillany Cardoso (70kg/Minas Tênis Clube/FMJ), Beatriz Comanche (57kg/Umbra-Vasco/FJerj) e Bianca Reis (57kg/Pinheiros/FPJ), que já estão no grupo considerado de "transição" entre a base e o adulto, surgindo como nomes promissores para o ciclo Los Angeles 2028.

Na classe mais jovem, o cenário também é animador. Entre os destaques sub-18 deste ano, é imperativo falar da peso-ligeiro Clarice Ribeiro (48kg/Minas Tênis Clube/FMJ) que, aos 16 anos, conquistou o bicampeonato mundial cadete e ainda foi bronze no Mundial Júnior. Além disso, ela foi campeã brasileira nas três classes de idade — Sub-18, Sub-21 e Sênior —, demonstrando enorme potencial para o futuro.

O investimento sistemático na formação de jovens judocas apoiado em parceria com os clubes, federações e com fundamental financiamento do Comitê Olímpico do Brasil, é um dos pilares da gestão da CBJ, que vem colhendo frutos a cada ciclo olímpico.

A geração de Paris 2024 foi um retrato disso. Bia Souza, Willian Lima e Larissa Pimenta, todos medalhistas na competição individual, integraram as seleções de base e receberam investimento direto da CBJ por quase 10 anos em seus processos de formação. Passaram por todas as etapas — sendo medalhistas em mundiais Sub-18 e/ou Sub-21 — até alcançarem o ápice nos Jogos Olímpicos.



Foto: Anderson Neves/CBJ

Equipes das categorias Sub-18 e Sub-21 do Brasil que estiveram participando com destaque do Pan-Americano do Rio de Janeiro

EM CAMPANHA

Sonho de Ronaldo é presidir a CBF

Eleição ainda não tem data marcada, mas ex-jogador já planeja reuniões com presidentes de federações pelo Brasil

Rodrigo Sampaio
Agência Estado



Foto: Gustavo Aleixo/Cruzeiro

Ronaldo, para se candidatar à CBF, necessita do apoio de pelo menos quatro federações e mais quatro clubes das Séries A e B do Campeonato Brasileiro

Depois de manifestar publicamente o desejo de se candidatar à presidência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ronaldo está trabalhando na agenda para se reunir com os representantes das 27 federações do Brasil. O Fenômeno planeja iniciar as reuniões ainda em janeiro e tem a expectativa de encerrar as conversas por apoio em março, quando abre a janela para a eleição na entidade. O mandato de Ednaldo Rodrigues vai até março de 2026.

Apesar da declaração de que vai concorrer ao pleito, Ronaldo ainda precisa preencher alguns requisitos para oficializar a candidatura. O ex-jogador da Seleção Brasileira necessita do apoio de pelo menos quatro federações e de quatro clubes das Séries A e B do Campeonato Brasileiro. Mas esse sistema de votação está *sub judice* e aguarda votação do Supremo Tribunal Federal (STF) que pode impactar diretamente na formatação do pleito.

Ainda não há data marcada para a eleição na CBF, mas Ednaldo Rodrigues, atual presidente, tem o prazo de um ano, a partir de março de 2025, para convocar o pleito.

Outra condição para Ronaldo sentar na cadeira de presidente da entidade é não ter vínculo com nenhum outro clube. O Estadão apurou que o ex-jogador tem negociações adiantadas para vender suas ações do Valladolid, time da Segunda Divisão da Espanha. O ex-atacante é sócio-majoritário e possui atualmente 83% da sociedade.

Ronaldo acumulou altos e baixos como dirigente na Espanha. Ao longo dos seis anos à frente do Valladolid, recebeu duras críticas da torcida pela falta de um investimento mais robusto no futebol. Em maio, a imprensa espanhola noticiou o interesse de uma empresa do ramo da construção civil em comprar o clube espanhol.

Anteriormente, Ronaldo acertou a venda de 90% das ações do Cruzeiro ao empresário Pedro Lourenço, de 68 anos, dono da rede de Supermercados BH. Foi o primeiro caso de revenda de uma SAF no Brasil. O Fenômeno assumiu o futebol cruzeirense em 2021, desembolsando R$ 400 milhões na transferência. Ele conduziu a equipe de volta à elite do futebol brasileiro no primeiro ano de gestão, mas a política de austeridade incomodou torcedores, que desejavam uma equipe mais forte para brigar por títulos.

Desafios

A busca por apoio será essencial para Ronaldo. Isso porque nunca houve uma eleição à presidência da CBF com mais de um candidato, com as federações sendo decisivas para a escolha do mandatário. Elas dispõem de voto com peso 3, enquanto os times da Primeira Divisão, 2, e os da Segunda, 1.

Um dos principais desafios de Ronaldo será a discussão pelo ajuste no calendário nacional, pauta antiga dos clubes. Em contrapartida, a regra que define a classificação para a Copa do Brasil, competição mais rentável do país, por meio dos estaduais, dá força às federações contra uma diminuição de datas nas competições locais.

Para 2025, as tradicionais Copa do Nordeste e Copa Verde não vão assegurar o campeão diretamente na terceira fase do mata-mata nacional.

Questão judicial

Uma ação, cujo trâmite se iniciou em 2018 e que foi movida originalmente pelo Ministério Público, tinha como objetivo inicial questionar o formato da eleição na CBF, uma vez que atribuía diferentes pesos para os eleitores (clubes e federações estaduais). Em uma assembleia, em 23 de março de 2017, com a presença das federações, foi definida uma alteração em que os votos dessas entidades teriam peso 3, enquanto os dos times da Série A teriam peso 2 e da Série B, peso 1. De acordo com o MP, essa modificação feria a Lei Pelé, uma vez que os clubes não foram convocados para o debate.

Em julho de 2021, logo após o afastamento do então presidente Rogério Caboclo por causa de denúncias de assédio sexual — das quais o ex-mandatário foi inocentado pela Justiça —, foi determinado judicialmente, pelo magistrado Mario Cunha Olinto Filho, da 2ª Vara Cível da Barra da Tijuca, que toda a diretoria eleita na CBF em 2017 (tendo Caboclo como líder) deveria ser destituída por ter sido escolhida sob regras irregularmente alteradas. A Justiça ainda apontou os presidentes do Flamengo, Rodolfo Landim, e da Federação Paulista de Futebol (FPF), Reinaldo Carneiro Bastos, como interventores.

Não demorou muito para cair a nomeação dos interventores, também por descumprimento à Lei Pelé. O desembargador Luiz de Mello Serra, da 19ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Estado do Rio (TJRJ), suspendeu a decisão porque a legislação proíbe a nomeação de dirigente de clube para presidir uma federação.

Nesse meio tempo, em agosto de 2021, o presidente da Federação Baiana, Ednaldo Rodrigues, substituindo Coronel Nunes, assumiu interinamente a presidência da CBF, sendo empossado pelo Conselho de Administração da entidade.

Em março de 2022, a CBF assinou um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) junto ao Ministério Público para cumprir a Lei Pelé, convocar a assembleia geral, estabelecer os pesos dos eleitores com a presença dos clubes, determinar a cláusula de barreira para candidatura (que passou a ser de quatro federações e quatro clubes) e realizar posteriormente eleições para definir seu novo presidente.

Nesse momento, os clubes entraram em acordo com a CBF para manter o peso dado aos votos anteriormente (federações estaduais com peso 3, times da Série A com peso 2 e equipes da Série B com peso 1) desde que a entidade não se opusesse à constituição de uma liga. Algumas semanas depois, foi realizado o pleito na sede da entidade, contando apenas com uma chapa, a de Ednaldo, como candidata.

O dia da eleição foi marcado por uma ação movida em Alagoas, na 1ª Vara Cível de Maceió, por Gustavo Feijó — ex-presidente da Federação Alagoana de Futebol (FAF) e pai do atual presidente da FAF, Felipe Feijó—, que tinha cargo de vice na chapa eleita com Caboclo em 2017 e que buscava a suspensão do pleito.

No entanto, a eleição transcorreu normalmente, uma vez que a CBF afirmou não ter sido notificada de tal decisão. A FAF decidiu não votar, mas Ednaldo Rodrigues foi eleito para mandato de quatro anos, contando com o voto de 26 federações e 39 clubes — exceção à Ponte Preta, que teve problemas com a procuração do votante.

Gustavo Feijó, no entanto, voltou à cena ao entrar com recurso junto ao Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ) ao alegar que a homologação do TAC, feito em conjunto por CBF e Ministério Público, não poderia ter ocorrido na primeira instância. Ednaldo Rodrigues, então, foi destituído do cargo em dezembro de 2023, quando o TJRJ determinou o cancelamento do TAC.

Ednaldo foi reconduzido pelo STF à presidência por meio de uma liminar do ministro Gilmar Mendes concedida nos primeiros dias deste ano.

Em 9 de outubro, o STF suspendeu o julgamento da liminar que recolocou Ednaldo no poder. Em seu voto, Gilmar Mendes sustentou que o referendo fosse convertido em juízo do mérito da medida. Ou seja, mais do que avaliar a liminar, os ministros analisam os aspectos de conveniência do tema. O ministro Flávio Dino pediu vista e a sessão foi encerrada.

Ainda não há data para a retomada da votação. O regimento do STF prevê que o processo precisa ser devolvido para julgamento em até 90 dias, prazo que se extingue em 9 de janeiro. Depois disso, cabe à presidência do tribunal encaixar a ação novamente na pauta do plenário. Caso a liminar venha a ser derrubada, novas eleições serão convocadas, e a definição do peso dos votos pode ser refeita.



Foto: Divulgação/CBF

Ednaldo foi reconduzido pelo STF à presidência por meio de uma liminar do ministro Gilmar Mendes concedida em janeiro

CONTRA O SANTA CRUZ-RN

Treze faz amistoso em Queimadas

Já o Campinense fará jogo festivo no Renatão, hoje, com ex-jogadores e convidados, para comemorar título de 2008

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com



Foto: Daniel Vieira/Treze

O atacante Jefinho realiza atividade física durante treinamento no Presidente Vargas visando o amistoso deste domingo contra o Santa Cruz-RN

O Treze faz, hoje, o seu primeiro amistoso de preparação para a temporada de 2025 contando com a presença de seu torcedor. No Estádio O Ernestão, em Queimadas, o Galo recebe o Santa Cruz-RN, às 15h. No dia 14 de dezembro, o time fez um jogo-treino contra o Focus Academy, mas de portões fechados. Com gols de Daniel Mazerochi (2), além de Rafael Ibiapino, Wandson e Alex Sandre, a equipe venceu pelo placar de 5 a 0; o enfrentamento ocorreu no Estádio Presidente Vargas.

No próximo ano, o time de Campina Grande jogará a Pré-Copa do Nordeste, o Campeonato Paraibano e o Campeonato Brasileiro Série D. A estreia do Treze na temporada 2025 ocorrerá no dia 4 ou 5 de janeiro, pelo Nordestão, quando enfrenta o Santa Cruz-PE, no Arruda, em Recife. Para a partida de hoje, os torcedores podem comprar ingressos que custam entre R$ 25 e R$ 50. Crianças até 13 anos não pagam, desde que apresentem documentação. Sócio Sou + Galo tem portão exclusivo no estádio, além de entrada livre.

Elenco

Para a temporada 2025, o Treze já conta com os goleiros goleiros Igor Rayan, Andrade e Marcos Davi; os laterais-direitos Van e Guilherme Lucena; os zagueiros Marcelo Sousa, Kadu, Renan Diniz, Gomes, Matheus Gomes e Tiago Barbosa; os laterais-esquerdos Arthurzinho e Matheus Maranguape; os volantes Gabriel Feitosa, Juninho, Lucas Alisson, Lincoln, Karl e Pedro Rodrigues; os meias Alex Sandre, Pedro Henrique e Dione; e os atacantes Jeam, Wandson, Luã Lúcio, Jefinho, Rafael Ibiapino e Daniel Mazerochi.

Botafogo-PB

Amanhã, o Botafogo-PB faz seu segundo amistoso visando a próxima temporada. Na Maravilha do Contorno, às 15h, o time joga contra o Retrô-PE, que conquistou o acesso para a Série B de 2025. Assim como o Treze, o Belo faz a sua primeira partida oficial no próximo ano já no dia 4 ou 5 de janeiro. Pela Pré-Copa do Nordeste, enfrenta o Maranhão, no Estádio Almeidão.

Antes da partida pelo Nordestão, o time pessoense jogará mais um amistoso. No dia 30, a equipe duela contra o Serra Branca, na Maravilha do Contorno. No primeiro amistoso da pré-temporada, no dia 14, o Alvinegro apenas empatou com ABC-RN; a partida, disputada no Estádio Frasqueirão, em Natal, não teve gols.

Elenco

O plantel do Belo já conta com os goleiros Saulo, Wallace, Edílson e Jean Vitor; os laterais-direitos Erick, Jeffinho e Ronaldo; os laterais-esquerdos Nicolas Schulz e Mateus Rodrigues; os zagueiros Wendel Lomar, Reniê, Raphael Carvalho, Igor Ribeiro e Lucas Balardin; os volantes Gama, Thallyson, Kawan, Igor Maduro e Natham; os meias Bruno Leite e Falcão; e os atacantes Danilo Mariotto, Dayvison (Mosquito) Rafinha, Gustavo Ramos, Vitor Leque e Paul Henry.

Campinense

A Raposa fará um evento festivo em comemoração ao título paraibano de 2008. Hoje, às 9h, no Estádio Renatão, os atletas que vestiram a camisa rubro-negra naquela temporada voltam a campo num jogo festivo de confraternização. A partida rememora grandes feitos daquela campanha, como, por exemplo, o brilhantismo no Clássico dos Maiorais, quando bateu o Treze com uma vitória por 4 a 2.

O evento contará com a presença de nomes como Marquinhos Mossoró, Marquinhos Marabá, Washington, Charles Wagner, Pantera, Adelino, Adelmo, Marcelinho Paraíba e Beto. A entrada custa R$ 10 + 1 kg de alimento não perecível.

Já o time profissional jogará amanhã. A Raposa enfrenta o Afogados-PE, que disputará a Primeira Divisão pernambucana em 2025. O duelo amistoso acontece no Ernestão, em Queimadas, às 15h15, com a presença da torcida. Os ingressos custam R$ 20; sócios-torcedores têm entrada gratuita. Antes do início do Campeonato Paraibano, o Rubro-Negro ainda joga com o Náutico-PE, nos Aflitos, em Recife, no dia 29.



Foto: Vinicyus Willyan/Campinense

O time profissional do Campinense segue treinando visando a temporada de 2025 e joga amanhã na cidade de Queimadas

Picuiense

Tendo definido sua participação no Estadual após a desistência do CSP, a Picuiense intensifica seus trabalhos e viaja para a cidade de Ceará-Mirim no estado do Rio Grande do Norte, onde enfrenta o Globo FC, no Estádio Barrettão, às 15h desta segunda-feira (23). O Tricolor de Picuí atuará na elite do Paraibano com o time-base que disputou a Segunda Divisão.

Nacional de Patos

O Nacional anunciou que fará dois amistosos antes do início do Campeonato Paraibano. No dia 29 de dezembro, às 16h, o Canário enfrenta o Potiguar de Mossoró-RN, enquanto no dia 4 de janeiro, no mesmo horário, joga contra o Iguatu-CE; ambos acontecem no Estádio José Cavalcanti, em Patos.

CULTURA POPULAR



Fotos: Leonardo Ariel

Membros da Lapinha Jesus de Nazaré, todos acima dos 60 anos, encontram-se semanalmente para ensaiar as dramatizações natalícias e o folguedo da barca

Lapinha que luta

Em João Pessoa, no bairro de Mandacaru, o auto natalino resiste para manter a tradição da época, mesmo sem ter a perspectiva de quando sairá para as ruas novamente

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Ensaiar sem saber ao certo quando vão se apresentar. Essa é a realidade do grupo de lapinha, folguedo popular natalino, que ainda resiste em João Pessoa. Ao som dos acordes do violão do Mestre Maciel (José Maciel de Souza), os membros da Lapinha Jesus de Nazaré, todos acima dos 60 anos, encontram-se nas tardes das segundas-feiras, no Centro Social Urbano de Mandacaru, na capital paraibana, para repassar as dramatizações, cânticos, passos e louvores em homenagem ao Menino Jesus, mas sem ideia de quando terão uma plateia.

"São 17 personagens, mas eu estou resgatando a Lapinha com 13 componentes e, ainda assim, faltam cinco integrantes para completar. Na pandemia, nós perdemos 11 componentes; por isso, eu estou eliminando alguns personagens repetidos", explica Maciel, que, no auge dos seus 80 anos, não perde a animação para levar adiante a tradição que conheceu quando tinha apenas 12 anos.

Ele conta que o auto natalino consta, originalmente, de sete personagens do cordão encarnado — Anjo, Mestra, Camponesa, Diana, Açucena, Linda Rosa e Borboleta —, sete do cordão azul — Guia, Contramestra, Libertina, Pastorinha, Dália, Lindo Cravo e Borboleta — e três do cordão intermediário — Estrelinha, Ciganinha e Pastorzinho. Cada personagem tem uma função e, enquanto algumas são figurantes, outras desempenham um papel central na encenação, como é o caso da Guia, que orienta os integrantes do cordão azul em direção à Belém para ver o Menino Jesus, e da Mestra, que comanda o cordão vermelho na narração da morte e ressurreição de Cristo.

Como o grupo também ensaia a barca, folguedo popular típico da Paraíba, do qual participam praticamente os mesmos integrantes, o mestre aproveita para convidar novos componentes, na esperança de, um dia, completar as personagens que faltam e colocar novamente a brincadeira natalina na rua. Mas os desafios não param por aí: faltam recursos financeiros para comprar o figurino e custear os deslocamentos, que saem do próprio bolso dos brincantes.

"É só amor pela cultura, é só o sangue que corre na veia, porque a dificuldade é enorme e os poderes públicos não ajudam e, quando dão um projeto para a gente, já está precisando de três ou quatro", reclama o mestre. Ele reconhece que a dificuldade para conseguir projetos esbarra na necessidade de reunir uma ampla documentação, razão pela qual já pensaram até em fundar uma associação ou uma ONG, mas para isso precisariam de pessoas capacitadas, como um produtor cultural, para gerir os processos burocráticos.

Maciel já tentou até concorrer ao Registro no Livro dos Mestres ou Mestras das Artes Canhoto da Paraíba, organizado pelo Governo do Estado, para receber dois salários mínimos mensais como reconhecimento por suas contribuições culturais ao longo da vida, mas não obteve sucesso. "Eu nunca pensei em desistir. A gente nasceu pra isso, a gente ama", confessa o mestre, rememorando a tradição iniciada por sua mãe, quando a iluminação ainda era à base de candeeiro. O ano era 1956, no bairro do Rangel. O jovem rapaz começou tocando um instrumento de percussão e logo tomou gosto para aprender violão. Depois que a mãe faleceu, continuou com a brincadeira em parceria com a irmã, até que esta também veio a falecer.

Em 1986, resgatou a tradição com o nome de Lapinha Jesus de Nazaré, formada por crianças. Naquele tempo, também já sentia dificuldade para encontrar integrantes. Na última apresentação do grupo infantil, em 2012, teve que juntar crianças de três bairros para conseguir se apresentar. "Aí não teve mais jeito, eu optei pela terceira idade. Agora, dá mais trabalho do que criança viu?", brinca o Mestre Maciel.

Quem comanda o canto e os passos do pequeno grupo de lapinha do Bairro Mandacaru é a Mestra Lia (Maria Conceição de Souza Cunha), que não mede esforços para sair, ainda pela manhã, do bairro do Jacaré, em Cabedelo, e tomar três conduções para chegar, no início da tarde, ao local dos ensaios. "A minha família é da lapinha de Cabedelo; por isso, eu tenho muito amor e responsabilidade. E como já sabia desde criança, eu continuo. E enquanto puder, eu estou vindo, não tem dia de chuva ou de sol; de todo jeito, eu venho", garante.

Mestra Lia puxa os versos com sua voz potente ao ritmo do violão do Mestre Maciel, animando tanto as companheiras que se revezam em fila para realizar a coreografia, quanto os funcionários do centro social, que, por enquanto, são a única plateia. Ao mesmo tempo em que se sente honrada em dar continuidade à tradição da lapinha, Lia compreende tratar-se de um compromisso importante com o grupo da terceira idade: "Não podemos falhar com esse povo e com a responsabilidade que a gente assumiu, porque, se nós não estivermos aqui, não tem ensaio".



Mestre Maciel mostrando registro da versão infantil da Lapinha



Mestre Lia comanda o canto e os passos do grupo de brincantes

A mascote do grupo e mais idosa, Dona Nevinha (Maria das Neves da Silva), 83 anos de idade, é uma dessas que não perde os ensaios por nada. Sente-se valorizada e satisfeita em representar a personagem Ciganinha e em cultivar a amizade com os demais integrantes. "Eu moro em Bayeux e estou aqui toda segunda-feira. Nunca pensei em deixar, não. Eu choro mesmo é se tiver que sair, se isso acabar", confidencia.

A realidade, no entanto, é que a tradição de contar a história do nascimento de Jesus em versos e danças, cuja origem remonta ao teatro popular português que se espalhou pelo Nordeste do Brasil com o nome de pastoril ou lapinha, vai se perdendo, pouco a pouco, nos grandes espaços urbanos. Foi assim com a Lapinha Menino Deus, do bairro de Cruz das Armas, coordenada pelo Mestre Nal (Ednaldo Barbosa Lima), que, segundo Maciel, deixou de existir depois do falecimento dele. Algumas das poucas lapinhas conhecidas na região do Litoral paraibano são as do Quilombo Mituaçu e do Quilombo do Ipiranga, ambos no município de Conde, e da Aldeia Estiva Velha, em Marcação.

Em João Pessoa, a Lapinha Jesus de Nazaré, de Mandacaru, tenta resistir. Os convites para que eles apresentem — por enquanto — a barca surgem de outros grupos de cultura popular que se reúnem para manter a tradição ou de eventos promovidos pela Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope). Na programação do ciclo natalino da capital, a lapinha costumava ser presença confirmada. Dessa vez, porém, o mestre Maciel já avisou: "Neste ano, não vai ter lapinha".



Ao som dos acordes do violão, o auto natalino conta com personagens dos cordões encarnado, azul e intermediário, recontando toda a trajetória de Jesus Cristo, desde seu nascimento, morte e ressurreição

Cessa Lacerda



Ilustração: Tônio

Cessa Lacerda

"Madrinha dos radialistas" do Sertão da Paraíba

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Quando se fala em comunicação, a ideia de atingir grandes públicos — as massas — ainda costuma rondar o imaginário social. Apesar disso, a necessidade de valorizar a informação local, aquilo que se passa em nossa cidade e em nosso bairro e que mantém uma relação de proximidade com o dia a dia das pessoas, tem sido cada vez mais discutida. No Sertão paraibano, a professora Cessa Lacerda já percebia a urgência dessa questão e buscou fortalecer, tanto nas salas de aulas como nos meios sociais, a cultura e as raízes de seu povo.

Maria do Bom Sucesso de Lacerda Fernandes nasceu em 17 de setembro de 1940, em Pombal, no interior do estado. Filha de Cícero Gregório de Lacerda e Cândida Ferreira Nobre, Cessa Lacerda, como ficou conhecida, formou-se no curso normal profissionalizante, tornando-se professora polivalente de crianças aos 19 anos. Ingressou, logo depois, na Escola Normal Josué Bezerra, antiga Arruda Câmara, onde exerceu a profissão ao longo de mais de três décadas, formando gerações. Já casada e com um filho, empreendeu esforços para cursar uma faculdade, ingressando, primeiro, na Universidade de Ciências e Letras de Patos, até que se transferiu para a Universidade de Filosofia e Letras de Cajazeiras, onde concluiu a Licenciatura Plena em Letras, em 1980. Dois anos depois, especializou-se em Língua Portuguesa pela Faculdade Francisco Mascarenhas, em Patos.

Na Rádio Bonsucesso de Pombal, a professora, escritora e poeta Cessa integrava o programa Coração Apaixonado, além de ter participado de diversas apresentações radiofônicas de serestas

As letras estariam, de fato, em sua trajetória, com as quais assinalou e difundiu as riquezas de sua terra. "Amo a Cultura, e escrever é o meu *hobby*. Amo o Brasil, a Paraíba e meu Pombal, torrão natal", escreveu ela para seu perfil no *site Recanto das Letras*. Suas pesquisas e produções textuais, em formato de poesias e homenagens a personagens pombalenses, logo ganharam espaço na rádio local.

Na Rádio Bonsucesso de Pombal, fundada no fim da década de 1980, Cessa Lacerda participou do programa *Coração Apaixonado*, comandado pelo radialista Clemildo Brunet. O programa diário vespertino "estilo povão e cheio de romantismo" tinha abertura e encerramento com a canção-título de mesmo nome, interpretada pelo cantor espanhol Julio Iglesias. Além de tocar as músicas solicitadas pelos ouvintes, era costume também ler mensagens de amor e, por ocasião das comemorações de aniversário da atração radiofônica, a professora Cessa assumia a coordenação de uma grande festa, que era transmitida ao vivo e contava com grupos seresteiros locais.

Em comentário a uma postagem do *blog Clemildo Brunet*, a educadora recordou essa passagem de sua vida: "Lembro-me bem daquele dia 15 de maio de 1989, quando você estreou o romântico e dinâmico programa *Coração Apaixonado*, cujo convite, para participar desse, me honrou alegremente, pois fazíamos o nosso povo igual no deleite da bela música, elevando os corações tristes e enriquecendo os amantes da arte e da cultura. Programa de muita audiência, após o repouso do meio-dia já ficávamos atentos quando ouvíamos Julio Iglesias com sua música característica que produzia maior vigor".

Cessa Lacerda era frequentemente convidada para participar de outras atrações da emissora, em que declamava seus escritos e falava sobre as datas festivas da Paraíba e do Brasil. Clemildo Brunet não se cansou de exaltar a competência da educadora-escritora nas ondas do rádio: "Dona Cessa contribuiu muito com a radiofonia de nossa terra… Participou, ao vivo, de diversos programas de serestas nas rádios de Pombal. Por sua influência no meio radiofônico foi considerada a 'Madrinha dos radialistas'", relatou. Em 2001 e 2007, a professora recebeu homenagens do Troféu Imprensa, considerada a festa dos radialistas de Pombal.

Como escritora deixou três obras que expressam sua desenvoltura na prosa e na poesia. Em *Escada de sentimentos* (1991), seu primeiro livro, traduziu em versos valores e emoções como paz, tristeza, saudade, felicidade e amor. Marcada pela fé católica, que sempre fez questão de confessar, escreveu: "A minha vida consolida-se na maior oração: Amar. Oração expressa por um verbo de ação ilimitada, indissolúvel e invejável. Exemplo edificante de Cristo. Força que nos ascende ao Paraíso Celestial. O amor para mim é o tribunal de paz, justiça e de felicidade".

Seu segundo livro, *Parabéns, Pombal! História Viva da Comunicação* (1999), recupera a memória da radiofonia pombalense a partir das homenagens prestadas aos comunicadores da cidade por ocasião de um programa transmitido, ao vivo, pela Rádio Bonsucesso, no dia 19 de dezembro de 1998. Foi naquela oportunidade que o radialista Orácio Bandeira fez a entrega do título de "Rainha do rádio e dos comunicadores" à escritora.

"É justo, portanto, que se façam homenagens aos baluartes da comunicação, louvando e aplaudindo todos os radialistas, sobretudo os nossos dinâmicos profissionais que trabalham em nossa terra, com amor e entusiasmo. (...) No entanto, louvar os queridos radialistas e calar-me diante da radiofonia pombalense seria injusto, por isso, pensei em realizar as minhas homenagens relatando a bela e extraordinária história do rádio em nossa terra", escreveu Cessa Lacerda no início de sua retomada histórica, descrevendo desde os serviço de alto-falantes das difusoras, transmitida por cornetas espalhadas nas partes mais altas da cidade, até a chegada das emissoras de rádio.

Em *Homenagem e Resgate — Prosa e Poesia* (2001), a escritora presta tributo ao nascimento do Senador Rui Carneiro e à canção "Maringá, Maringá", encomendada pelo político pombalense, em 1931, ao compositor Joubert de Carvalho. A música, que ganhou as paradas de sucesso nacional, inspirou-lhe a peça de teatro *O Hino do Sertão*, que integra o livro e que foi montada pela educadora com a ajuda de estudantes.

Ainda na década de 1990, Cessa Lacerda esteve envolvida na criação da Academia de Letras de Pombal (ALP). A escritora, professora e advogada Onélia Queiroga, com quem compartilhou a vocação ao magistério, o amor às letras e o sonho da instituição, contou, em sua coluna dominical para o jornal *Correio da Paraíba*, como foi esse processo: "Em 1995, revelei-lhe o desejo de construir a Academia de Letras de Pombal (ALP). A sua dúplice resposta de alegria e sentida emoção externou-se nos seus olhos, plenos de lágrimas cintilantes. A ALP foi inaugurada em janeiro de 1997, com pompa e prestígio. Na ocasião, discursamos: ela, como a primeira presidente eleita; eu, como vice-presidente, fundadora e responsável pela edificação do sodalício", escreveu a imortal.

"A notabilíssima D. Cessa Lacerda fazia jus aos títulos com que era destaque no meio social e cultural em que vivia: ocupava a cadeira 19 do patrono professor Newton Pordeus Seixas, ilustre imortal parnasiano com retrato na Galeria dos Maiores Paraibanos por sua contribuição na educação do município de Pombal e do nosso estado, destacável na literatura poética na Academia Paraibana de Poesia, enfoque na histórica cultura da terra do Senador Ruy Carneiro", reforçou o radialista Clemildo Brunet.

Nas visitas que o jornalista fazia à casa da escritora, as conversas sempre pendiam para projetos que valorizassem a cultura e a comunicação da cidade. Cessa Lacerda fundou a Associação Poética Pombalense Newton Pordeus Seixas e o Teatro Infanto-juvenil de Pombal. Explorava, ainda, habilidades artísticas no uso dos pincéis em tela a óleo e em tecido, onde procurava dar colorido à sua criatividade, inclusive participando de exposições com alguns de seus quadros.

Cessa Lacerda faleceu aos 71 anos de idade, em 25 de fevereiro de 2011, na cidade de João Pessoa, após sofrer um derrame cerebral. Deixou esposo, cinco filhos e netos, além de uma significativa contribuição para as letras e a comunicação local de sua cidade. Foi homenageada pela Câmara Municipal de Pombal, que deu o seu nome à biblioteca pública da casa legislativa.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Uma história bem contada resiste ao tempo

Como jornalista que atua em assessoria de comunicação, costumo andar perto dos bons. Explico: gosto de acompanhar perfis em redes sociais de empresas e de comunicadores que admiro e considero referência na área.

Faço isso porque preciso me manter atualizada. Muito do que aprendi na graduação em Comunicação Social, lá atrás, mudou; há temas e orientações datados e outros que precisam de renovação constante. Para acompanhar melhor os perfis que tratam de comunicação e assessoria de imprensa, até criei uma pasta no Instagram, na qual salvo o que me interessa ou que pretendo ler depois, com calma.

Revendo, há poucos dias, o material que tenho colecionado ao longo do tempo (uma curadoria muito bacana, aliás), cheguei à conclusão de que todo mudo deveria fazer isto: guardar o conteúdo de interesse, mas também revisitá-lo de vez em quando. Afinal, de que adianta ter material interessante arquivado, se não for para consultá-lo quando necessário ou mesmo quando houver tempo disponível para tal?

Gosto muito de acompanhar, por exemplo, o perfil de Ana Flávia Bello, que é consultora em Comunicação e Gerenciamento de crises e CEO da CosafeLatam. Em uma de suas postagens mais recentes, ela trouxe uma orientação essencial para quem lida com assessoria de imprensa: "Assuma a responsabilidade por uma situação adversa". Isso não significa assumir a responsabilidade por algum incidente, não é, necessariamente, assumir a culpa.

"Se um problema não tiver sido causado diretamente pela sua organização, mas envolvê-la de alguma forma, expresse empatia e solidariedade aos afetados e comunique que, apesar de não estar objetivamente ligada ao caso, se compromete em apoiar no que for necessário. E realmente cumpra esse combinado!", ensina Ana Flávia.

Já o professor e mentor de Comunicação Lucas Lima (@lucasfalalima) sempre mostra aos seus seguidores conteúdo relacionado à oratória e relacionamento interpessoal com foco no que as pessoas falam e como falam (ou que não deveriam falar).



Foto: Reprodução/IMCR

Ana Flávia Bello é consultora em Comunicação e Gerenciamento de crises e CEO da CosafeLatam

Em uma postagem recente, ele publicou quatro frases que tornam as pessoas desagradáveis. São elas: "Até que você se saiu bem…"; "Na verdade, você quis dizer…"; "Posso estar errado, mas…"; "Eu já sabia que não ia dar certo…". Conforme Lucas Lima, tais frases carregam prepotência, negativismo, agressividade e arrogância. Infelizmente, ainda são muito comuns, em família, no trabalho e no convívio com amigos.

Dentre as dicas que tenho no baú da comunicação, uma é especial: "Uma história bem contada abre oportunidades". Gosto dessa orientação, resumida em uma frase, porque ela trata de algo essencial: conexão. Na legenda da postagem original (em @holofote.assessoria de imprensa), é citado que boas histórias não apenas inspiram, mas também criam conexões emocionais e abrem portas para novas oportunidades.

E aí voltei aos meus tempos de redação em jornal impresso, quando eu implicava com repórteres que produziam o que chamo de texto-formulário. Uma matéria recheada de números, mas que não tinha o componente humano, não trazia uma história com a qual o leitor ou a leitora se identificasse. Uma história bem contada — e não apenas uma postagem, um texto que mais parece uma planilha com dados secos, brutos — funciona tanto para assessoria de imprensa, quanto para quem atua em veículos de comunicação.

Uma história bem contada, inclusive, resiste ao tempo: como a do nascimento de um bebê refugiado chamado Jesus. Que tenhamos mais e mais boas histórias para contar. Feliz Natal!

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os instrumentistas da MPB — XVI

Dando continuidade a esta seleção que nos propusemos fazer sobre os mais celebrados acordeonistas nacionais, citamos mais um chamado de Mário, ao lado de Mário Zan e Mário Mascarenhas. Um outro expoente da música instrumental, dedicado ao dedilhar do acordeão, foi o paulista Mário Gennari Filho (Santo Amaro-SP, 1929–São Paulo, 1989) que se tornou compositor e multi-instrumentista.

Foi, sobretudo, a popularidade anexa à vendagem de discos que o tornou um dos mais conhecidos acordeonistas da MPB. Sob esse aspecto, a gravadora Odeon a que estava vinculado chegou a enviar, nos anos 50, três de suas gravações (78 rpm) à rainha Elizabeth, "como amostra da verdadeira música brasileira".

Ele é tido como um exemplo de superação, pois, apesar de ser deficiente visual, tornou-se um excelente instrumentista, com incursões musicais pelo violão, piano, *solovox*, pela guitarra havaiana e, evidentemente, pela sanfona. Além disso, era exímio compositor, professor de vários instrumentos, mas principalmente de acordeão. Mário Gennari Filho formou inúmeros instrumentistas, quando de sua atuação como professor.

Sua aproximação com a sanfona iniciou-se quando ele contava apenas três anos de idade. Sua estreia no universo musical aconteceu aos oito anos de idade, na Rádio São Paulo, na capital paulista, sendo já considerado, desde então, um garoto prodígio. Tanto é que sempre foi um autodidata, nunca estudou música, mas a extraordinária acuidade auditiva o fez superar todas as dificuldades e necessidades técnicas.

Em parceria com uma também acordeonista, no caso a professora Rosany M. de Barros, criou um conservatório dedicado ao ensino instrumental. Por esse tempo, também foi contratado, sequencialmente, por várias emissoras: Rádio Educadora Paulista; Rádio Bandeirantes, quando e onde se profissionalizou; Tupi Difusora, onde permaneceu por 12 anos; e Rádio e TV Tupi (SP).

Gravou inúmeros discos: ao todo foram 55 fonogramas de 78 rotações e 12 LPs, entre 1943 e 1963. Recebeu diversos prêmios como melhor solista instrumental, entre eles o ambicionado Prêmio Roquete Pinto. Sua estreia no disco aconteceu aos 14 anos, com o 78 rpm *Sempre alegre* (1943), depois do que sua presença se tornou constante nas gravadoras Colúmbia e Continental. Apesar de trabalhos acontecidos em ambas, foi na poderosa Odeon que gravou a maioria dos seus discos.

Imagem: Reprodução/Revivendo



Mário Gennari Filho (1929–1989) gravou 55 fonogramas de 78 rotações e 12 LPs, entre 1943 e 1963

Percorreu, em sua carreira musical, vários estilos, como a rancheira, o baião e outros ritmos regionais brasileiros, incursionando, inclusive, pelo início da Jovem Guarda. Foi ele quem compôs (com letra em inglês) o rock balada "Forgive me" ("Perdoa-me"), gravado por Tony Campello, e o calipso "Handsome boy" ("Belo Rapaz"), gravado pela irmã deste, Celly Campelo, gravações que marcaram o lançamento dos irmãos de Taubaté no estilo que viria a consagrá-los, tornando, com Sérgio Murilo, os primeiros astros do rock brasileiro.

Dentre a repaginação e os novos arranjos que nos foram legados por Mário Gennari, alguns merecem destaque: "Casinha Pequenina", "De papo pro ar", "Chuá Chuá", "Tico-Tico no Fubá", "Zíngara", "Sertaneja", "Taí", mas a sua grande criação, certamente, foi o "Baião Caçula" (Odeon, de 1951), que mereceu uma gravação nos Estados Unidos, pela gravadora Decca.

A título de curiosidade: os famosos *band-leaders* Carmen Cavallaro e Roberto Inglez chegaram a gravar o "Baião Caçula", certamente a referência musical maior de Mário Gennari Filho.

Em suas apresentações, ele era apresentado como o "Acordeão Espetacular" e também como o "Artista Milionário", certamente em razão da fortuna financeira que ele amealhou. Sobre essa alusão ao seu sucesso financeiro, ele cunhou esta elucidativa frase: "Não faço objeção nenhuma a que o usem, uma vez que é verdadeiro. De fato, com meu esforço honesto e com Deus sempre me querendo bem, consegui 'alguns cruzeiros' que me bastam para viver sem preocupação e relativo conforto. No entanto, o acordeão é minha grande paixão e, por mais que ele me recompense, ou justamente por isso, não pretendo abandoná-lo nunca". Sábias palavras!...

"AQUI"

Atriz critica filme de Tom Hanks com IA

"Que trabalho haverá para humanos?", questiona Lisa Kudrow, de "Friends"

Daniel Vila Nova
Agência Estado

A atriz Lisa Kudrow criticou *Aqui*, filme estrelado por Tom Hanks, pela utilização de inteligência artificial (IA) em sua produção. O longa-metragem, dirigido por Robert Zemeckis, conta a história de um casal que se despede de uma casa em que eles viveram durante décadas. A narrativa acompanha o envelhecer da família, mas as versões mais jovens de Hanks e Robin Wright foram rejuvenescidas com a polêmica tecnologia.

"Me soou como um endosso à IA", reclamou a artista durante uma entrevista ao *podcast Armchair Expert*. "Não é como se isso fosse arruinar tudo, mas o que vai restar? Esqueça atores consagrados e os atores em ascensão? Os estúdios vão apenas licenciar e reciclar", criticou a atriz de *Friends*. "Que trabalho haverá para os seres humanos?".

A obra, que ainda não estreou no Brasil, marcou o reencontro entre Hanks e Zemeckis — os dois trabalharam juntos em *Forrest Gump — O Contador de Histórias*. Apesar disso, o filme não fez sucesso nos EUA e foi considerado um fracasso de bilheteria. *Aqui* chega aos cinemas brasileiros no dia 16 de janeiro de 2025.

Em 2023, Hanks havia criticado o uso de inteligência artificial. À época, a greve dos atores de Hollywood demandava maiores proteções dos estúdios contra o uso da tecnologia. "Qualquer pessoa pode recriar a si mesma em qualquer idade por meio da tecnologia de IA ou *deepfake*. Eu poderia ser atropelado por um ônibus amanhã e acabou, mas as *performances* poderiam continuar indefinidamente," afirmou o ator.

"Não haverá nada para te dizer que não sou eu. E vai ter algum grau de realismo. Isso, certamente, é um desafio artístico, mas também é um desafio jurídico", completou. "Sem dúvida, as pessoas serão capazes de perceber [que é IA], mas a questão é: elas se importarão? Existem algumas pessoas que não vão se importar, que não farão essa distinção".



Foto: Divulgação/Sony Pictures Releasing

Versões mais jovens de Hanks e Robin Wright foram rejuvenescidas com a polêmica tecnologia

Charada

Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: projétil (2) = bala + arma (2) = clava um gorro (4) que lhe protegia a cabeça. **Solução:** balaclava.

Charada de hoje:
Adentre (2) o que é real (2) e, assim, você evitará um choque de ideias (4).



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!



Imagem: Reprodução/Fox

Quatro dedos

Nem todos percebem: geralmente, personagens de desenhos animados têm um dedo a menos. Tal característica começou como uma forma de poupar tempo e simplificar o trabalho dos animadores. Essa tradição remonta aos primórdios da história da animação. As escolhas eram, em grande parte, práticas: a redução do número de dedos de cinco para quatro foi uma medida de poupança do tempo.

Luvas para melhor visibilidade

Na era dos filmes em preto e branco, os animadores enfrentavam desafios para fazer com que as mãos das personagens se sobressaíssem em relação aos seus corpos. O Mickey Mouse, por exemplo, não começou com luvas. Mas, no desenho animado de 1929, *The Opry House*, o personagem usava luvas como parte da sua indumentária, e os profissionais da animação rapidamente perceberam que as luvas aumentavam a visibilidade das suas mãos. O Museu da Família Walt Disney aponta que as luvas se tornaram uma característica permanente nas produções animadas seguintes, a começar por *When the Cat's Away*, mais tarde nesse mesmo ano.

Simplificando o processo

Para além da visibilidade, as luvas simplificavam o processo de animação. Desenhar luvas era mais rápido do que desenhar mãos detalhadas com dedos, especialmente quando as personagens eram animadas à mão.

Certa vez, Walt Disney comentou que dar cinco dedos ao Mickey teria feito com que as suas mãos se parecessem com "um cacho de bananas". Ao desenhar apenas três dedos e um polegar, os animadores reduziram a sua carga de trabalho, mantendo um *design* visualmente atrativo.

A escolha estilística manteve-se mesmo na animação moderna, embora não apenas por razões práticas. Personagens de animação encarnam muitas vezes animais antropomórficos, e dar-lhes mãos semelhantes às humanas pode parecer perturbador ou estranho para o público.

Cinco dedos na animação japonesa

Nas animações japonesas (*animes*), geralmente os personagens têm cinco dedos. Um dos motivos é a aversão do povo nipônico ao número quatro, que surgiu por conta de sua pronúncia, da mesma maneira que o ideograma "morte" (*shi*). Outro aspecto é ser uma referência ofensiva à casta burakumin (quatro dedos = quatro pernas = animais), que era a classe social mais baixa durante o feudalismo no Japão. Outro ponto a que o *design* de personagem animado poderia se referir é a uma tradição da máfia Yakuza: cortar um dos dedos da pessoa, como forma de punição.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

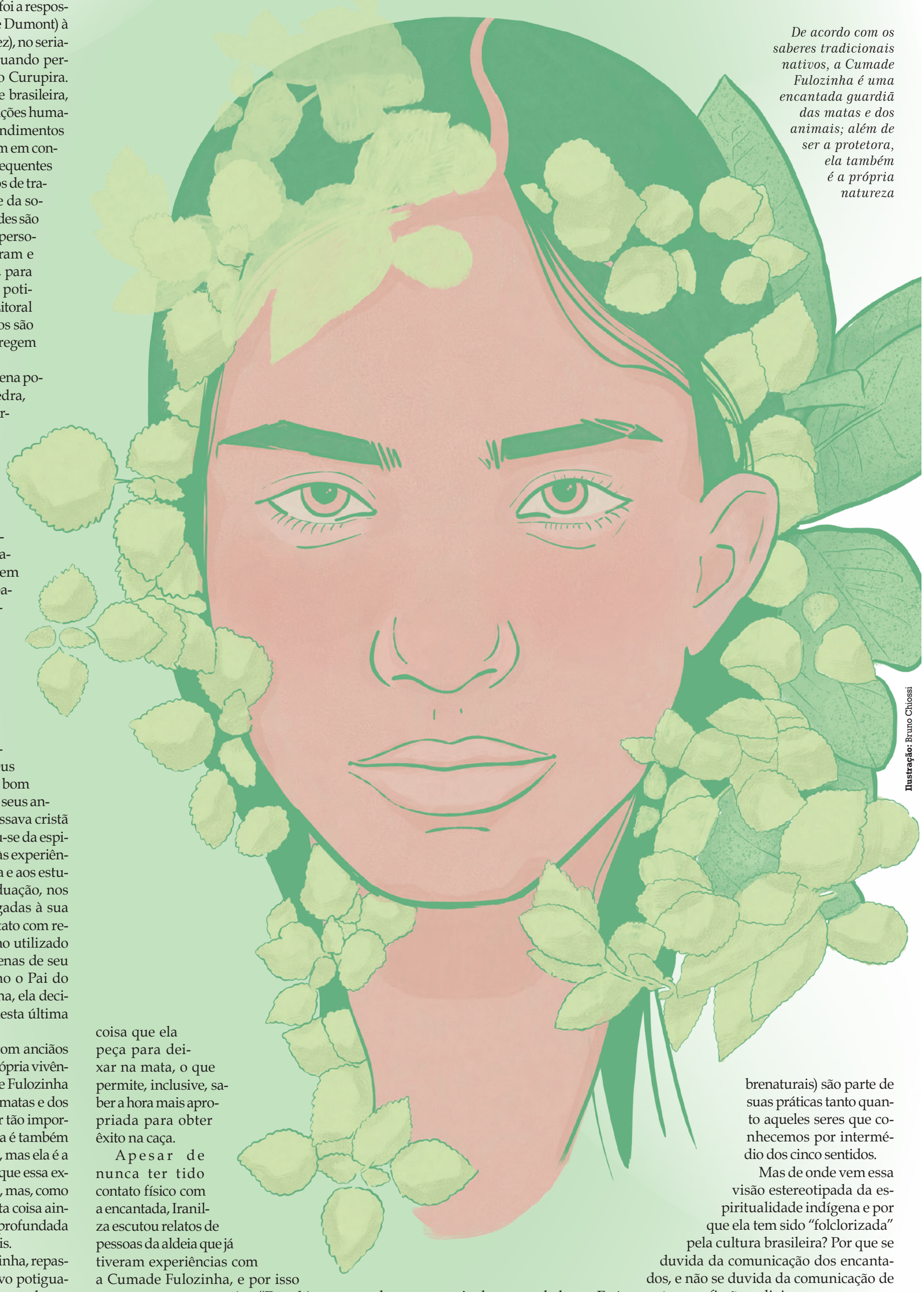
1 – cajado; 2 – estrela; 3 – calça (garoto loiro); 4 – dedo de Papai Noel; 5 – bolinha; 6 – camisa do garoto; 7 – fivela; 8 – boca de Noel; e 9 – brinco.

A palavra "encantado" se refere a uma entidade ou espírito de ancestrais indígenas que são cultuados, sendo seres que possuem poderes sobrenaturais na crença indígena ou cabocla, não passam pela morte, mas se transmutam em diferentes expressões da natureza.

Pelos encantamentos do mundo

Quais as origens da visão estereotipada da espiritualidade indígena e por que ela tem sido "folclorizada" pela cultura brasileira

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com



De acordo com os saberes tradicionais nativos, a Cumade Fulozinha é uma encantada guardiã das matas e dos animais; além de ser a protetora, ela também é a própria natureza

Ilustração: Bruno Chiossi

"Medo não, respeito!". Essa foi a resposta do antigo caçador Ciço (José Dumont) à garotinha Luna (Manu Dieguez), no seriado *Cidade Invisível* (Netflix), quando perguntado se ele tinha medo do Curupira. Nas duas temporadas da série brasileira, entidades míticas assumem feições humanas para lutar contra empreendimentos que agridem a natureza e põem em contraste as duas atitudes mais frequentes em relação aos seres encantados de tradição indígena. Para boa parte da sociedade brasileira, essas entidades são "folclorizadas", tratadas como personagens de ficção que assombram e impõem medo, enquanto que, para os povos indígenas, como os potiguara, que se concentram no Litoral Norte paraibano, os encantados são parte de sua espiritualidade e regem suas relações com a natureza.

Iranilza Félix, mulher indígena potiguara da aldeia Jacaré de Pedra, no município paraibano de Marcação, vem estudando sobre a Cumade Fulozinha no doutorado em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e critica a forma como essa encantada tem sido representada. "Para a sociedade, a Cumade Fulozinha é um personagem de terror, de medo, que sai batendo nas pessoas sem motivo. E essa visão está tanto nas características físicas, na fisionomia, como na oralidade ou nos relatos", constata.

A pesquisadora, que prefere ser chamada Iranilza Potiguara, explica que ouvia falar da Cumade Fulozinha quando era criança por seus avós e pais. Como passou um bom tempo afastada das crenças de seus antepassados enquanto se confessava cristã católica, em 2013, reaproximou-se da espiritualidade potiguara, graças às experiências cotidianas com a natureza e aos estudos de graduação e pós-graduação, nos quais trabalhou temáticas ligadas à sua cultura. Foi então que, no contato com relatos de outros parentes (termo utilizado para se referir a outros indígenas de seu povo) sobre encantados como o Pai do Mangue e a Cumade Fulozinha, ela decidiu se concentrar no estudo desta última durante o doutorado.

Com base em entrevistas com anciãos de sua comunidade e em sua própria vivência, Iranilza define: "A Cumade Fulozinha é uma encantada guardiã das matas e dos animais. Ela assume esse lugar tão importante de ser a protetora, mas ela é também as matas, sabe? Ela é a guardiã, mas ela é a própria natureza". Ela admite que essa explicação é um pouco complexa, mas, como se trata de um encantado, muita coisa ainda está por ser descoberta e aprofundada a partir dos saberes tradicionais.

A crença na Cumade Fulozinha, repassada pela tradição oral do povo potiguara, se traduz em respeito, por isso, toda vez que um indígena vai entrar na mata, tem que pedir permissão à encantada. "Quando um caçador vai na mata caçar e não pede permissão à Cumade Fulozinha, ele pode se perder ou o cachorro dele pode se perder ou levar uma surra para não encontrar a caça", exemplifica Iranilza. Ela afirma que a relação de intimidade de alguns caçadores com a encantada pode se traduzir no costume de levar fumo ou outra coisa que ela peça para deixar na mata, o que permite, inclusive, saber a hora mais apropriada para obter êxito na caça.

Apesar de nunca ter tido contato físico com a encantada, Iranilza escutou relatos de pessoas da aldeia que já tiveram experiências com a Cumade Fulozinha, e por isso sempre manteve respeito. "Eu sabia que ela existia sem precisar vê-la", confessa. As formas de se comunicar com a entidade são pelos sonhos e quando ela entra na floresta. Até no processo de pesquisa, Iranilza faz questão de pedir autorização à entidade para saber o que deve ou não escrever sobre ela, o que as pessoas podem ou não saber. "Eu entro na mata e a mata se comunica comigo através do vento. Eu peço orientação à Cumade Fulozinha, peço um sinal, e a mata balança. E aí eu já compreendo, já entendo que é um sinal da Cumade Fulozinha".

Relatos como esse podem parecer distantes do pensamento ocidental cartesiano, que rege a visão acadêmica, de que só existe o que pode ser provado. Mas eles precisam ser considerados dentro do contexto da própria cultura indígena, a partir de uma visão antropológica de que a dimensão de relação com seres transcendentes (ou sobrenaturais) são parte de suas práticas tanto quanto aqueles seres que conhecemos por intermédio dos cinco sentidos.

Mas de onde vem essa visão estereotipada da espiritualidade indígena e por que ela tem sido "folclorizada" pela cultura brasileira? Por que se duvida da comunicação dos encantados, e não se duvida da comunicação de outras confissões religiosas, como as aparições cristãs? Como essas crenças indígenas estão presentes no dia a dia das comunidades rurais? E que atitudes precisam ser cultivadas para superar o medo e adotar o respeito diante dos encantados? Conhecer é o primeiro passo para compreender; por isso, o *Pensar* deste mês te convida a um mergulho na religiosidade dos encantados, nas práticas e sentidos da ciência indígena.

ESCLARECIMENTOS

Cultura indígena não é uma religião

Saindo das definições eurocêntricas e colonizadoras, entenda como práticas nativas estão além dos padrões dogmáticos

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Para começo de conversa, precisamos esclarecer que algumas definições e termos próprios da cultura ocidental sempre se apresentarão limitados para expressar com fidelidade experiências de outras ordens, como é o caso dos encantados e das encantadas indígenas. Falar de religiosidade para se referir a esses fenômenos, por exemplo, é tentar encaixar e rotular saberes tradicionais indígenas em uma definição eurocêntrica e colonizadora, impregnada por um pensamento específico de acesso a uma outra dimensão transcendente, que, na cultura ocidental, é a divindade.

Iranilza Potiguara faz questão de enfatizar esse aspecto: "A cultura potiguara não pode ser considerada uma religião. Muitas vezes, nossas práticas são tratadas como religiosidade ou como espiritualidade, mas elas estão para além, para fora dos padrões e das paredes de uma religião dogmática, digamos assim. É uma prática ancestral do nosso povo".

Ao mesmo tempo, é inegável que elementos da linguagem, como o próprio termo "cumade", que a pesquisadora prefere utilizar segundo a oralidade do seu povo e não de acordo com a norma culta do português, carrega heranças das relações de apadrinhamento próprias do catolicismo. "O que alguns anciãos relatam é que a gente não chama uma pessoa para ser comadre ou compadre se você não a conhece, se você não tem intimidade com ela. Então chamar de 'cumade' está ligado a essa relação de intimidade. Tanto que muitas pessoas chamam a Cumade Fulozinha de amiga, de parceira, de madrinha…", explica Iranilza.

Ao mesmo processo de catequização, que emprestou o termo "comadre" à encantada, ela também atribui sua demonização. "O cristianismo, de certa forma, cria o diabo para amedrontar as pessoas, para que as pessoas se convertam à religião cristã, e depois pega esse diabo e joga para as outras 'religiões'. E aí é o que acontece com os encantados e as encantadas indígenas e com as entidades de religiões de matriz africana", critica Iranilza.

A pesquisadora vem analisando curtas-metragens e páginas no Instagram que associam Cumade Fulozinha a uma personagem de ficção que gera medo e apresentam características de assombração. Iranilza é taxativa: "A Cumade Fulozinha indígena não é a mesma da que as pessoas acham na internet, que as pessoas confundem com um personagem do folclore. A Cumade Fulozinha é 'folclorizada', mas ela é um elemento da cultura indígena, um ser encantado que está muito além do folclore, porque ela não é uma invenção. Ela está presente e faz parte tanto de uma oralidade ancestral como na oralidade de agora, no nosso presente, no nosso cotidiano".

Ao contrário dos estudos sobre os conhecimentos e tradições de um povo a partir de seus mitos, canções e costumes, a "folclorização" tende a simplificar esses saberes e reforçar determinados estereótipos, que desqualificam e tornam o outro exótico para, assim, retirá-lo de cena, para fazê-lo desaparecer, negá-lo enquanto sujeito ou mesmo explorá-lo comercial e turisticamente. O antropólogo Fábio Mura, professor da UFPB, explica que o efeito "folclorizante" dado aos encantados é resultado da transformação de suas histórias em mitos e lendas. "No sentido comum, lenda e mitos não existem, não correspondem com a verdade, porque não são de natureza histórica, já que o que seria verdadeiro é aquilo que é histórica e cientificamente aceito. A lenda acaba sendo ainda pior do que o mito, porque ela não tem o nível de estruturação de uma organização mítica", explica o docente.

As lendas da Cumade Fulozinha costumam ser associadas a ações de travessuras, como trançar as crinas de cavalos, abrir porteiras de fazendas e desorientar caçadores com seu assobio potente, sem ponderar as relações que a encantada mantém como os povos indígenas. Aos caçadores, Cumade Fulozinha se comunica com um assobio avisando a hora certa de entrar na floresta, mas também pode levá-los a se perder, mesmo em lugares conhecidos, caso utilizem palavrões ou esbravejem contra os animais. Iranilza compreende essas punições como formas de "lição" para quem não respeita as matas e os animais. A partir de entrevistas com indígenas de outras etnias, a pesquisadora também encontrou encantadas que possuem características semelhantes às da Cumade Fulozinha, levando-lhe a propor a hipótese de uma cerca universalidade da entidade entre os indígenas brasileiros. No Nordeste, por exemplo, identificou entidades chamadas Senhora das Matas, Flor da Mata ou Caipora, e, em territórios amazônicos, chegou a associá-la a um encantado masculino.



Foto: Arquivo pessoal

Segundo a pesquisadora Iranilza Potiguara, a Cumade Fulozinha indígena não é a mesma "folclorizada" que as pessoas encontram na internet

Entidades femininas reforçam a luta para superar invisibilização

Cumade Fulozinha não é a única encantada nas tradições potiguara. Na rede de respeito e proteção aos territórios indígenas, encontramos ainda a Mãe d'Água, que protege as águas doces e salgadas, o Pai do Mangue, que protege os manguezais, ambos associados à atividade pesqueira. As Bruxas de Coqueirinho, por outro lado, mantêm relação com a cura, com mulheres que dominam o saber das plantas medicinais.

A majé Amanacy Potiguara (Sanderline Ribeiro dos Santos), que também é professora especialista em Educação do Campo e mestra em Ciências das Religiões pela UFPB, dedicou-se, em sua pesquisa, a analisar as entidades femininas presentes na cultura de seu povo e como as narrativas se entrelaçam com as práticas do dia a dia. Ela explica que a principal missão das entidades é guardar os espaços sagrados e defendê-los, com suas ações de encantamento, de quem queira adentrar neles sem permissão ou se comportar de modo inadequado.

"Geralmente, essas entidades míticas estão favorecendo as atividades cotidianas de mulheres e homens que adentram nas matas, rios e mares, manguezais ou que precisam recorrer aos elementos da natureza para serem auxiliados diante de suas diversas necessidades", informa Amanacy. Não há um lugar predeterminado para "culto" aos encantados. Como eles estão presentes em todos os lugares da natureza e muitas vezes se confundem com os seus elementos, é costume oferecer presentes agradáveis, em seus respectivos ambientes, como fumo, frutas, flores, mel e amescla, uma resina extraída de árvore do mesmo nome, utilizada para defumações que protegem contra situações perigosas.

Oferecer agrados para evitar punições pode sugerir uma dinâmica de castigo e recompensa na relação dos indígenas com os encantados, mas a majé Amanacy compreende essas práticas a partir de uma reverência à natureza e respeito à biodiversidade. "Ao entrar na casa de alguém, o mais correto é pedir licença e, em forma de gratidão, por ser bem recebido, é de bom grado presentear. Se não se comportar devidamente, podemos sofrer punições e passar por situações desagradáveis. Assim também é no mundo espiritual, a lei da troca também existe e perpetua a prática do bem viver", compara.

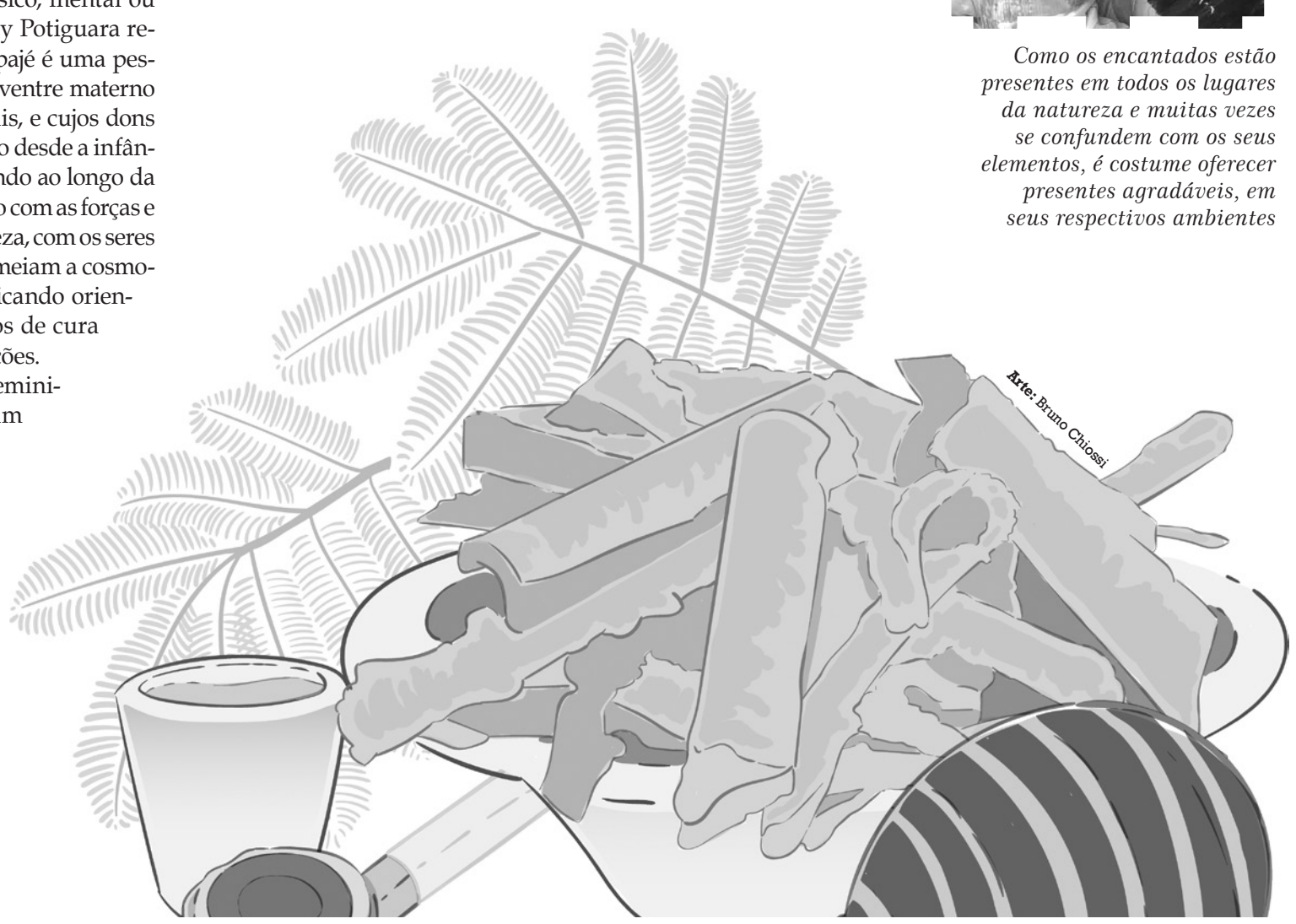
Difundir essa sabedoria é a missão da majé, termo que tem sido retomado atualmente para caracterizar a liderança indígena feminina responsável por manter vivos os conhecimentos dos ancestrais e anciãos capazes de auxiliar seus parentes no campo físico, mental ou espiritual. Amanacy Potiguara revela que a mulher-pajé é uma pessoa apontada já no ventre materno por forças espirituais, e cujos dons vão se manifestando desde a infância e se desenvolvendo ao longo da existência no contato com as forças e elementos da natureza, com os seres espirituais que permeiam a cosmologia indígena, aplicando orientações em processos de cura para diversas situações.

As encantadas femininas também reforçam a luta para superar a invisibilização das mulheres-pajés ao longo do tempo. "A atuação masculina sempre obteve mais destaque; por outro lado, a ação feminina, por ser forte, foi sendo combatida. Isso desde o período de catequização, como conhecemos no mito das Bruxas de Coqueirinho, entidades femininas, conhecedoras de várias práticas de magia e cura, [que] utilizavam os recursos da fauna e flora e, por essa razão, eram perseguidas pelos religiosos e silenciadas", esclarece a majé Amanacy. Para ela, a Cumade Fulozinha e a Mãe d'Água inspiram e fortalecem o papel da mulher na tradição indígena, tanto na missão de se dedicar, preservar e cultivar o território, como na prática de muitas que encabeçam ações de cuidado e manutenção de rios, lagos e nascentes, essenciais para a existência humana.

> **A atuação masculina sempre obteve mais destaque; por outro lado, a ação feminina, por ser forte, foi sendo combatida**
>
> Amanacy Potiguara



Foto: Arquivo pessoal



Arte: Bruno Chiossi

Como os encantados estão presentes em todos os lugares da natureza e muitas vezes se confundem com os seus elementos, é costume oferecer presentes agradáveis, em seus respectivos ambientes

ECOSSISTEMA

Natureza estabelece diversas tradições

Preservação ambiental tem relação direta com a espiritualidade e a cosmovisão cultivada pelos povos originários

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

No Brasil, segundo o último levantamento do MapBiomas, as terras indígenas (TIs) são responsáveis pela manutenção da maior área de preservação da vegetação nativa original e diversos ecossistemas. De acordo com o levantamento realizado pela organização, apenas 1% da vegetação nativa das TIs foi perdido durante 1985 e 2023.

Pode não parecer, mas esse dado atual não é mera coincidência com a existência dos seres encantados. A preservação ambiental tem uma relação direta com a espiritualidade indígena e a cosmovisão que é cultivada pelos povos originários. "Cosmovisão é a relação com a terra ou a natureza em geral, incluindo os humanos. É a origem do que chamamos de cultura ancestral, ou seja, o modo de significar, organizar e agir no mundo", explicou Rebeca Menezes. Ela é cearense, dos povos kariris, mas, há cerca de 10 anos, vive na Serra da Borborema e trabalha na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como assistente social.

Foto: Arquivo pessoal



Rebeca Menezes, dos povos kariris

A indígena explicou que o contato com a terra para garantir sua continuidade fez com que todas as populações estabelecessem uma relação própria com ela, a partir da geografia, das estações e da fauna local. "Isso deu origem a muitas e diferentes tradições, que se atualizam e fortalecem quanto mais esse vínculo segue sendo possível e lembrado e faz parte dos processos de encantaria dos povos originários".

A encantaria oculta o que é vivo e parte da natureza. "Aí entram as plantas, alguns animais, seres que viveram e pessoas que tiveram uma passagem especial na terra e, quando morrem, eles se converteram em encantados, ou seja, em figuras espirituais que vêm depois partilhar sua sabedoria e que interagem com esses outros seres vivos nesse mundo. Isso é meio que um consenso".

Apesar de ser de outro povo indígena, o pajé Isaías Guarapirá Potiguara, de Baía da Traição, explica também que a espiritualidade indígena agrega todo um conjunto e uma forma tradicional de se viver. "Nós acreditamos que, quando somos plantados — que, no mundo do branco, se chama enterrado —, nossos ancestrais não morrem. Eles só passam de um plano para o outro. Um desses planos que a gente acredita que eles vivem é no meio da natureza, seja nas águas, nas matas, no fogo e no vento".

Na pajelança, série de rituais e práticas que Isaías Guarapirá realiza, quem encantou-se dessa dimensão é convidado a participar. "Eles se tornam parte desse movimento. Trabalham dançam e fumam. Bebem a jurema e o vinho. Eles nos ajudam a fortalecer nossas lutas e se alegram conosco em nossas conquistas. A espiritualidade é toda a natureza", enfatizou o pajé.

Parte daquilo que você...?

Rebeca Menezes explica que a espiritualidade indígena está para além de entendê-la, necessariamente, dentro do conceito de não ser denominada como uma religiosidade. "Além do processo colonial, a espiritualidade indígena, diferente da religião, não é algo que a gente defina como algo sagrado *versus* profano. Esses povos não percebem a religião no sentido ocidental, nessa vivência ocidentalizada que a gente tem. Porque é algo que faz parte daquilo que você é e que dá sentido para a existência do mundo para além do que é entendido como religião", explica a indígena kariri.

Foto: Arquivo pessoal



Pajé Isaías Guarapirá Potiguara, de Baía da Traição, no Litoral Norte

A espiritualidade indígena, portanto, não se dissocia da natureza, e isso tem claros impactos na necessidade do que entendemos como preservação ambiental, pontua o antropólogo Fábio Mura, professor da UFPB. "Quando se vai fazer uma etnografia entre esses povos e pegamos a língua materna, não há uma palavra específica do que a gente pode denominar como natureza. Ao passo que existem, sim, conceitos para definir os diferentes modos de vida. Se não existe a palavra 'natureza', logo não tem como definir uma contraposição ao que seria cultura nem com o que seria uma sobrenatureza, pois a natureza não é como a gente entende na cultura ocidental colonial", destaca Mura, ao explicar que não há uma relação binária de natureza e cultura na tradição indígena que ainda utiliza sua linguagem originária.

Os seres e a relação com eles, no entanto, são extremamente importantes. "Esses seres podem ser percebidos, por exemplo, por meio dos cinco sentidos, inclusive das sensações cultivadas, como o frio e o calor. Então boa parte dos povos indígenas, quando se referem a relações com divindades e com espíritos encantados, não é porque são de uma natureza distinta da nossa. Cada espécie é tratada uma a uma".

Contudo, a colonização teve um impacto muito forte na linguagem no Nordeste brasileiro. Logo, no português, a palavra "natureza" tem uma forte associação com os povos indígenas, explica o professor. "Embora o linguajar seja diferente, no caso dos tabajaras e dos potiguaras, com o português, a visão dicotômica portuguesa de natureza e cultura acaba sendo introduzida".

Outra questão que surge por meio dos processos de colonização que permanecem é a forma como a espiritualidade é praticada em diversos ambientes. Rebeca Menezes, que frequenta espaços de aldeias, discorre sobre esse processo. "Percebo aqui que nas aldeias existe uma relação muito clara e direta entre o culto à Jurema e a ancestralidade indígena comparada à Jurema que conheci em Campina Grande, com os elementos africanos e católicos. Também percebo que é muito mais orgânica a relação estabelecida com a natureza e o engajamento para sua proteção, uma vez que ela é a morada dos seres encantados".

Ao citar Ailton Krenak, aclamada liderança e primeiro indígena a estar na Academia Brasileira de Letras (ABL), ela enfatiza a perda do vínculo da existência ligada à natureza. "Como diz Krenak, a juventude de hoje pensa que a comida vem dos supermercados e não da terra. Daí acaba que se canta pontos homenageando as matas e os guardiões dela, mas os adeptos da religião em si possuem raríssimo ou nenhum engajamento político ou prática pessoal que promova a diminuição do impacto de nossa vida sobre a terra e a sua preservação".

MEIO URBANO

Processo de criação da cidade é "um desencanto do mundo"

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Catimbó e jurema. Essas são algumas das práticas de matrizes indígenas na Paraíba e que têm a encantaria ligada a elas. Com uma história complexa que envolve seu surgimento, o professor Rodrigo Grünewald, da UFCG, construiu artigos explicando o surgimento dessas práticas religiosas no estado. "Na origem do catimbó, trabalhava-se com os mestres, invocados a partir de linhas entoadas em rituais nos quais a jurema [bebida enteógena retirada da árvore Jurema] era consumida (...). Para a realização do ritual, usava-se o maracá e o cachimbo. Bebidas alcóolicas eram servidas aos mestres, que sempre as solicitavam".

As práticas do catimbó e jurema fazem parte do que o professor e outros estudiosos da Antropologia nomeiam como "complexo da jurema". Segundo Grünewald, as tradições que surgem daí "fazem parte dos caminhos abertos pelas matas sagradas a partir dos juremais do Semiárido nordestino" e se transmutam por meio do tempo.

Embora a Cumade Fulozinha, o Pai do Mangue e o Zé Pilintra sejam as figuras mais citadas por estudiosos e parentes indígenas, é possível afirmar que os encantados, embora não apareçam como tais entidades em algumas tradições, ainda permanecem em terreiros e outros espaços dentro da cidade. Grünewald chama um desses caminhos tomados na Paraíba pela jurema como "processo de umbandização do catimbó". "Parentes" é o termo que as populações militantes indígenas advogam ao falar sobre outros nativos e outras populações.

De acordo com João da Silva (nome fictício), que é um homem branco e professor de Matemática em uma universidade da região, no terreiro no qual ele participa, não se fala em Cumade Fulozinha ou Pai do Mangue. "Acho que isso depende também da acepção de encantado. Os mestres e caboclos da jurema lá do terreiro são tidos como encantados", justifica.

João faz parte de um terreiro no bairro da Ramadinha, em Campina Grande. Ele conta que nos seus primeiros anos de vida, a religião sempre esteve muito presente no seu cotidiano. Quando criança, ele foi coroinha; quando cresceu, desenvolveu outro senso de espiritualidade. Há cerca de nove anos, é da religião da jurema. Para o professor, o fato de participar de um sistema de culto organizado o faz se sentir parte de uma religião, que também tem como base os processos de encantaria. "Morrer, ir para o plano espiritual, passar a trabalhar de lá no plano material... é o que eu chamo de encanto", explica João da Silva.

Fazer parte de uma espiritualidade e — no caso dele — uma religião dentro do meio urbano transformou seu modo de ser e estar no mundo. Ele explica que, antes de aderir à jurema, estava em um limbo espiritual, que não o incomodava: meio ateu, meio materialista e meio espinosista. "Nessa época, algo mudou dentro de mim. Não foi uma crise de fé, foi um desencanto no sentido não catimbozeiro do termo". João falou que mudar de uma cidade pequena para uma cidade maior teve impacto pequeno em sua fé, pois, em Campina Grande, ele não tinha companhia para ir à igreja.

"Parece que o processo de criação da cidade é um processo de desencanto do mundo, mas não necessariamente um processo de folclorização. Mas a educação acaba por criar também esses processos de fabulação, não é? O professor, quando vai ensinar, não vai ouvir mais de uma fonte oral. Vai procurar um livro. Mas eu acredito que a ideia de folclore, hoje, é muito datada", explicou João, ao citar o dicionário de Câmara Cascudo, que é uma das fontes mais usadas para falar sobre folclore e sobre os encantados.

Na visão de Câmara Cascudo, no livro *Antologia do Folclore Brasileiro*, ele define esse termo como sendo algo que precisa de uma explicação. "A presença de tantos registros fixando cenas da vida indígena merece uma explicação. Creio na existência de um folclore indígena e de um folclore negro, cafre, hotentote, repudiado pelos folcloristas clássicos".

Apesar de Câmara Cascudo ter dado contribuições pertinentes para gerar um entendimento acerca das tradições indígenas, existe um reforço desse lugar do popular, que, segundo Fábio Mura, é um lugar hierarquicamente de menor importância, subalternizado e ligado a raças não brancas. "É muito preconceito, hierárquico e evolucionista, porque a gente fala que é expressão da cultura deles. E, no nosso caso, não seria da nossa cultura; seria científico. Como se o científico fosse do domínio superior. A ciência indígena é uma ciência. Tem a sua eficácia e permite a sua vida", enfatiza o antropólogo.



Arte: Bruno Chiossi

Existe uma ciência indígena, que tem a sua eficácia e que permite a vida

REFLEXÃO

Folclore não é positivo para nativos

Para preservar os povos indígenas, é preciso rever e corrigir os livros escolares de História

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Para a kariri Rebeca Menezes, o folclore não é um processo que enfatiza positivamente os povos originários. Para que o reforço positivo aconteça de forma eficaz, "é preciso preservar os povos indígenas, corrigir os livros da história oficial que se estudam na escola e não entregar às crianças e aos professores uma noção estereotipada, folclorizada, ingênua e atrasada de figuras que em nada parecem com os bandeirantes coloniais e governantes eleitos como heróis da nação".

Por isso, a "folclorização" que contribui com o processo de desencantamento do mundo acaba também presente em terreiros urbanos. "A jurema, tal qual conheci em terreiros urbanos, não me pareceu favorecer a conexão de seus adeptos com a existência, a história e a luta com os povos de sua matriz ancestral. E, sim, isso é muito diferente nas aldeias, onde a jurema tem o papel também de fortalecer os parentes para a luta e a afirmação de suas identidades indígenas".

É impossível resumir e enquadrar as espiritualidades indígenas em caixinhas sistematizadas das religiões. Por ser parte de tradições, sobretudo orais, as espiritualidades nativas foram criando formas e relações distintas em cada povo e em cada lugar. Iranilza Potiguara, ao tratar como o seu tema de estudo de doutorado, enfatizou a importância da oralidade. "A Cumade Fulozinha está muito presente na oralidade do meu povo. Então, é passada de geração em geração. Às vezes, a gente acha que ficou no passado e que vem sendo trazido só na memória".

Essas tradições ainda estão presentes e não só dentro da realidade de quem pratica a espiritualidade indígena. Severina Albuquerque é vendedora, diarista, agricultura e frequenta a Igreja Católica quase todo fim de semana. Mora em um sítio na cidade de Aroeiras e relata que não é incomum ouvir diversos casos nos arredores. "Eu aprendi muita coisa de ouvir muita gente falar. Deve ser um espírito de caboclo, de dentro do mato. Isso eu sei porque minha mãe contava. O povo antigo que falava mais. Sei também que Cumade Fulozinha gosta de fumar. As pessoas aqui botavam cigarro e pimenta nas pedras. Aí ela realmente lhe acompanha. Mas, se ela não gostava da pimenta, metia o cacete com surra de urtiga nos matos".

Segundo ela, a presença da Cumade Fulozinha ainda persiste. "O marido da minha irmã, certa vez, vinha chegando em casa de madrugada. Quando ele passava em um canto que tinha muito riacho e pé de Baraúna, que dificultava a sua vida, ele a insultava. Quando foi uma vez, ele escutou alguns assovios e começou a insultar ela. Pois ele passou a noite batendo dentro dos matos sem achar a saída. Chegou em casa contando a Lirinha, minha irmã".

Seu filho, Pedro Henrique Albuquerque, ainda ouve falar sobre a entidade. "Ela é um espírito da floresta que protege os animais e plantas, com cabelos pretos e longos, adora receber principalmente papa de aveia. Ela gosta de fazer trança nas crinas e rabos de cavalos que apenas ela consegue desfazer e, às vezes, gosta de montar neles e deixá-los muitos agitados". Pedro conta que aprendeu sobre a Cumade Fulozinha por meio da cultura local e também ouvindo os mais velhos que passam os ensinamentos de geração para geração.

Por mais que não chame de processo de desencantamento, Severina reconhece que a destruição das matas afasta Cumade Fulozinha. "Eu acredito, sabe? A gente já viu tanta coisa, principalmente de noite. Hoje em dia, é que mudou muito. Onde existia mato, agora é cidade. Nesse tempo, não existia energia, então era candeeiro com vela. Agora é luz, tudo iluminado. Isso afasta ela, que vai se distanciando".

O pajé Isaías Guarapirá explica como isso afeta suas vivências na aldeia. "Hoje, a Cumade Fulozinha está perdendo a força dela porque os homens estão destruindo tudo: a floresta para plantar cana queimando, acabando com a natureza e aí esses encantadores vão perdendo suas forças e se afastando do território". Uma forma de lidar com o desencantamento do mundo e pensar na retomada indígena seria incentivar o conhecimento sobre as práticas nativas e reconhecê-las no cotidiano.

Rebeca Menezes enfatizou alguns processos necessários para isso. "É preciso incentivar a leitura e estudo de autores indígenas. Preservar os povos indígenas é reconhecer os elementos originários nas culturas locais e chamá-las pelo nome. É espalhar nossos nomes por prédios históricos e ruas; é convidar parentes indígenas para debates, exposições e feiras; é incluir a pauta indígena nos debates ambientais, antirracistas e demais diversidades".

Foto: Arquivo pessoal



Severina Albuquerque e seu filho, Pedro: ensinamentos orais de não indígenas sobre os encantados passados de geração para geração



Ilustração: Bruno Chiossi

Pai do Mangue: seres espirituais são reais e estão presentes desde a raiz ancestral até os dias atuais

SUPERAÇÃO

Professor defende o cultivo de uma visão científica das práticas indígenas

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Não basta conhecer os desafios que a realidade de estigmatização da espiritualidade indígena apresenta; é preciso trabalhar para superar essa visão distorcida. O professor Fábio Mura defende que se cultive uma visão científica das práticas indígenas tidas como mágicas ou sobrenaturais, e cita um exemplo para ajudar a compreender esse processo: antes da descoberta da energia elétrica, os efeitos de um raio eram tidos como fenômenos inexplicáveis, porque não estavam no domínio do que poderia ser considerado científico; quando se conseguiu explicar como os núcleos dos átomos e elétrons funcionavam e eles passaram a ser mensurados, a ciência conseguiu enxergar aquilo que antes não via. "Um xamã faz exatamente isso: ele enxerga e interage com algo que existe no mundo, que as pessoas comuns não conseguem fazer, e nós consideramos isso como não científico, quando, na verdade, é científico", argumenta.

O antropólogo considera pertinente o uso do termo "ciência indígena", adotado no Nordeste para se referir à "religião" dos povos originários, porque expressa o modo de vida e de os indígenas se relacionarem no mundo a partir do conhecimento sofisticado de técnicas para lidar com seres e com a vida nos seus respectivos ambientes, apesar da violência colonial que ainda sofrem. "São relações vitais", pontua o especialista.

Esse é o caminho apontado também pela majé Amanacy Potiguara para superar a visão, difundida nas mídias e na literatura, de que a existência dos encantados é fruto da imaginação. "Uma das alternativas para combater essa desconstrução de crenças seria incentivar tanto academicamente quanto de forma cultural a produção de mais artigos, livros e outros materiais audiovisuais que corroborem com o esclarecimento de que, mais do que na oralidade, os seres espirituais são reais e estão presentes desde a raiz ancestral até os dias atuais", sugere.

A pesquisadora Iranilza Potiguara aposta na educação e na mídia para desconstruir as percepções errôneas sobre os saberes tradicionais indígenas. Nas escolas, ela acredita que iniciativas como livros, documentários e filmes poderiam oferecer às crianças mais informações a partir de quem vive, por isso destaca a importância de os povos indígenas ocuparem espaços como a pesquisa acadêmica. "É um avanço muito importante, porque aí a gente tem a possibilidade de produzir material que chegue às escolas e, chegando às escolas, as crianças vão ter acesso e, quando se tornarem adolescentes e adultos, elas já vão ter bebido na fonte", propõe, mesmo reconhecendo os conflitos que implicam falar das vivências dos encantados no contexto religioso ocidental.

Nesse sentido, outra sugestão no campo educacional da pesquisadora, que já foi gestora escolar em seu município, é valorizar o calendário indígenas nas escolas públicas e não adotar exclusivamente o calendário das festas cristãs, que só trata dos povos indígenas durante o mês de abril. "Até as escolas dentro dos territórios indígenas já vêm com a proposta curricular pedagógica para trabalhar a semana da Páscoa, o Natal, alguns santos… Por que as escolas não têm um calendário para trabalhar a questão indígena durante todo o ano?", questiona Iranilza Potiguara.

São pequenos passos a serem trilhados, nas escolas, na academia, na mídia e na sociedade, para descobrir e respeitar os saberes ancestrais dos povos originários.